

**Universidade Federal de Pelotas
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História**



Dissertação

**Um ilustrado nas fronteiras da alteridade:
Félix de Azara e a questão do “outro”**

Dário Milech Neto

Pelotas, 2015

Dário Milech Neto

**Um ilustrado nas fronteiras da alteridade:
Félix de Azara e a questão do “outro”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: **Prof. Dr. Fernando da Silva Camargo**

Pelotas, 2015

Dados de Catalogação na Publicação
Kênia Moreira Bernini – CRB-10/920

D469i Milech Neto, Dário

Um ilustrado nas fronteiras da alteridade: Félix de Azara e a questão do "outro" / Dário Milech Neto ; Fernando da Silva Camargo, orientador - Pelotas, 2015.

121 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2015.

1. Azara, Félix. 2. Alteridade. 3. Ilustração. 4. Viajantes. 5. Fronteiras. I. Camargo, Fernando da Silva orient. II. Título.

CDD981

Dário Milech Neto

Um ilustrado nas fronteiras da alteridade: Félix de Azara e a questão do
“outro”

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em História, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 23/04/2015

Banca examinadora:

Prof. Dr. Fernando da Silva Camargo (Orientador)

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil.

Prof. Dr. Artur Henrique Franco Barcelos

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil.

Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Bohn Martins

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil.

*Em memória de Félix de Azara,
companheiro de estudos durante dois anos,
cujo legado proporcionou que eu fizesse esta dissertação.*

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao meu orientador, o professor Fernando Camargo, profissional que me espelha, por ter me apresentado à figura de Félix de Azara e pela paciência e disponibilidade em me orientar.

Ao Programa de Pós-Graduação em História, sobretudo ao professor Aristeu Lopes, pelo trabalho competente que faz. Tenho orgulho de ter participado do corpo discente do mestrado.

Agradeço ao apoio financeiro da FAPERGS, que tornou possível essa pesquisa.

Aos professores Artur Barcelos, Maria Cristina e Paulo Possamai pela disposição em ler o meu trabalho, o que me honra muito.

Aos colegas de turma, como o Jean, pelas amizades e angústias de mestrandos compartilhadas.

Agradeço em especial à minha companheira, Jerusa, pela compreensão e carinho durante os dois anos de mestrado.

Agradeço, por fim, à minha família que sempre me apoiou nos estudos.

Resumo

MILECH NETO, Dário. **Um ilustrado nas fronteiras da alteridade: Félix de Azara e a questão do “outro”**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação de História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

Com a assinatura do Tratado de 1778, diversas expedições foram enviadas pelas coroas ibéricas para a demarcação dos limites entre as suas possessões na América. Em uma dessas expedições, veio para a região platina o aragonês Félix de Azara (1742 – 1821). Devido à postergação do serviço das demarcações, Azara decidiu empreender várias viagens no interior do continente americano, coletando informações sobre os locais nos quais passava. Com esse trabalho, o militar tornou-se um reconhecido naturalista em seu tempo. O objetivo da presente dissertação de mestrado é compreender a visão de Félix de Azara sobre o “outro” e quais relações o aragonês manteve com os habitantes locais. Para isso, utilizaremos a proposta do linguista Tzvetan Todorov (2011), para abordar o tema da alteridade no período da ilustração. Com isso, pretendemos conhecer melhor não só Azara, mas também seu olhar como ilustrado espanhol sobre a sociedade platina do final do século XVIII.

Palavras-chave: Félix de Azara – Alteridade – Ilustração – Viajantes – Fronteiras

Abstract

MILECH NETO, Dario. **An enlightened at the borders of otherness: Felix de Azara and the issue of "other."** Master's dissertation presented at the Programa de Pos-Graduacao em Historia, Instituto de Ciências Humanas (ICH), Universidade Federal de Pelotas, (UFPEL), 2015.

After the signature of the Treaty of 1778, many expeditions were sent by the Iberic crowns with the purpose of demarcating the borders of their possessions in the America. In one of these expeditions came to the region the Aragonese Felix de Azara (1742 – 1821). Due to the delay in the demarcation works, Azara decided to undertake many voyages to the inland of the American continent, collecting informations about the places where he passed. With this labour, the military became a recognized naturalist in his time. The objective of this dissertation is to understand the point of view of Felix the Azara towards the “other” and what relations the Aragonese kept with the local inhabitants. In order to do that we are going to use the proposition of Tzevetan Todorov on approaching the theme of “otherness” in the Enlightenment era. We intend to know better not only Azara, but also his point of view as a Spanish of the Enlightenment Era about a platine region society in the late XVIII century.

Keywords: Félix de Azara – Otherness – Enlightenment – Travelers - Borders

Lista de figuras

Figura 1 - Retrato de Félix de Azara por Francisco de Goya, 1805. Zaragoza.	10
Figura 2 - Mapa realizado por Mones e Klappenbach (1997, p. 221) com o percurso realizado por Azara desde Buenos Aires até Assunção. Recorte do mapa realizado por Contreras Roqué (2011).....	49
Figura 3 - Arrivée en France de quatre sauvages Charruas. François de Curel, 1833. Fonte: http://quartodejade.files.wordpress.com/2010/06/charruas.jpg Acessado em: 10/01/2014	73
Figura 4 - - A Payaguas Indian Shaman Attempting to Turn Away a Hurricane, Paraguay, 1811. Fonte: http://evelyn_saenz.squidoo.com/Big-Annie . Acessado em: 11/01/2014.	92
Figura 5 - Eleodoro Marengo "Jugando al pato". Fonte: http://www.identidad-cultural.com.ar/leernota.php?cn=420 . Acessado em: 11/01/2014.....	95
Figura 6 - Carta reducida de toda la Provincia del Paraguay levantada en varios años y concluida en 1793 por el Capitán de Fragata D. Félix de Azara y los geógrafos en mando. Em CONTRERAS ROQUÉ (2011: p. 133).	116
Figura 7 - Típica casa paraguaia. Desenho de Félix de Azara. Em Azara (1904: p. 15).....	117
Figura 8 – Três tomos da primeira edição do <i>Voyage</i> (1809).	118
Figura 9 – Livro <i>Viajes por la America del Sur</i> , segunda edição, traduzido por Bernardino Rivadavia.	119

Figura 10 - Primeira página do manuscrito de Memoria Rural del Rio de la Plata (1801). Biblioteca Nacional (RJ).....120

Figura 11 - Estátua de Félix de Azara no Museu de História Natural de Barcelona, feita por Eduard Alentorn em 1884. Site da imagem: https://c2.staticflickr.com/6/5453/8800590515_2d6b675e73_b.jpg Acessado em 02/03/2014.121

Sumário

1. Introdução.....	11
2. Azara	16
2.1. Início da trajetória: os primeiros anos de vida.	19
2.2. Um funcionário a serviço da coroa: o início da fase militar	23
2.3. O episódio de Argel e as tarefas até o embarque para a América.....	28
2.4. Concepção de mundo do militar ilustrado.	36
2.5. A etapa paraguaia.....	46
3. O outro.....	60
3.1. As fontes: o enigma Azara	62
3.2. Ilustração e alteridade	67
3.2.1. Naciones de Indios	69
3.2.2. Jesuítas.....	76
3.2.3. La gente de color	80
3.2.4. Os espanhóis	83
3.3. As práticas cotidianas dos “outros”	87
3.4. Etapa final americana.....	97
4. Considerações finais.....	101
4.1. Sobre os anos finais e o legado de Azara.....	104
Fontes utilizadas	108
Referências bibliográficas	110
Anexos	116



Figura 1 - Retrato de Félix de Azara por Francisco de Goya, 1805. Zaragoza.

Link: <http://www.almendron.com/artehistoria/arte/pintura/goya-realidad-e-imagen/retrato-de-felix-de-azara/>
Acessado em 02/05/2014.

1. Introdução

Félix de Azara (1742 – 1821) chegou à América meridional em 1782 como um dos comissários encarregados da demarcação *in loco* da linha divisória entre as possessões das metrópoles ibéricas, prevista pelo Tratado de Santo Ildefonso (1778). Teria que ficar, a princípio, alguns meses até a conclusão desse trabalho. Porém, por vários motivos, acabou ficando 20 longos anos.

Nesse meio tempo, como os trabalhos de demarcação não se iniciavam, Azara decidiu por sua própria conta realizar viagens ao interior da província do Paraguai, coletando diversos tipos de informações, sobre a geografia, a fauna, a flora e as práticas cotidianas das pessoas locais. Fez esse compilado de dados também acerca das regiões da Banda Oriental e portenha.

Essas informações tornaram-se, posteriormente, renomadas obras pertencentes ao então ramo de conhecimento denominado como história natural. Como o militar se inseriu no grupo dos homens que “vivenciaram o que escreveram”, seu relato adquiriu certo status em relação com os textos de outros estudiosos, os chamados cientistas de gabinete.

As narrativas de Azara foram impressas, lidas, reproduzidas e traduzidas em diversas línguas no decorrer dos anos na Europa. O livro com maior número de edições e mais bem conhecido do militar foi o *Voyages Dans L'Amerique Meridionale* (1809), publicado na França.

Os relatos de Azara sobre um lugar tão remoto do continente americano, até então pouco estudado, geraram curiosidade: como eram os animais, as plantas, os costumes daquele lugar? Além disso, seus escritos estavam incrustrados no centro de um debate sobre a polêmica do Novo Mundo no final do século XVIII e início do XIX, que envolveu diversos pensadores.

Existiam escritos de outros militares, como os feitos pelos comissários demarcadores colegas de Azara, contudo, o volume e a singularidade da escrita do arago-

nês o destacaram. Claro que temos que lembrar que ele recebeu a ajuda de seu irmão, José Nicolás, para a impressão e circulação das obras.

A princípio, o projeto da presente dissertação seria sobre um tema explorado especialmente pela historiografia uruguaia: a influência que teria tido o corógrafo ilustrado no pensamento de figuras que, pouco tempo depois de seu retorno para a Espanha, teriam uma atuação determinante nos processos de independência da região do Prata. Uma dessas figuras seria José Gervasio Artigas (1764 – 1850).

Entretanto, conforme estudávamos as fontes, sobretudo, a tradução em espanhol do *Voyages* (1809), o *Viajes por la América del Sur* (1850), fomos nos interessando pelas descrições de Azara quanto aos “outros” – os indivíduos que habitavam os locais por quais ele passou. Modos de habitar, se alimentar, vestir, etc., foram anotados pelo militar, e nos despertavam a atenção em meio a uma escrita extremamente técnica, cheia de números de coordenadas geográficas, de pesos, medidas, topônimos de povoados, rios e lagoas.

O objeto foi escolhido: a percepção e interação de Félix de Azara em relação a esses “outros”. Mas são diversos os trabalhos que utilizaram os seus escritos (e de outros demarcadores) para falar dos “outros”, principalmente estudos referentes ao “outro” indígena, como é o caso do trabalho de Felipe (2013).

Surgiu daí um problema: como escrever sobre a percepção de Azara frente aos “outros” sem cair na repetição?

Para isso, recorremos a um dos maiores nomes que trataram da alteridade: o linguista Tzvetan Todorov. Em seu livro *A Conquista da América: a questão do “outro”*, cuja edição original é de 1982, Todorov elaborou uma tipologia que, como veremos no decorrer desta dissertação, ajuda a sistematizar como se dá a relação do *eu* com *outrem*.

Assim, levando em conta todos os grupos descritos por Azara (nações de índios, espanhóis e mestiços), podemos ter um panorama da sua compreensão do outro ao mesmo tempo em que visualizamos todo o cotidiano de uma gente comum em um dado período de tempo e de uma região.

Devemos, antes de tudo, compreender quem foi nosso personagem, e, a partir disso, escreveremos o primeiro capítulo sobre a vida inicial de Félix de Azara, sua formação como um militar até sua partida para a América e a sua estadia no continente até 1801.

Nesse capítulo, veremos o contexto histórico no qual esteve inserido o militar e o quanto as ações reformistas do reinado de Carlos III de Bourbon foram decisivas para os rumos que tomaria sua biografia.

Atentaremos para a cosmovisão de Azara como um homem da ilustração espanhola. Observaremos quais foram as ideias filosóficas e religiosas que o aragonês provavelmente tinha, assim como os contemporâneos de sua geração. Ainda caberá um apanhado do que seria o projeto do iluminismo europeu.

Explicaremos quais foram as atividades executadas e como pode ter sido o cotidiano de Azara, agora como comissário da terceira partida (grupo) de demarcação pelo lado espanhol, já com mais de 40 anos de idade.

Os possíveis motivos que o levaram a se dedicar à história natural também serão abordados nessa parte, embora saibamos que o militar não deixou muitas pistas em seus textos que referenciem diretamente a sua tomada de decisão em se tornar um cientista.

Juntamente com isso, veremos o tipo de contato que Azara manteve com vice-reis e governadores da região quando tocarmos no assunto das demarcações e quais os problemas que enfrentou para realizar tanto o seu trabalho como demarcador quanto o de naturalista.

Já no segundo capítulo, a questão que abordaremos é a da percepção de Azara e sua relação com os “outros”, o tema principal da dissertação. O conceito de alteridade, como já dissemos, será discutido e terá como proposta teórica principal a tipologia elaborada por Todorov (2011), na qual a relação com o “outro” se daria em três planos diferentes. O plano temporal nesse capítulo é o da sua estadia no Paraguai até a sua volta para a metrópole.

O tratamento das fontes e quais os cuidados que devemos ter quando trabalhamos com a literatura de viagem estará presente nesse bloco. Utilizaremos as se-

guintes obras de Azara: *Viajes por la América del Sur* (1850); *Memorias sobre el estado rural del rio de la Plata* (1801); *Geografía física y esférica de las provincias del Paraguay y misiones guaraníes* (1904); *Viajes Inéditos desde Santa-Fe a la Asunción, al interior del Paraguay y a los pueblos de misiones* (1873); além de algumas cartas que ele escreveu.

Utilizaremos, também, o livro de Álvaro Mones e Miguel Klappenbach, intitulado *Un ilustrado aragonés en el Virreinato del Rio de la Plata: Félix de Azara (1742-1821). Estudios sobre su vida, su obra y su pensamiento* (1997), que foi substancial para esta dissertação, com diversos dados e cronologia, além de mapas elaborados pelos autores com os caminhos percorridos pelo aragonês na América.

As obras do biógrafo de Félix de Azara, o professor Julio Rafael Contreras Roqué, são indispensáveis para o auxílio deste estudo. Com o bicentenário da independência do Paraguai, três tomos foram lançados por ele, denominados *Félix de Azara: Su vida y época*, cada um sobre uma etapa da vida do militar.

Os livros de Contreras Roqué são importantes pelo conhecimento dele acerca de Azara, pois o referido autor estuda o aragonês há décadas. Também são imprescindíveis pela quantidade de bibliografia e documentos levantados por ele e pela abordagem de lacunas até então deixadas pela historiografia anterior, como foi o caso da infância e personalidade do personagem.

Temos que lembrar que essa biografia citada ainda encontra-se na primeira edição, além de possuir certo tom nacionalista, dando a entender, em algumas passagens, que Félix de Azara considerava o Paraguai como uma segunda pátria e era feliz lá, o que não se sustenta, visto que em seus textos nunca mencionou isso, fora os diversos pedidos para voltar à Europa realizados por ele.

A digitalização da maioria dos escritos de Azara, disponíveis gratuitamente na internet, ajudou na realização da pesquisa, pois são documentos que até pouco tempo atrás estariam acessíveis apenas em arquivos espalhados ao redor do mundo. São facilidades que o historiador da era da web possui atualmente.

Enfim, o presente trabalho busca percorrer a trajetória de vida de um homem que em dado momento de sua existência entrou em contato com pessoas de culturas tão diferentes da sua, do outro lado do oceano, nos confins de um continente

ainda pouco explorado. Um homem que procurou aprender mais sobre o “outro” e dedicar diversas páginas sobre os costumes desses indivíduos.

Que comecemos, então, a vislumbrar a jornada do militar que quis ser naturalista.

2. Azara

“Un ilustrado no nace, sino que se hace”

Julio Rafael Contreras Roqué, 2010.

Mais de 200 anos nos separam do tempo em que o militar estudado por esta dissertação de mestrado viveu. Praticamente os mesmos 200 anos em que a humanidade começou revoluções, nos diversos campos, que moldaram (e ainda moldam) o complexo mundo contemporâneo em que vivemos.

Precisamos entender quais foram essas circunstâncias em que um homem como Félix de Azara tornou-se um dos ilustrados espanhóis mais brilhantes de seu tempo. Para isso, é crucial apreender qual foi sua formação até a ocasião em que chegou à América, em 1782, como um engenheiro delineador qualificado para a função principal de sua missão.

No sentido de representar a trajetória de vida de uma pessoa, se faz necessário compreender, mesmo que de uma maneira parcial, o momento em que ela vivera e qual sua história individual, suas crenças e atitudes com as ocasiões que se apresentaram ao longo de sua existência. Porém, como veremos adiante, o caso da figura de Azara traz mais pontos a serem considerados por quem for tratar de estudá-lo.

Em se tratando de biografias sobre o militar, diversas obras foram escritas. Podemos citar algumas que consideramos de relevância e que, pela questão de tempo, puderam ser consultadas mais detalhadamente.

Ainda em vida, Azara teve sua primeira biografia publicada, junto com o seu livro mais conhecido, *Voyages dans l'Amérique Meridionale*, em 1809, pelo escritor e

cientista Charles Athanase Walckenaer (1771-1852). Nesta obra, o biógrafo francês nos mostra um Azara esquecido na América meridional, sem recursos, com uma personalidade aberta para com os ameríndios e seus companheiros de trabalho, além de compará-lo a Humboldt. Mesmo com alguns vícios, como o de vangloriar o biografado, a obra de Walckenaer contém alguns dados importantes, sobretudo, pela preparação dos escritos junto ao próprio Azara através de correspondências e encontros pessoais em Paris e pela discussão de questões a respeito de história natural da época.

Em 1846-47 foi a vez de aparecer, em Montevideu, a tradução do francês para a língua espanhola dessa edição de *Voyages*, realizada por Bernadino Rivadavia (1780-1845). Na Espanha, o livro somente foi publicado em 1923, traduzido por Francisco de las Barras de Aragón (GÓMEZ, 2009, p. 115).

Nesse mesmo período (1847), Basilio Sebastián Castellanos de Losada (1808-1891) publicou no segundo tomo de *Descripción e Historia del Paraguay y del Rio de la Plata* (compêndio com textos contidos no *Voyages*) a sua *Biografía del señor Don Félix de Azara*. Castellanos de Losada foi considerado, para Contreras Roqué (2010), um mercenário. Esse forte adjetivo se deveu às suas mentiras escritas a respeito de Azara (como sua suposta rejeição a uma condecoração a ser feita pelo rei Fernando VII e o suposto oferecimento do cargo de vice-rei de Nova Espanha), e, também, pelo seu envolvimento juntamente com Agustín de Azara y Mata, sobrinho de Félix de Azara, no ocultamento e destruição de documentos relacionados ao militar aragonês (CONTRERAS ROQUÉ, 2010, p. 21).

Reproduzindo a nota biográfica que fez Walckenaer, com algumas pequenas modificações, o filólogo austríaco Rodolfo Riemel Schuller (1873-1932) publicou no ano de 1904, em Montevideu, o manuscrito até então inédito de Félix de Azara, *Geografía física y esférica de las Provincias del Paraguay y misiones guaraníes* (DA ROSA, 2013, p. 137).

Nos anos 1930, Enrique Álvarez López (1935) publicou uma biografia juntamente com seu estudo em que, de certa forma, afirmava que Azara teria sido o precursor da teoria evolucionista de Charles Darwin (1809-1882).

Posteriormente, essa tese foi defendida por alguns outros biógrafos de Azara, como o caso do francês Olivier Baulny, no final da década de 1960, e ainda encontra ecos até os dias de hoje – embora a bibliografia atual sobre o militar em sua grande parte tenha desmentido tal hipótese. Através dos escritos de Darwin, percebemos que o cientista inglês citava Azara em algumas passagens apenas para dar alguns exemplos.

Em 1997 foi publicada, através dos anais do Museu de História Natural de Montevidéu, uma importante biografia do militar escrita por Álvaro Mones e Miguel Ángel Klappenbach: *Un ilustrado aragonês en el Virreinato del Río de la Plata: Félix de Azara (1742-1821)*. Lançado em comemoração aos 175 anos da morte de Azara, o volume foi referência para diversos estudos posteriores sobre o personagem, contendo ilustrações elaboradas pelos autores, como os mapas contendo as localidades pelas quais Azara passou ao viajar de Buenos Aires até Assunção.

Em 2010 e 2011 foi lançado o trabalho de maior fôlego sobre Félix de Azara: a biografia escrita pelo biólogo argentino radicado no Paraguai Julio Rafael Contreras Roqué. A obra *Félix de Azara: Su vida y su época*, que se divide em três volumes para abarcar as três etapas distintas da vida do ilustrado (sua formação até sua partida para o novo mundo; sua estadia na América; e seu retorno até sua morte), é fruto de uma pesquisa de vários anos que foi pensada para compor uma obra após as Primeiras Jornadas Azarianas, em 2005, realizadas em Madrid e Huesca, com o intuito de debater e divulgar a figura de Azara.

Contreras Roqué é detentor de uma ampla gama de bibliografias e documentos a respeito do naturalista. A decisão de lançar a biografia com o aporte da *Diputación* de Huesca se deveu, segundo o autor, pelo fato de considerar que Félix de Azara estaria extraviado e esquecido por parte da maioria das obras escritas sobre ele. Além disso, desde o ano de 2000 com um pequeno livro de Albiac Blanco, o aragonês fora obra apenas de estudos, como artigos e teses, que não tinham como preocupação principal o caráter biográfico.

Como no título dos três tomos, e a exemplo de Mones e Klappenbach (1997), o biólogo escreveu sobre Félix de Azara, sempre tendo em vista a sua época, sobretudo, centrando-se na figura do rei reformista Carlos III que, notamos, é superestimado pelo autor demasiadamente, a ponto de ganhar qualificativos como o de “me-

lhor soberano”, um homem de vida pessoal “impecável” e uma pessoa que soube inclusive “prever” os conflitos e problemas diversos que surgiram durante o seu reinado.

En suma, Félix de Azara desplazó su vida bajo el poder de siete soberanos, pero lo central, lo decisivo, aquello de lo cual dependió incluso la consumación y la publicación de su obra, ya fallecido hacía años Carlos III, dependió del impulso que éste había dado a la reforma ilustrada, transformando España notablemente, aunque todo se removiera y entrara en convulsión tras la desdichada política del Príncipe de la Paz y la intervención napoleónica (CONTRERAS ROQUÉ, 2010, p. 29).

Enfim, para escrever acerca do personagem, recorreremos a duas obras já citadas, que consideramos de relevante ajuda para o caso do presente estudo, a de Mones e Klappenbach (1997) e a de Contreras Roqué (2010).

2.1. Início da trajetória: os primeiros anos de vida.

A primeira etapa de vida, a infância (e início da adolescência), é considerada por Contreras Roqué (2010) como uma das mais importantes na formação de uma pessoa: sua personalidade seria formada nesse momento. Contudo, é a etapa menos conhecida de Félix de Azara. A maioria dos autores, como Schuller (1904), Álvarez López (1935) e Mones e Klappenbach (1997), não deram atenção para esse período, sem arriscar alguma hipótese sobre como vivera o menino Azara.

Félix Francisco José Pedro de Azara y Perera, nascido no dia 20 de maio de 1742, foi o sexto dos sete filhos que o casal Alejandro de Azara y Loscertales (1702-1778) e Maria Teresa Perera (1705-1782) tiveram. Don Alejandro de Azara era um *infanzón*¹ na localidade altoaragonesa de Barbuñales. Um senhor que possuía um casarão do século XV, com suas terras e alguns empregados para trabalhar com os afazeres.

Pouco sabemos sobre a condição financeira da família dos Azara de Barbuñales. O que sabemos é que seria uma família muito ligada à Igreja. Don Mamés de Azara y Loscertales (1698-1773), irmão de Alejandro, era eclesiástico na Catedral de

¹ Nobre ou fidalgo que em suas heranças tinha direitos e poderes limitados.

Huesca. O primeiro dos filhos de Alejandro e Maria Teresa, Eustáquio de Azara y Perera (1727-1797), também seguiu, por promessa da mãe, a carreira de eclesiástico, quebrando a ordem do *mayorazgo*, em uma sociedade estamentária, na qual um dos filhos (preferencialmente o primogênito) deveria permanecer em sua terra natal para herdar os bens de seus pais e, assim, levar adiante o sobrenome da estirpe.

Para dar continuidade à estirpe através de uma boa inserção social dos filhos, os pais custeavam desde cedo sua educação. Azara teria sido letrado no próprio casarão familiar, sob a tutela de algum mestre eclesiástico.

Barbuñales era um povoado rural, com poucas estradas importantes de acesso ou passagem na época. Isolado - em uma comunidade também isolada -, Félix possivelmente era apartado, no cotidiano, de outros aldeões que não partilhavam de sua posição social. Seria, assim, um menino triste e desprovido de carinho como supõe Contreras Roqué, que ainda arriscou a escrever:

Posiblemente tendría también consigo, y de por vida, algo de ciclotímico, con entusiasmos y abatimientos alternativos, algunos superlativos, como se llega a poder atisbar en su epistolario – ¡en lo que resta del mismo!- durante el período americano de su vida, después de 1781 (CONTRERAS ROQUÉ, 2010, p. 87).

Azara estava inserido em uma sociedade rural, patriarcal e de caráter, sobretudo, religioso, na Espanha do século XVIII, que parecia mal ter saído da era medieval. Mesmo assim, é possível supor que sua família fosse culta, que possuísse alguns livros, embora se desconheça que no casarão tenha havido alguma biblioteca.

Além das obras de caráter religioso, Contreras Roqué (2010) citou uma passagem na qual Castellanos de Losada (1848) escreveu que Alejandro de Azara provavelmente teria lido alguns livros sobre agricultura, recorrentes na época, e que tais livros poderiam se encontrar no casarão, junto com demais obras. Isso implicava que Félix de Azara fora criado em um ambiente minimamente culto literariamente, embora os dois autores citados não se perguntem quais seriam esses livros de agricultura que o pai de Azara possuía, e se, ainda, eles teriam tido algum tipo de influência no interesse do aragonês pelos escritos sobre a natureza – afinal, se concordamos com a hipótese de um menino e adolescente que passara solitário seus primeiros anos em um casarão, seria de se supor que em algum momento ele teria pelo menos folheado alguns desses livros para ler ou simplesmente se distrair.

Em 1757, aos 15 anos de idade, Félix de Azara foi morar com seu tio Mamés e ingressou na Universidad de Huesca, uma instituição tradicional na localidade próxima a Barbuñales. Estudou na Faculdade de Filosofia para, depois, poder ingressar para as chamadas “Faculdades Mayores”, como teologia, cânones ou direito. No caso de Azara, ele se inscrevera na Faculdade de Leis.

Em Huesca, Azara estudou disciplinas como latim, sintaxe, poesia, teologia, geografia, filosofia aristotélica e história clássica e europeia. A disciplina de física seria a mais próxima de uma ciência exata, com matemática elementar e a física propriamente dita. Mas, podemos notar, a maioria das disciplinas versava sobre a área que hoje consideramos das humanidades.

Cabe citar, ainda, que as universidades na Espanha, no momento em que Azara estudava, eram extremamente conservadoras e antiquadas, no sentido em que continuavam com o ensinamento escolástico típico da era medieval e não abertas as novas ideias. O conhecimento em história natural, por exemplo, era escasso e não lecionado como disciplina de algum modo.

Somente a partir da segunda metade do século XVIII, com as reformas do “déspota esclarecido” Carlos III, que as universidades da Espanha começaram a ser modernizadas com as novas propostas que o Iluminismo trazia para a área da educação.

Martínez Rica (2008) salientou em seu estudo que, enquanto Azara cumpria seus primeiros dois anos na Faculdade de Filosofia e seus outros dois anos na Faculdade de Leis, o ambiente da história natural como interesse científico se consolidava na Europa baixo a tutela de dois nomes: o sueco Carlos Lineu (1707 - 1778) e o francês Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707 - 1788). Foi o momento em que, ambos naturalistas, divulgaram seus trabalhos que influenciariam de modo determinante no estudo da disciplina.

Foi também no mesmo período em que Denis Diderot (1713 - 1784) e Jean le Rond d'Alembert (1717 - 1783) publicaram, em 1751, o primeiro volume de sua famosa Enciclopédia, tentando sistematizar o saber da época e com isso propagando as ideias iluministas.

Em 1761, Félix de Azara abandonou seus estudos na Universidad de Huesca sem completar seu nível superior por motivos até hoje desconhecidos. Aqui há uma das maiores brechas na sua biografia, uma lacuna para a qual não há fonte alguma respaldando o que teria motivado essa intrigante decisão.

Para Martínez Rica (2008), uma das hipóteses seria a de que Azara estaria entediado por ter de estudar leis e filosofia e, por isso, ao contrário dos irmãos mais velhos, teria se decidido por dar outro rumo para sua vida. Já Contreras Roqué (2010) trabalhou com duas possibilidades, ambas relacionadas ao suposto caráter forte de Azara.

A primeira seria a de que tivesse havido um desentendimento entre Félix de Azara e seu tio, Don Mamés, por algum assunto de caráter particular que afetasse de maneira aguda as relações entre os dois e a família. A segunda seria uma possível discórdia com algum professor da Universidad de Huesca, que teria causado a sua expulsão da citada instituição.

Essas hipóteses levantadas por Contreras Roqué vão ao encontro com sua afirmação acerca da personalidade de Félix de Azara, que, para ele, foi assunto deixado de lado em outras biografias. Segundo o autor, não é dada ênfase no quanto Azara teria sido uma pessoa individualista, com tendência ao isolamento de outras pessoas, um comportamento solitário:

Ni siquiera los guardó cordiales y cercanos [laços] con los demás demarcadores de las diversas partidas que actuaron conjuntamente en la frontera luso-hispana en América del Sur, Diego de Alvear [1749-1830], Juan Francisco Aguirre [1758-1811], Gonzalo de Doblaz [1744-1809], José Custodio de Sá y Faría [1737-1792]. Sus relaciones con ellos no pasaron de las oficiales o circunstanciales, frías y, en general, forzadas por factores de ocasión (CONTRERAS ROQUÉ, 2010, p. 121).

Félix de Azara, então, teria voltado para o casarão familiar de Barbuñales e permanecido até o ano de 1764, aos seus 21 anos, quando deu seu passo rumo à carreira que mudaria drasticamente sua vida dali para adiante: a de militar.

2.2. Um funcionário a serviço da coroa: o início da fase militar

Enquanto Félix de Azara ainda estudava na Universidad de Huesca, em 1759 subia ao trono do reino espanhol o monarca Carlos III de Bourbon (1716 - 1788). Seria aquele momento em que, parafraseando René Remond (2003), a fronteira do político se dilatou, não de forma extrema e totalitária, mas a ponto de abarcar a sociedade em diversas esferas e tentar modificá-la de algum modo.

O reformismo ilustrado espanhol foi impulsionado pela figura central do rei Carlos III que se cercou de homens que o auxiliaram a por em prática essas reformas como, por exemplo, o Conde de Floridablanca (1728 - 1808), Campomanes (1723 - 1802), Marquês de Esquilache (1699 - 1785) e o Conde de Aranda (1719 - 1798).

Além da já citada modernização das universidades e do ensino como um todo, seu governo realizou reformas também na área militar, fortalecendo-a. Fomentou a economia espanhola com medidas como o estímulo de criação de diversas Sociedades Econômicas de Amigos do País. Também repovoou áreas demograficamente pouco habitadas da Espanha com a ajuda de Campomanes.

Ainda citando as reformas de Carlos III, podemos salientar que nos interessam, para o estudo de Félix de Azara e seu momento histórico, três aspectos. O primeiro deles foi a tentativa de administrar melhor as possessões espanholas em ultramar. Para isso, foram instituídas as companhias de comércio, os regimes de intendências e foi criado o vice-reino do Rio da Prata em 1776. O segundo aspecto seria o do fomento à ciência como um todo e, conseqüentemente, às inúmeras expedições científicas da época para o novo mundo.

Percebemos, com isso, toda a intenção do reino de melhor conhecer e explorar suas colônias. É nesse contexto que se entende o quão necessária era a figura do explorador científico propriamente dito, em boa parte das vezes a serviço dos impérios, embora, como veremos no próximo capítulo, Azara fosse um exemplo um pouco peculiar ao modelo de explorador e naturalista do século XVIII.

O terceiro e último aspecto a ser salientado das reformas, é que a geração de Azara teria sido a aquela que, pela primeira vez, possuía uma ideia nítida de uma

Espanha como um país propriamente dito, unificado. Isso seria consequência das reformas borbônicas, mas foi, sobretudo, com o reinado de Carlos III que essa concepção tornou-se mais clara. Assim:

Essa era a nova lógica que a dinastia Bourbon trazia para a Espanha: a efetivação de um Estado nacional de fato e de direito. O exemplo era, obviamente, o francês, na busca dos limites mais extremos do fenômeno chamado de "absolutismo monárquico" e, portanto, a supressão de todos os resquícios da pulverização feudal (CAMARGO, 2004, p. 158).

Voltando para a trajetória de vida de Félix de Azara, encontramos um rapaz que aos 19 anos retornou para seu lar, onde viviam seus pais e seu irmão mais novo, Francisco Antonio (1744 - 1820). Contreras Roqué (2010) se distingue dos outros autores ao demonstrar o quão duro teria sido para Azara essa situação de voltar para o casarão e permanecer durante dois anos aproximadamente. Explicou o autor que, na conjuntura da época, uma circunstância como essa teria gerado muita frustração, sobretudo, para o seu pai, Don Alejandro, que possivelmente teria tentado consertar as coisas. O ato de abandono da universidade quebrava com a normalidade, ainda mais se pensarmos nos outros quatro irmãos mais velhos e uma irmã que já estavam com suas vidas encaminhadas, ou, melhor dizendo, ordenadas conforme preferiram seus pais.

Provavelmente Azara vivera esse difícil período sendo pressionado para retornar aos seus estudos ou acatar outra decisão para seu futuro, além de estar isolado de outras pessoas da sua faixa etária, pois seus irmãos mais velhos já não se encontravam no casarão, e o único com quem poderia ter tido um contato maior e que estava na residência, como citado, seria o caçula Francisco Antonio, que era o portador do *mayorazgo*, ou seja, tinha sido destinado a não se dedicar aos estudos e ficar no lar para herdar os bens materiais e o sobrenome familiar.

No primeiro dia de setembro de 1764, Félix de Azara ingressou como cadete no Regimento de Infantaria da Galícia. Aqui existe um episódio no mínimo curioso, pois segundo Mones e Klappenbach (1997) e demais autores, os pais de Azara alteraram sua data de nascimento de 1742 para 1746, pois devido a uma ordem real, não se poderia entrar para o regimento com mais de dezoito anos. Contreras Roqué (2010) ainda sugeriu que a entrada de Azara fora facilitada pelo Conde de Fuentes (1724-1776), chefe do regimento na época e que teria sido amigo da família Azara já há alguns anos.

Não sabemos como teria se dado a viagem de Barbuñales até a Galícia, mas teria sido a primeira de muitas que Azara posteriormente faria. Ao se encontrar no regimento:

Alojado con la tropa, comenzó en seguida con su adiestramiento, inmerso por primera vez en la algarabía de jóvenes que eran sus iguales e compartían el inicio de una carrera que sabían o presentían, al menos, de vida o muerte en común. Ante un mundo novedoso, en el que su voluntad imperativa debió de acallar más de un contraste con el orden cuartelero, al que seguramente debió adaptar su libertad aragonesa, sofrenando al máximo sus reacciones espontáneas, sosegó su ánimo y se entregó de lleno a obedecer y a cumplir con su deber: ya era un soldado español (CONTRERAS ROQUÉ, 2010, p. 128).

O autor da citação nos mostra um Azara que, mesmo com um temperamento forte demonstrado pelo seu epistolário, na maioria das vezes era um sujeito passivo aos acontecimentos. Ou seja, não faria sentido para nós, mesmo que um ambiente militar exija maior disciplina, considerar que apenas nesse momento Azara começava a aceitar o que lhe era imposto e também ser privado de suas opções de vida, pois não acreditamos – e as fontes e os autores demonstram isso –, que houvesse uma “liberdade aragonesa” de forma a Azara ter o poder de decidir fazer o que quisesse no porvir de sua trajetória antes da entrada no regimento.

A entrada de Félix de Azara no regimento se deu numa conjuntura bastante particular, num século em que o âmbito militar passou por uma série de aperfeiçoamentos em todo o continente Europeu: investimentos em artilharias, como canhões móveis; a participação de exércitos mais bem treinados; o trabalho em conjunto e o melhoramento na logística; a difusão do conhecimento militar através dos periódicos; e, o desenvolvimento das marinhas de guerra e, sobretudo, da engenharia bélica, com fortificações mais complexas como as elaboradas pelo francês Sébastien Le Prestre de Vauban (1633 - 1707) no final do século XVII. Para o professor americano Philip David Zelikow, todo esse processo poderia ser denominado como uma “revolução militar”².

Na Espanha, esse melhoramento se deu a partir da chegada dos Bourbon ao trono. Notamos que isso ocorreu no final do século XVII e início do XVIII, o que coincide com o período que estamos tratando e ao qual Zelikow (2014) se referiu como sendo o início da revolução militar.

² Informação proferida pelo professor Philip D. Zelikow durante a sétima aula online do curso “Modern World”, da Universidade da Virgínia, em maio de 2014.

Ao contrário das universidades de filosofia e leis, a área militar na Espanha passava por uma renovação na época em que Azara tornou-se um cadete. Durante a primeira década de seu reinado, o rei Felipe V (1683-1746) chamou Jorge Próspero de Verboom (1665 - 1744) para reorganizar o corpo de engenheiros militares ao modo como estava ocorrendo na França. O marquês de Verboom, que trabalhara com Vauban no serviço de fortificações, ajudou a recriar a Real Academia de Matemáticas de Barcelona, em 1711, com o intuito de formar engenheiros militares capacitados, onde Azara estudou e se formou posteriormente.

Ainda no reinado de Felipe V, a Armada espanhola passou por uma grande reforma, encabeçada pelo secretário de Estado José Patiño Rosales (1666-1736). Fomentou-se a marinha de guerra e o comércio em ultramar com as colônias, reestruturando-se a frota e aumentando consideravelmente seu número. Todos esses esforços se deram, sobretudo, dentro da necessidade bélica que impunha o conflito denominado como Guerra de Sucessão Espanhola (1701-1713), que envolveu boa parte dos reinos da Europa, uma guerra protagonizada entre as casas de Habsburgo e Bourbon em busca da legitimação de um herdeiro para o trono espanhol, vago com a morte de Carlos II (1661 - 1700).

Não podemos deixar de destacar duas figuras de extrema importância para a renovação militar da Espanha, que atuaram consecutivamente sob os reinados de Felipe V, Fernando VI e Carlos III. A primeira delas é a de Zenón de Somodevilla, marquês de Ensenada (1707 - 1781). Ainda jovem, foi chamado por José Patiño como ajudante na reforma da Armada, em 1720, e que daria seguimento posterior. Foi Ensenada quem sugeriu para Fernando VI a criação das Reais Sociedades Econômicas de Amigos do País, mas foi com o aval de Carlos III que elas surgiram e se espalharam pelo território espanhol, sendo frequentadas no princípio por engenheiros militares.

A segunda figura é a de Pedro de Lucuce y Ponce (1692 - 1779), asturiano, que lutou na Guerra de Sucessão, onde foi ferido em campo de batalha. A sua importância para exemplificar a renovação militar está no fato de ele ter reorganizado a Academia de Matemáticas de Barcelona, a partir de 1739. Além da atualização no ensino da academia, ele foi um dos mais destacados matemáticos e engenheiros

militares da época, publicando, inclusive, diversas obras sobre fortificações (CONTRERAS ROQUÉ, 2010, p. 134 e 135).

Foi nessa Academia de Matemáticas, com grande prestígio na época em boa parte graças a Pedro de Lucuce, que Félix de Azara ingressou no dia 1º de agosto de 1765, depois de fazer a viagem de Galícia até Barcelona.

Nesta instituição ocorreu a escalada de um aspirante para um engenheiro militar. A formação e profissão de Azara foram forjadas naquele local, tendo como base algumas disciplinas que seriam imprescindíveis para as tarefas que o aragonês viria a cumprir, as quais o geógrafo Capel Sáez (2005) pesquisou e descreveu:

Constaba el mismo (curso) de siete secciones (CAPEL SÁEZ, 1982: 292), a saber: aritmética vulgar y literal, o álgebra; trigonometría; fortificación; artillería; cosmografía; geografía y náutica; mecánica; óptica; y arquitectura, que se cursaban originalmente en cuatro años y después en tres, y que – desde 1743 – estuvieron provistas de “*instrumentos, modelos, globos y mapas*” necesarios para el aspecto práctico de las disciplinas; que concentraban en su programación y dictado los mejores y más avanzados saberes de la época, como queda evidenciado por los textos utilizados en los cursos (CAPEL SÁEZ, 2005, p. 340 apud CONTRERAS ROQUÉ, 2010, p.135).

Todos os autores consultados são unânimes em dizer que Félix de Azara se destacou durante o curso na Real Academia de Matemáticas de Barcelona, de modo a completá-lo não em três, mas em dois anos. Em novembro do ano de 1767, após o término desse curso, rendeu exame e foi nomeado *Ingeniero Delineador de los Ejércitos Nacionales y Fronteras*.

A partir desta data até o ano de 1775 nada se sabe sobre a vida pessoal de Azara: para onde teria ido após sua formação como engenheiro delineador, se teria mantido relacionamento epistolar com sua família, ou, até mesmo, se estivera por algum período no casarão de Barbuñales.

Se por um lado não sabemos o que Azara teria feito da sua vida pessoal no período, por outro temos dados do que ele teria realizado profissionalmente. Ainda em finais de 1767 iniciou os trabalhos de reparação de fortificações na Praça de Figueras (ou Figueres), atualmente um município na província de Girona³.

³ Informações retiradas das cronologias que Mones e Klappenbach (1997) e Contreras Roqué (2010) fizeram em suas obras, com um melhor aporte descritivo e mais bem elaborado feito pelo último autor.

Em março de 1768, o militar foi chamado para a então cidadela de Barcelona, onde foi incumbido para trabalhar na reparação do castelo de San Fernando, próximo ao local em que estava reparando as fortificações.

No mês de fevereiro de 1769, depois de um esforçado trabalho, Azara completou as tarefas descritas em Figueras. Entre esse ano e o seguinte, trabalhou fazendo o levantamento de planos em Alcalá e Guadalajara, mais especificamente na bacia dos rios Jarama e Henares.

Em meados de 1761, o militar foi destinado por quase sete meses para cuidar das fortalezas defensivas da ilha de Maiorca, no arquipélago denominado de Ilhas Baleares. Tal tarefa acarretaria sua promoção para o cargo de Mestre de Estudos de Engenheiros da Praça de Barcelona, em 1774. Também no mesmo ano, pelos seus méritos, foi nomeado *Ayudante* na Real Academia Militar de Matemáticas de Barcelona.

2.3. O episódio de Argel e as tarefas até o embarque para a América

No final do século XVIII, uma situação incomodava demais ao rei Carlos III: os constantes corsários prejudicavam a navegação e comércio do reino, protagonizados principalmente pelos piratas da região da costa da Berbería, que hoje seriam os países de Argélia, Marrocos e Tunísia.

Surgiu com isso a necessidade de combater esses corsários de maneira efetiva. Em outubro de 1774, o império Espanhol declarou guerra ao Marrocos. Em seguida, Carlos III chamou o general Alejandro O'Reilly (1722 - 1794) e o incumbiu de uma grande tarefa: recrutar soldados para formar um exército com mais de 20.000 homens e atacar a costa da Argélia otomana, mais especificamente na baía de Argel. Os argelinos tinham se especializado em ter um exército regular com o objetivo de saquear navios, manter reféns, escravizar seus inimigos e atacar cidades costei-

ras, de forma que a maioria dessas atividades era lucrativa e espalhavam uma aura de pânico pelos locais onde eram praticadas.

A expedição para Argel foi, por diversos motivos, um tremendo desastre. A inábil organização estratégica feita por O'Reilly (ou *El Sangriento*, como era conhecido pelos habitantes da Luisiana, onde fora governador), teria sido o principal fator para tal desfecho, além da espionagem durante os preparativos da expedição e da demora de mais de 30 dias para a efetivação do desembarque na região norte-africana.

Félix de Azara foi um dos engenheiros militares recrutados para combater por terra. No dia 1º de junho de 1775, a expedição partiu de Cartagena em direção à baía de Argel. Por causa dos ventos contrários, ocorreu uma demora significativa até o dia 30 de junho, quando chegaram ao seu destino.

As embarcações tiveram que aguardar na baía, por causa do mau tempo, até o dia oito de julho, quando ocorreu o desembarque. Toda essa espera ao longo da baía serviu de alerta para os inimigos que puderam avistar os espanhóis ao longe e, com isso, tiveram bastante tempo para se preparar para o combate e armar uma grande emboscada para os estrangeiros.

A vanguarda da ofensiva desembarcou na praia com cerca de 8.000 homens, e, depois de preparada, marchou sem encontrar resistência num primeiro momento – o que fez com que os espanhóis achassem que a tomada do local seria feita com alguma facilidade. Enquanto a segunda divisão ainda se preparava e a primeira já se encontrava em direção à Praça de Argel, os argelinos decidiram realizar o ataque surpresa de maneira a desconcertar totalmente a tropa espanhola.

O ataque foi rápido: tiros de soldados argelinos dentro das fortalezas de Argel fizeram com que as primeiras fileiras dos espanhóis fossem praticamente fuziladas. O bombardeio naval destinado a destruir essas fortalezas e muradas, acabou não ocorrendo por falta de ordem expressa dos comandantes.

O número de baixas do lado espanhol, embora não se tenha consenso, foi de cerca de 3.500 feridos graves e 1.500 mortos (CONTRERAS ROQUÉ, 2010, p. 151). A maioria dos soldados feridos foi deixada na praia pelas embarcações devido à desastrosa operação de retirada. Os que tiveram o trágico destino de serem deixados

para trás, foram mortos e decapitados pelos argelinos, que exibiram ao longo da praia as cabeças desses soldados em estacas dispostas lado a lado.

Entre esses feridos graves, estava Félix de Azara. Uma bala de mosquete feita de chumbo, coberta por cobre e de grosso diâmetro, atingiu o seu peito, mais especificamente uma das costelas na altura do mamilo esquerdo (CONTRERAS ROQUÉ, 2010, p. 152). Não é preciso ter grande conhecimento em medicina para saber que a região atingida abriga importantes vasos sanguíneos e o órgão do coração.

Se houve um dia de sorte na vida de Félix de Azara, sem dúvidas esse dia foi o de oito de julho de 1775. O tiro que poderia ter sido mortal, não foi: a bala acabou alojada na parte óssea de seu peito, sem afetar nenhuma parte vital de seu corpo, embora tivesse quebrado a costela devido ao impacto do tiro.

Azara, em outro golpe de sorte, foi socorrido por algum companheiro, que retirou a bala na mesma hora com uma faca, enquanto ele ainda estava na praia, e o levou para dentro de uma das embarcações (enquanto ainda acontecia a batalha), a mando, muito possivelmente, do já citado Conde de Fuentes, que era um dos comandantes da expedição.

De certa maneira, o aragonês foi um privilegiado, pois, ao contrário da maioria de seus companheiros caídos, por pouco não teve sua vida ceifada e sua cabeça cortada e exposta em Argel pelos seus inimigos.

Nenhum dos autores que trataram dessa parte da vida de Azara conseguiu algum documento que mostrasse como o ilustrado estava durante e logo após esse incidente, no sentido de saber se teria ele desmaiado quando levou o tiro ou se estaria consciente enquanto esse episódio acontecia diante de seus olhos.

Provavelmente teve algum tratamento, mesmo que precário, ainda na embarcação, até chegar ao hospital de feridos estabelecido na comunidade valenciana de Alicante (CONTRERAS ROQUÉ, 2010, p. 153).

O único dos biógrafos que realmente salientou a importância desse ponto da trajetória de Azara, dedicando um capítulo inteiro para isso, foi Contreras Roqué (2010). Para o autor, a experiência de quase morte certamente teria impactado profundamente o militar.

Mesmo com a falta de fontes que comprovem alguma referência de Azara com o episódio – e como ele teria modificado sua vida –, Contreras Roqué fez um esforço intelectual em seu texto para imaginar como e em que nível isso teria se dado, utilizando Carl Jung (2009) para compreender a crise existencial que teria o aragonês passado em torno de seus 30 anos.

Enquanto ainda estava se curando do ferimento de Argel, Azara foi promovido a *Ingeniero Extraordinario* (o que equivaleria a tenente de infantaria) no início de 1775 e teria sido encaminhado até Barcelona, para ficar a disposição de algum serviço militar que eventualmente apareceria com o decorrer do tempo.

Em 17 de maio de 1776, Félix de Azara e seu irmão, Eustaquio, foram aceitos como sócios na Real Sociedade Econômica Aragonesa de Amigos do País⁴. Tais sociedades econômicas, como o próprio nome sugere, tinham como fim estudar e tratar a economia espanhola, salvaguardar a vida social e evitar a violência e motins que se agravavam em tempos de revolução.

Autores como Mones e Klappenbach (1997), e outros anteriores a eles, citaram Azara como um assíduo membro frequentador das reuniões da Real Sociedade Econômica Aragonesa. O próprio Contreras Roqué chegou a dar como verossímil essa ideia em um estudo prévio à biografia de 2010. Contudo, esse autor problematizou essa questão e mudou de opinião. Ele citou que tal versão de um Azara engajado no grupo de Zaragoza não teria muito sentido.

Porque tal versão não se sustentaria? Primeiro: novamente, não existem outras fontes que comprovem o laço de Azara com a Real Sociedade. Segundo: as atividades dessa Real Sociedade em si apenas se tornaram mais intensas entre o período de 1780 e 1790, quando o militar já se encontrava no continente americano. E, por fim, uma terceira informação a ser levada em conta: Félix de Azara era um engenheiro muito ocupado durante toda sua carreira, sempre andando de um lado para o outro, fazendo serviços (como os citados reparos em fortificações) e muitas poucas vezes estaria por perto da sede do grupo após ter se associado oficialmente nele no ano de 1776.

⁴ Foi Contreras Roqué, que através de uma recente pesquisa, conseguiu encontrar uma ata que comprova a associação de Félix de Azara com a Real Sociedade Aragonesa.

Sin embargo, podemos de alguna forma sumir que recibió una gran influencia indirecta de las actividades que se desplegaban y de las ideas que se difundían. Su informe acerca de la situación rural del Río de la Plata (Azara, 1943), no cita sus referencias básicas, pero se percibe en él que, ya fuera por remisión postal de copias de obras publicadas por la Sociedad, o por la lectura de alguna de ellas en el lapso que media entre su regreso y el ordenamiento de sus apuntes y la redacción de la obra, ha conocido algo de lo que manejara la prestigiosa y activa corporación ilustrada de Zaragoza (CONTRERAS ROQUÉ, 2010, p. 215).

A influência indireta a qual se refere o autor na citação acima pode ser mais bem exemplificada pela figura de José Nicolás de Azara. Muito provavelmente, segundo Contreras Roqué (2010), ele teria mantido correspondência com Félix de Azara enquanto este se encontrava na região platina, correspondência essa que se perdeu, porém, certamente continha algumas informações sobre o que era debatido nessas sociedades econômicas.

O período entre o desembarque de Argel até a partida de Félix de Azara para a América é uma das tantas lacunas bibliográficas desse momento inicial da vida do ilustrado. Mones e Klappenbach (1997), após citarem o episódio de 1775, apenas referenciam posteriormente o personagem, já em San Sebastián deixando o local para se dirigir a Lisboa e depois embarcar para o novo mundo em 1781.

Contreras Roqué (2010), que escreveu um capítulo em sua obra chamado “*Actividades de Félix de Azara entre 1775-1780*”, passou longe de acercar-se melhor desse período, pois no capítulo inteiro não abordou mais que sugestões sobre a personalidade de Azara e suas relações com outras pessoas. Mesmo assim, ele foi o autor que nos brindou com uma cronologia melhor elaborada e dois apêndices documentais sobre os trabalhos de Azara nessa etapa.

Após a ascensão a *Ingeniero Ordinario* (o que equivaleria a capitão de infantaria) em cinco de fevereiro de 1776, Azara teria sido destinado, em novembro do ano seguinte, para a comunidade de Girona, na Catalunha. Lá, levantou um plano da cidade e reconstruiu parte da muralha e torre danificadas.

Em seguida, em janeiro de 1778, realizou o levantamento dos rios Ter e Oña, sugerindo a represa ou mudança de curso em algumas áreas, de modo que a cidade de Girona não ficasse inundada com as cheias como geralmente acontecia na época. Em maio, realizou o estudo do arroio Galligans, também na região, com o mesmo intuito de evitar que inundasse a cidade.

O militar, então, se empenhou nas obras dos rios Ter e Oña durante os anos de 1778 e 1779. O início do trabalho foi sendo postergado ao longo de 1778 por causa da burocracia comum no reino. Azara não teria gostado muito da espera e principalmente da falta de materiais, como madeira, e então se dirigiu às mais altas autoridades do reino para relatar o problema, como o ministro da marinha Joseph Espinosa y Herrera, com o objetivo de burlar a vigente burocracia.

Contreras Roqué (2010) observou que diversas notas trocadas entre as autoridades acerca das obras em Girona continham certo tom de menosprezo e incômodo pela pessoa de Félix de Azara, muito possivelmente por essa atitude dele em se dirigir diretamente às autoridades em questão.

Ainda segundo o autor, em janeiro de 1779, o aragonês assumiu finalmente as obras de estabilização contra as cheias em Girona, já sendo *Capitán Ingeniero Extraordinario*, tendo como seu chefe o capitão Silvestre Abarca, conde de Ricla (1707 - 1784), reconhecido engenheiro militar que trabalhou em Cuba.

Em maio, Azara, que se encontrava em Lérida, caiu enfermo e foi substituído em seus trabalhos por outro engenheiro militar. O motivo da enfermidade não se sabe, mas o militar teria passado esse momento juntamente com seu irmão Eustaquio em uma abadia de Amer até novembro desse ano, quando retornou para Lérida e assim deu continuidade em suas tarefas.

No mês de setembro de 1780 ainda estava em Lérida, para algum trabalho no qual nenhum autor explicou ou sequer citou qual seria especificamente. Foi nesse momento promovido a Tenente Coronel de Infantaria e foi em seguida chamado para a baía San Sebastián, em Guipúscoa, ao norte da Espanha. Lá, se empenhou em melhorar as fortificações do promontório ou monte de Urgull.

O aragonês solicitou ao conde de Floridablanca sua passagem para a Marinha em julho de 1781. A sua insatisfação com a rotina de seus trabalhos de reparações e o maior prestígio que a Armada possuía na época seriam os motivos mais plausíveis para que Félix de Azara tivesse realizado esse pedido.

Enquanto seu pedido ainda era analisado pelas autoridades, uma nota do Arquivo Histórico Nacional de Madrid, encontrada e explicada por Contreras Roqué

(2010)⁵, mostrou que Félix de Azara teria sido escolhido frente a outro engenheiro militar que já estava destinado a ir como comissário para a América, porém o escritor e funcionário do reino que escreveu tal nota decidiu por não nomear esse primeiro engenheiro do qual falamos. Diz a nota:

“Ext.mo

“Señor

“Paso a manos de V. E. como lo me ha mandado, el papel del E.º Castejón relativo a los Astrónomos, y al mismo tiempo hago saber a V. E. como abiendo hablado del referido Ministro en quanto al ingeniero que me propuso Cavello, me dijo que era un ignorante y que no podíamos sacar ningún partido de él.”

Na margem dessa nota, citou o autor, aparece uma observação que poderia ser de algum secretário do Estado:

“Que està bien, y q.º en lugar de uno de los Capitanes de Fragata q. aora están en la Arm.ª pud.ª ir el Ten.º coron.º D.n Felix de Azara, q.e pret.de pasar a la Marina. Es del cuerpo de Ingen.ros y q.e con su habilid.d puede ser útil a la divis.on y p.ra lev.tar los planos, etc.”

Percebemos, com isso, que com uma aparente simples decisão de um funcionário da coroa a vida de Félix de Azara mudaria por completo. Já com 40 anos de idade, certamente o militar não imaginava que ainda trabalharia por 20 vinte anos na América do sul a serviço do reino e contribuiria para a História Natural com seus estudos sobre a região para a qual foi enviado. Como um funcionário leal ao reino, ele teria que ir.

Em meados de novembro de 1781, Azara foi convocado para se dirigir à cidade de Lisboa o quanto antes e falar com o embaixador espanhol que lá estava. Chegando a Lisboa, soube que seu destino era Buenos Aires, e que lá o vice-rei revelaria para ele e para os outros comissários⁶ que o acompanhavam qual seria sua missão.

Depois dos preparativos, embarcaram os militares no dia 23 de janeiro de 1782, em Lisboa. Juan Francisco de Aguirre foi o comissário que escreveu um diário

⁵ O autor data a nota como sendo do ano de 1780. Contudo, Azara somente deu a conhecer sua decisão oficial de passar para a Armada em 1781.

⁶ Entre eles estavam o capitão de navio José Varela y Ulloa e dois oficiais: Juan Francisco de Aguirre e Diego de Alvear y Ponce de León.

de bordo durante toda a viagem no mar. Nesse momento, foi seu diário que permitiu obtermos informações importantes acerca do transcurso.

No dia 18 de fevereiro, anotou Aguirre, eles alcançaram a chamada linha equinocial, e com isso o comandante fez saber a todos que Félix de Azara adquiria agora a patente de Capitão de Fragata, além de citar quais seriam os outros que receberam algum outro cargo.

Após 39 dias de viagem, os militares desembarcaram no Rio de Janeiro em 11 de março. Não sabemos o que teriam feito na cidade, com quais pessoas teriam tido contato e que lugares frequentaram possivelmente. Um mês depois, no dia cinco de abril, segundo a cronologia já mencionada, eles partiram em direção ao rio da Prata, mais especificamente para Montevideú.

Ao chegarem a seu destino, no dia 13 do mesmo mês, foram recebidos pelo governador Joaquin Del Pino y Rozas e também pela autoridade do vice-rei Juan José de Vértiz y Salcedo. Nesse momento foram postos a par da situação fronteiriça daquela região e quais seriam os trabalhos que eles deveriam realizar ali. O vice-rei então informou quais eram as partidas demarcatórias que cada um seria encarregado de realizar juntamente com os portugueses ao longo da fronteira meridional. Félix de Azara foi destinado para a sessão demarcatória que abarcava a região do Paraguai.

Ainda em 1782⁷, ele informou que teria sido enviado por terra até a capital do Rio Grande de São Pedro, em Rio Grande⁸, para acertar com os oficiais portugueses quando e como se daria o processo das demarcações de limites entre os funcionários das duas coroas ibéricas.

⁷ Mones e Klappenbach (1997) não dão como certa essa viagem de 1782, que deve ser comprovada com base em documentos a serem ainda vistos no Archivo General de la Nación.

⁸ Sabemos que Azara esteve mais especificamente na cidade de Rio Grande, através do que ele mesmo escreveu em seu *Viajes*: “*En seguida, el virei me envió solo por tierra a Rio Grande de San Pedro, situado á la distancia de 150 leguas sobre poco mas ó menos, capital de la provincia portuguesa de mismo nombre, para concertar con el jeneral portugués los medios de comenzar y seguir nuestras operaciones*” (AZARA, 1850: p. 33). Segundo Contreras Roqué (2011), o aragonês não escreveu mais detalhes sobre a sua estadia em Rio Grande possivelmente por motivos de segurança militar.

Não é conhecido o tempo exato que Azara teria ficado em Rio Grande. Mas no final de 1782 ele já se encontrava em Montevideu novamente e no início de 1783 teria passado para a cidade de Buenos Aires. Ficou ali até, novamente, ter realizado outra viagem para Rio Grande no dia 28 de agosto, permanecendo no mínimo dois meses no local. Essa segunda viagem é mais bem documentada, pois, segundo a cronologia, Azara escreveu uma carta no dia 12 de outubro em Rio Grande para o comandante José Varela y Ulloa. Em Buenos Aires, em dezembro, o militar realizou os preparativos para sua viagem até Assunção, que começaria efetivamente no dia dois de janeiro do ano seguinte, 1784.

Contreras Roqué (2011) fez uma importante observação sobre esse período da chegada de Azara na região platina. Esse tempo de 1782 até 1784, pouco conhecido, segundo Martínez Rica (2008), na vida do aragonês, seria para o biógrafo o instante de primeiro contato com a natureza da região e com a população do local, sobretudo, quando Azara realizou as viagens até Rio Grande, em que teve que percorrer a cavalo o interior da banda oriental.

Foi o momento no qual Azara entrou em uma nova etapa da sua vida, percebendo com seu olhar peculiar aquele novo mundo a sua volta e tomando interesse por ele. O engenheiro militar passaria então, dentro de suas funções, a tornar-se aos poucos um historiador natural. Aos 42 anos de idade, Azara começou a realizar as obras que o deixariam conhecido para a posteridade. E os “outros” eram os protagonistas de boa parte delas.

2.4. Concepção de mundo do militar ilustrado.

O ano de 1783 foi, provavelmente, muito proveitoso para Félix de Azara em termos de contatos interpessoais. Infelizmente, não possuímos fontes que confirmem tais relações dele com outras pessoas (e quais seriam elas), mas é de se su-

por que na capital do vice-reinado ele tenha tido uma maior proximidade com a elite local e com a burocracia da área colonial nesse período.

Antes de discorrermos sobre a etapa paraguaia de Azara, iniciada em 1784 (que sem dúvidas consideramos ser uma das mais importantes da vida dele), vamos nos concentrar em um aspecto que diz muito sobre o aragonês: as suas possíveis ideias, mais especificamente a sua cosmovisão como um homem da era a qual denominamos “das Luzes”.

Entendemos a “era das Luzes” ou Iluminismo como um grande projeto europeu que foi posto em prática a partir de meados do século XVIII por diversos indivíduos, com o intuito de realizar as mais variadas reformas na sociedade em geral. Esse projeto não continha ideias necessariamente inovadoras: a maioria delas vinha de períodos anteriores da história como a antiguidade e o Renascimento. O que as Luzes fizeram foi colocar no mundo real essas ideias que até o momento estavam nos livros (TODOROV, 2008, p. 14).

Podemos apontar a autonomia, a universalidade, a liberdade, a laicidade e a busca pela felicidade como ideias centrais do projeto iluminista. Porém, as Luzes foram plurais: em cada parte da Europa o projeto teve suas peculiaridades e adotou (ou não) outros ideais, conforme quisessem os agentes de cada lugar. Exemplo disso foram os princípios republicanos, que vingaram na França, por um tempo, enquanto em diferentes locais a estrutura governativa continuava a mesma.

Na Espanha, as Luzes tiveram como característica o chamado despotismo ilustrado: a monarquia era o motor do projeto. Como já mencionamos anteriormente, Carlos III, cercado por seus funcionários, se conscientizou do quanto era necessário realizar a modernização cultural, social e econômica de seu Estado, afinal, naquele instante, por exemplo, a fome era uma dura realidade no reino, principalmente dos mais pobres, cuja expectativa de vida estava entre 27 e 32 anos de idade (TODOROV, 2014, p. 25).

Martínez Shaw (1996) salientou que o movimento englobou diversas pessoas dos mais variados ramos de atividade, porém, todas pertencentes às classes altas. Além do mais, a transição das reformas da teoria para a prática teria sido decepcionante para o mencionado autor, pois projetos grandiosos se estatelaram contra a

timidez reformista do governo, que não adotou nenhuma medida de reforma profunda nas estruturas tradicionais. Já Franco Venturi (2003) salientou outros entraves que o reino enfrentou para implantar as reformas e concluiu:

Na Espanha, Carlos III iniciava um processo de modernização que logo encontrou grandes obstáculos na religião e outras tradições do povo. Contudo, pelo menos parcialmente, ele conseguiu superá-los ou contorná-los inaugurando finalmente um processo contínuo de reformas na península ibérica. Embora lentas e acidentadas essas reformas encontraram uma lógica e uma relação interna de vontade política e de ilustração cultural. Por toda a parte, depois de uma longa preparação, parecia que a primavera das Luzes tinha chegado. Em movimento não estavam apenas os intelectuais, mas, das formas mais diversas, também aqueles camponeses que se dirigiam a Nápoles para tentar escapar da fome na espantosa carestia de 1764, também, a plebe de Madrid que provocou o “motim de Esquilache”, bem como as pessoas que seguiam Wilkes em Londres (VENTURI, 2003, p. 233 e 234).

A crítica social, sendo intrínseca ao movimento ilustrado como um todo, não deixou de o ser no caso espanhol. A nobreza e o clero entraram na mira dos julgamentos. No caso da nobreza, a contestação ocorreu no campo dos estamentos e seus privilégios derivados, incluindo até mesmo a Jovellanos, pertencente a essa classe social, que colocou o *mayorazgo* como um dos grandes empecilhos para fazer a modernização agrária (MARTÍNEZ SHAW, 1996, p. 62). No caso dos eclesiásticos, o grande número deles e suas fortunas eram as questões que foram criticadas por diversos ilustrados, entre eles Francisco Cabarrús (1752 – 1810).

A ânsia pela modernização da Espanha impulsionou o campo científico no reino: estudos nas mais variadas áreas foram impressos e divulgados. Muitos desses estudos foram obras derivadas das grandes expedições científicas que ocorreram nessa ocasião. Uma das principais expedições foi a que ficou a cargo do explorador francês Charles-Marie de La Condamine (1701 – 1774), no ano de 1735. Além da importância para a comunidade científica europeia devido, entre outras questões, à comprovação da teoria newtoniana de achatamento nos polos do planeta Terra, a expedição foi imprescindível para a ciência espanhola naquele momento. O rei Felipe V (1683 – 1746) colocou como condição para a entrada da expedição francesa em seus territórios na América do Sul, a aceitação de dois jovens cientistas espanhóis na jornada: Jorge Juan y Santacilia (1713 – 1773) e Antonio de Ulloa y de la Torre-Giralt (1716 – 1795).

Em conjunto, os dois acabaram publicando, após a viagem, diversos volumes sobre variados aspectos dos lugares em que estiveram (atuais regiões do Equador e

Peru). Só para citarmos uma das obras, a *Relación Historica del Viaje a la America Meridional*, publicada em 1748, é composta por quatro tomos sendo um dos mais grandiosos e elaborados textos sobre a região, no período, em formato enciclopédico, retratando desde a geografia até os costumes dos habitantes.

Jorge Juan se destacou como engenheiro naval e fomentador da astronomia espanhola, sendo mentor da fundação no ano de 1757 do Real Observatório de Madrid. Já Antonio de Ulloa se dedicou à história natural: propôs o estabelecimento do primeiro Gabinete de História Natural em 1752. Mesmo que o ambiente de cientícos espanhóis não fosse necessariamente integrado (constataremos isso mais adiante com o exemplo de Azara), os esforços de Jorge Juan e Antonio de Ulloa deixaram como legado um salto significativo na ciência espanhola em tentar acompanhar outros centros europeus de excelência, além de demonstrar a preocupação e apropriação mais racionalista das possessões do novo mundo, típica das expedições exploratórias do século das Luzes.

A Espanha das *Luces* progrediu em estudos nos campos de química e matemática, mas foi na área da botânica que a maioria dos cientistas estava concentrada. Martínez Shaw (1996) classificou o século XVIII como o século da botânica em Espanha. Pehr Löfling (1729 – 1756), discípulo de Lineu, se encontrava em Madrid na segunda metade dessa centúria, onde lecionava e estudava a flora local, onde se relacionou com um seleto grupo que posteriormente estabeleceu o Jardim Botânico de Madrid. Pehr Löfling ainda fez parte de uma das expedições de demarcação de limites oriunda do Tratado de Madrid (1750) assinado entre Portugal e Espanha.

As expedições de limites proporcionaram grandes estudos para a ciência espanhola – e o nosso personagem foi um dos que contribuíram para isso. Todavia, devemos nos atentar também para as expedições botânicas ocorridas nesse período. Uma das mais custosas e longas delas foi a *Real Expedición Botánica del Nuevo Reino de Granada*, que se iniciou em 1783 e durou praticamente 30 anos na atual Colômbia. Seu idealizador foi o sacerdote José Celestino Mutis (1732 – 1808), que ajudou a catalogar cerca de 20.000 exemplares da flora local.

Ainda tivemos a *Real Expedición Botánica a Nueva España* iniciada em 1787, dirigida pelo naturalista José Mariano Mociño (1757 – 1820), que explorou intensamente a fauna e flora mexicanas. Essas e outras empreitadas científicas foram lan-

çadas para diversas partes do mundo pelo reino espanhol, com o objetivo central de captar a nova e rica natureza que se apresentava aos olhos de ilustrados que atravessavam os oceanos como funcionários da Coroa.

Os iluministas espanhóis, sejam eles esses científicos e exploradores dos quais falamos, ou artistas e literatos, tinham diversas características em comum. Uma delas é a de que, embora comparados aos franceses parecessem ser mais “reservados” em não questionar o sistema vigente⁹, eles propuseram diversas reformas para a sociedade da época, em seus campos de atuação. Vemos isso no círculo de pessoas que rodeia o monarca Carlos III.

Podemos perceber outras características em comum, se examinarmos a vida do aragonês do qual tratamos nessa dissertação. Uma questão que elegemos para abordar em Azara, num primeiro momento, nesse sentido, é a da religiosidade. Há um consenso entre os autores que se detiveram sobre sua biografia em afirmar que o militar era deísta. O indivíduo deísta tinha como característica principal acreditar que a racionalidade teria sido um presente de Deus para apreender o funcionamento do mundo que se apresentava ao seu redor.

Os livros publicados por ele e suas correspondências (embora poucas de caráter intimista), deixam muito claro e resolvido esse assunto. Muitas vezes aparece o uso de palavras como *Creador*, *creación* e *Dios*, por exemplo, para associar a fenômenos e, juntamente com o uso da razão, explicá-los.

Quando Félix de Azara se deparou com o que chamou de “*fenómeno raro en la naturaleza*”, que nada mais era que um mineral peculiar encontrado na região do norte argentino, ele se viu impossibilitado de explicar a origem de tal rocha, pois não acreditava que existissem minas na América meridional e muito menos que o objeto teria sido transportado de algum modo até o local onde foi encontrado. Sem nenhuma hipótese que considerasse aceitável, ele escreveu: “*Por último, yo no soi capaz de esplicar el oríjen de este hierro; y estoi mas inclinado á creer que él es tan anti-guo como el mundo, y que él ha salido tal cual es de las manos del Criador*” (AZARA, 1850, p. 55).

⁹ O exemplo de Juan Picornell (1759 – 1825) e sua conspiração em uma tentativa de golpe com o apoio das classes populares em Madrid, para instaurar uma monarquia constitucional, demonstra o caráter radical, embora minoritário, que também teve a ilustração espanhola.

Durante toda a leitura da parte que desencadeou o comentário da última citação, presente no terceiro capítulo do livro *Viajes por la America del Sur*, percebemos o empenho do militar em tentar explicar racionalmente a origem do mineral desconhecido e, quando não conseguiu, logo introduziu a explicação mais aceitável, que vinha do campo teológico.

Essa ligação entre o racional e o teológico presente nos textos azarianos também foi demonstrada por Galera Gómez (1990) na introdução de uma versão da *Descripción General del Paraguay*. O autor evidencia, por exemplo, que existiria uma convergência entre os relatos bíblicos e os de Azara quando esse escreveu acerca da formação do planeta Terra. O trecho, também reproduzido em parte por Contreras Roqué (2011), é o seguinte:

Azara establece una época remota en la que sitúa el momento de la creación. A este período pertenecen las rocas del suelo, el aire atmosférico, el agua que surca de los ríos y mares, los animales y las plantas; [...] Sin embargo, mientras que la formación inanimada se realizó sin interrupción, la fauna fue creada en etapas sucesivas para respetar las necesidades de alimentación de los depredadores sin que desaparezca ninguna de las especies que les sirven de sustento. Los hábitos alimenticios de la fauna inducen en Azara la teoría de que los animales han sido creados según el orden cronológico, proceso llamado creaciones sucesivas, que permitía la multiplicación de las especies que componen el soporte nutritivo. Su argumento es que respetando el dogma teológico sobre la creación de una sola pareja de cada especie, la creación simultánea de todas ellas hubiera significado la desaparición de aquéllas que constituyen el alimento de los depredadores (GALERA GÓMEZ, 1990, p. 19 e 20).

Tal nexos entre explicações racionais levando-se em consideração dogmas bíblicos não era exclusividade de Azara. Podemos lembrar-nos de um dos precursores do movimento ilustrado, Isaac Newton (1642-1727), que estudou com dedicação a bíblia sagrada ao mesmo tempo em que era reconhecido como grande matemático e físico e, por seu legado, é um dos mais utilizados como modelo para exemplificar o pensamento deísta. Para Todorov (2008), essa era uma característica do projeto das Luzes:

É à religião que se dirigirá a maior parte das críticas, visando tornar possível que a humanidade tome nas mãos seu próprio destino. Trata-se, todavia, de uma crítica focada: o que se rejeita não é a submissão da sociedade ou do indivíduo a preceitos cuja única legitimidade advém daquilo que uma tradição atribui aos deuses ou aos ancestrais; não é mais a autoridade do passado que deve orientar a vida dos homens, mas seu projeto de futuro. Ainda assim, nada se diz da própria experiência religiosa, nem da ideia de transcendência, nem de tal doutrina moral sustentada por uma religião em particular; a crítica visa à estrutura da sociedade, não ao conteúdo das crenças.

A religião sai do Estado sem, no entanto, abandonar o indivíduo¹⁰. A grande corrente das Luzes não pleiteia o ateísmo, mas a religião natural, o deísmo, ou uma de suas numerosas variantes. A observação e a descrição das crenças do mundo inteiro, às quais se consagram os homens das Luzes, não têm por objetivo recusar as religiões, mas conduzir a uma atitude de tolerância e à defesa da liberdade de consciência (TODOROV, 2008, p. 15 e 16).

Certamente podemos enfatizar que nem todo ilustrado era necessariamente um deísta e, mais ainda, que o deísmo nem sempre tinha a mesma intensidade ou significado de um indivíduo para outro. Temos os casos de Azara e Newton, nos quais vemos referências a textos bíblicos, mas um contemporâneo do primeiro como o economista escocês Adam Smith (1723-1790), por exemplo, teria sido um deísta peculiar ao ter escrito poucas menções teológicas explícitas em suas obras como *A Riqueza das Nações* (1776). Segundo Ronald H. Coase (1976), são alusões em citações como “O grande arquiteto do universo” nos seus escritos que comprovariam o deísmo de Smith. O próprio termo da “mão invisível” entraria nessas citações.

Não devemos esquecer-nos de mencionar que, apesar de não ter seguido uma carreira religiosa como fez seu tio Don Mamés e três de seus irmãos, o ambiente do casarão de Huesca, na infância e adolescência de Azara, foi marcadamente católico, típico da sociedade estamentária dominante do interior da Espanha do século XVIII e, por isso, foi um dos fatores que moldaram a sua vida.

Contreras Roqué (2010) utilizou o conceito de *generación* quando abordou a problemática da era do Iluminismo, onde denominou como *Generación Central de las Luces* a geração de Félix de Azara. O critério usado para delimitá-la foi por datas de nascimento (nascidos entre os anos de 1741 e 1755¹¹), que abarcavam os funcionários que desempenharam suas funções durante o período de maior inovação do reinado de Carlos III.

Conforme o autor, além do período de atividades, alguns outros elementos foram compartilhados entre os ilustrados pertencentes à Geração Central das Luzes

¹⁰ O destaque em negrito é nosso.

¹¹ Faziam parte da Geração Central das Luzes, além de Azara, o militar José de Cadalso y Vázquez de Andrade (1741-1782), o político Gaspar Melchor de Jovellanos (1744-1811), o inquisidor Nicolás Rodríguez Laso (1747-1820), o poeta Tomás de Iriarte (1750-1791), o financeiro Francisco Cabarrús Lalanne (1752-1810) entre outros.

na Espanha. O primeiro deles teria sido o que justamente já debatemos em parte com Azara: a postura religiosa dessas pessoas.

Segundo salientou Contreras Roqué (2010), o deísmo foi uma característica de boa parte dessa geração. Mas o que o autor melhor discutiu em seu texto foi a questão do jansenismo¹² ou, como denominou, do parajansenismo espanhol. Vicente Algueró (2012) explicou melhor o que significaria isso:

El jansenismo español no es en absoluto heterodoxo, con algunas excepciones. Es un movimiento difuso, defensor de una religiosidad más interior, receloso de los jesuitas, más o menos regalista, pero sin pretender rupturas con Roma, en todo caso contrario al excesivo intervencionismo de la Curia. Más que de jansenismo, estaríamos hablando de un <<parajansenismo>> o <<filojansenismo>>, es decir, **de la influencia de algunas ideas jansenistas**¹³ más que de una aceptación de los posibles errores dogmáticos del jansenismo francés del siglo XVII (VICENTE ALGUERÓ, 2012, p. 67).

Essas ideias jansenistas, que teria partilhado Félix de Azara e os outros, seriam principalmente a crença na predestinação da graça de Deus sobre eles, o instrumento da razão como demonstrativo da vontade de Criador, a obediência das normas da Igreja e uma postura ética para com o mundo de que eles eram portadores dessa graça. Poderíamos pensar que a conduta em ser ético e correto (que se evidenciou muito na sua estadia americana), seria uma consequência da sua aderência a ideias jansenistas, mas devemos dizer que isso não passa apenas de suposição nossa, visto que o militar não expôs claramente o seu pensamento religioso ou o relacionou com alguma doutrina nos escritos que deixou.

Para finalizarmos com a exposição da linha de pensamento do biógrafo de Azara, nos deteremos em mais dois elementos da geração central ilustrada espanhola citados por ele: o medo e a luta contra as superstições.

¹² Movimento criado pelo bispo holandês de Ypres, Cornelius Jansenius (Jansen), no século XVII. Este movimento, derivado do Cristianismo, baseou-se numa doutrina que contemplava a conciliação da liberdade humana com a graça emanada por Deus. Esta doutrina nasceu de uma interpretação livre dos escritos de Santo Agostinho feita por Jansenius na sua obra "*Suma Agustinus seu doctrina S. Agostini de humanae naturae sanitae, aegritudine, medicina adversus Pelagianos et Massilienses*" (publicada em 1640). Nesta obra, extremamente controversa e que foi condenada pela Igreja nos anos de 1641 e 1642, Jansenius utilizou princípios de cariz reformista (sobretudo de Calvino) e conjugou-os com os do Catolicismo, ressuscitando neste contexto algumas ideias do Pelagianismo (as questões do pecado original, da graça e do livre-arbítrio). Defendia o Jansenismo que a graça seria concedida através da predestinação, contrariando a teoria de que seriam as ações tomadas de acordo com o livre-arbítrio característico ao ser humano que faria recair sobre si (ou não) a graça divina. in Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2015. [consult. 10-11-2014, 06:37:53]. Disponível na Internet: [http://www.infopedia.pt/\\$jansenismo](http://www.infopedia.pt/$jansenismo).

¹³ Ressaltado nosso.

O medo a que ele se referiu seria no sentido de uma cautela geral da maioria dos ilustrados em expor suas ideias abertamente, devido ao papel da Inquisição espanhola, que ainda era vigente ao longo de todo o século XVIII – e que foi somente abolida por definitivo em 1834. O silêncio, não só de Azara como de seus contemporâneos, quanto a determinados temas estaria, em certa medida, explicado se nos atentarmos para essa questão.

Embora seja um assunto sobre o qual não nos aprofundaremos, podemos dizer pelo menos que o *Tribunal del Santo Oficio de la Inquisición* utilizou-se de práticas sistemáticas de perseguição, repressão e até mesmo tortura contra diversas pessoas que cometiam o que considerassem como atos impróprios. A vigilância teve seu peso no que poderia ser dito ou no que poderia ou não ser feito e, seguramente, impediu que muitas ideias fossem expostas e projetos postos em prática.

Mesmo que o momento do qual tratamos a Inquisição na Espanha sofresse uma atenuação de suas atividades, é hoje claro o quanto o tribunal possuía um poder legitimado e andava até mesmo no encalço de figuras ilustradas do governo como Gaspar Melchor de Jovellanos (1744 – 1811), que propôs inclusive reformas para a instituição secular.

Nesse mesmo ponto, podemos ainda citar outro célebre contemporâneo da geração, o pintor Francisco de Goya y Lucientes (1746 – 1828), que representou não apenas em um quadro, mas também em diversas gravuras, o processo do auto de fé, evento onde os condenados pelo tribunal expunham seus arrependimentos pelos pecados que haviam cometido, de forma a mostrar aos transeuntes o que ocorria com os que se indispunham com a igreja de algum modo.

Porém, entendemos que *la Santa* (como também era chamada a Inquisição naqueles tempos), foi apenas um instrumento para medos bem mais visíveis: os medos político e social. Com isso queremos dizer que, se a pessoa pertencesse ao seletor meio ilustrado, o medo maior era cair em desgraça na corte espanhola. Para termos uma ideia clara do que significava “cair em desgraça na corte”, utilizamos um exemplo bem ilustrativo disso: o do explorador italiano Alejandro Malaspina (1754 – 1809), outro coetâneo de Azara.

A serviço do reino espanhol, Malaspina realizou uma expedição ao redor do globo que levaria posteriormente seu nome, percorrendo diversas colônias hispânicas em caráter político e científico entre os anos de 1788 e 1794. Em 1782, o oficial naval foi denunciado à *la Santa* por um colega. Entre os motivos da denúncia estava o de que ele “falava e lia em francês” (SOLER PASCAL, 1990, p. 198).

Após participar de uma fracassada conspiração para derrubar o príncipe da paz, Manuel Godoy (1767 – 1851), Malaspina foi enviado para a prisão em 1796, onde ficou por seis anos de sua vida. O processo da Inquisição contra ele, que tinha se encerrado em 1788, foi reaberto naquele momento e utilizado como uma das ferramentas para condená-lo. Seu trabalho com a expedição acabou sendo publicado pela primeira vez quase um século depois. Um grande estudo que, por questões políticas, não teve o devido reconhecimento naquela época.

A postura dos ilustrados espanhóis de combate às superstições é um elemento generalizado das Luzes. A racionalidade era aplicada como ferramenta para a compreensão de fenômenos, sempre quando fosse possível, para desmistificar o que determinado ilustrado considerasse como credice ou lenda. Aí residiria o germe do cientificismo. Azara (1850), por exemplo, quando tratou do mito da *Laguna de los Xarayes* - que já havia sido desfeito, segundo Costa (2007), em 1753 por inacianos e demarcadores de limites da terceira partida do Tratado de Madri –, comentou: “*Otros, que gustaban de forjar cuentos, han dicho que en el centro de esta laguna existía el império de los Xarayes ó el Dorado ó el Paititi, y han adornado esta mentira con otras fábulas aun mas estrañas*”.

Podemos acrescentar outra característica que fez parte da geração de Félix de Azara e que certamente o influenciou, assim como aos demais ilustrados. Seria o caso da política regalista adotada pelo próprio monarca Carlos III e seus funcionários na corte espanhola: a submissão da Igreja ao Estado, que teve amenizada a influência papal, tendo como consequência direta a expulsão dos jesuítas ligados a Roma (TODOROV, 2014, p. 25). A forma dos ilustrados de encarar os membros da Companhia de Jesus teve nessa política uma de suas bases.

De certo que o panorama que apresentamos até aqui (e os outros aspectos que ainda falaremos de Azara como ilustrado), carece de mais detalhes, pois o militar raramente escrevia sobre suas concepções de mundo de maneira explícita, não

deixando claro suas ideias e crenças. Essa carência de fontes será um dos assuntos abordados no próximo capítulo.

2.5. A etapa paraguaia

Voltando a falar da estadia americana do nosso personagem, vimos que no final de 1783 ele se encontrava em Buenos Aires, realizando os preparativos para a saída das partidas demarcadoras juntamente com os outros comissários.

Em dois de janeiro de 1784, Azara saiu a cavalo de Buenos Aires rumo a Assunção, com um pequeno grupo de apoio. Já Francisco de Aguirre, decidiu viajar até o Paraguai por via fluvial, com os instrumentos que seriam utilizados posteriormente nas demarcações tanto da terceira quanto da quarta partida demarcatória.

A viagem por terra, que duraria um pouco mais de um mês, certamente acrescentou mais alguns percalços aos que Azara já havia enfrentado na longa jornada até o Rio da Prata: intempéries, insetos incomodativos, cansaço, etc. Mas cabe notar um ponto crucial e diferente dessa vez: Azara começou a realizar suas anotações. Levava um diário consigo, no qual registrava os locais percorridos, sua geografia física, as pessoas, seus costumes e os eventuais problemas encontrados pelo grupo.

O texto que viria a ser publicado em 1907 sobre essa viagem foi proveniente de um manuscrito de punho e letra do próprio militar, que estava em posse do então jornalista Estanislao Zeballos (1854 – 1923) e foi denominado como *Viajes Ineditos de Azara*, quando apareceu na *Revista de Derecho, Historia y Letras de Buenos Aires*. A outra versão desse mesmo escrito, com algumas modificações feitas pelo próprio Azara, foi publicada pelo político Bartolomé Mitre (1821 – 1906) em 1871, sendo a reedição de 1873 a mais fácil de ser encontrada por meio digital atualmente.

Se Contreras Roqué (2011) conseguiu fazer um compilado de informações sobre como teria sido essa viagem de uma maneira detalhada, Mones e Klappenbach (1997) elaboraram um mapa indicando por quais pontos Azara passou, sendo

os dois estudos complementares um ao outro. O mencionado mapa, que reproduzimos aqui (ver figura 1), mostra que Azara costeou a margem direita do Rio Paraná num primeiro momento até a cidade de Santa Fé, que era declarada como uma cidade de porto preciso, ou seja, lugar de trânsito em que as embarcações deviam se identificar e pagar impostos para prosseguir caminho.

Como veremos no seguinte capítulo, quando tratarmos da alteridade, os primeiros registros de Azara nesse deslocamento até o Paraguai contam com muitas informações acerca dos moradores que eventualmente ajudaram os viajantes com abrigos passageiros em caso de chuva ou para passar a noite. A atenção do militar na vida daquela gente era profunda.

Entre perigos, como ataques de indígenas e de animais selvagens, utilizando regularmente a pelota – pequena e, muitas vezes frágil, embarcação de couro – para atravessar rios largos e profundos, todo cuidado era pouco: a pequena caravana de Azara perdeu um de seus homens em uma travessia por causa do aumento inesperado do curso da água. Nessa altura, os mantimentos começaram a escassear e tiveram que pedir auxílio dos habitantes locais até mesmo para que conseguissem beber água limpa e comer.

O aragonês deparou-se com uma nova área geográfica e suas peculiaridades, que melhor descreveu o biólogo Contreras Roqué:

Este primer tramo le había proporcionado una idea de la llamada Pampa Alta, es decir, con lomadas y barrancos. Lo recorrió en medio de pastizales que en ese momento histórico cubrían por entero la mitad inferior del caballo cuando los jinetes avanzaban. Abundaban los arroyos, pues fue un año lluvioso y hasta los zanjones y depresiones estaban inundados. Seguramente vio la fauna típica particularmente ñandúes, ynambus, numerosas aves de cañada y garzas, además de rapaces, los que seguramente no abundarían por la falta de perchas adecuadas desde las cuales atisbar sus presas y construir en ellas sus nidos. En cierta forma recordaba el paisaje rural uruguayo, pero aquél se caracteriza por lomadas bajas, llamadas cuchillas y por las formaciones de plantas leñosas achaparradas, como los Algarrobos, espinillos y otras leguminosas. También había pedregales en la Banda Oriental y nunca en el recorrido actual, de modo que el paisaje bonaerense y el santafesino, ambos fitogeográficamente pampásicos le brindaron una visión novedosa de la naturaleza local, que sólo se alteraba por los bosquecillos ribereños que acompañaban a los arroyos que cruzaban de tanto en tanto (CONTRERAS ROQUÉ, 2011, p. 69).

Em 12 de janeiro Azara e seu grupo encontravam-se saindo da cidade de Santa Fé, tomando a margem esquerda do rio Paraná. Um pouco mais de duas semanas depois, no dia 28, os viajantes chegaram a Corrientes. Azara ficou até o iní-

cio do mês seguinte na cidade, sobre a qual escreveu acerca de sua história, geografia e aspectos culturais, dando também destaque ao presente uso da língua guarani entre as pessoas na área urbana.

Após mais alguns dias de cavalgada e arroios que tiveram de “pelotear”, já adentrada a área do atual Paraguai, a equipe chegou finalmente ao seu destino, Assunção, *la Madre de Ciudades*, na tarde de nove de fevereiro de 1784.

A Assunção colonial foi o laboratório de estudos naturalistas de Azara por mais de 10 anos, embora não se saiba até hoje o local exato de sua habitação na cidade. No texto de *Viajes Ineditos* o militar não escreveu um parecer sobre qual teria sido sua primeira impressão da capital paraguaia, ao contrário das cidades anteriores por quais passou pelo caminho desde Buenos Aires.

Mesmo assim, podemos ter certa noção de como era Assunção nessa época quando lemos o texto azariano: a dificuldade de acesso para se chegar nela fazia daquele ponto uma região remota, praticamente isolada. Para termos uma ideia disso, se seguirmos o amplo e trabalhado cronograma realizado por Mones e Klappenbach (1997), veremos que Francisco de Aguirre chegou de barco na cidade no final de abril de 1784, quase três meses depois de Azara.

Terminada essa viagem (a primeira a ser documentada de fato pelo militar), atentamos para a questão de que nela se deu a sua inicial experiência como historiador natural, mesmo que provavelmente não soubesse se iria ou não publicar adiante seus relatos (e para quê eles serviriam futuramente). De certa forma, ainda era cedo para dizer que a natureza era o seu objeto de estudo principal.

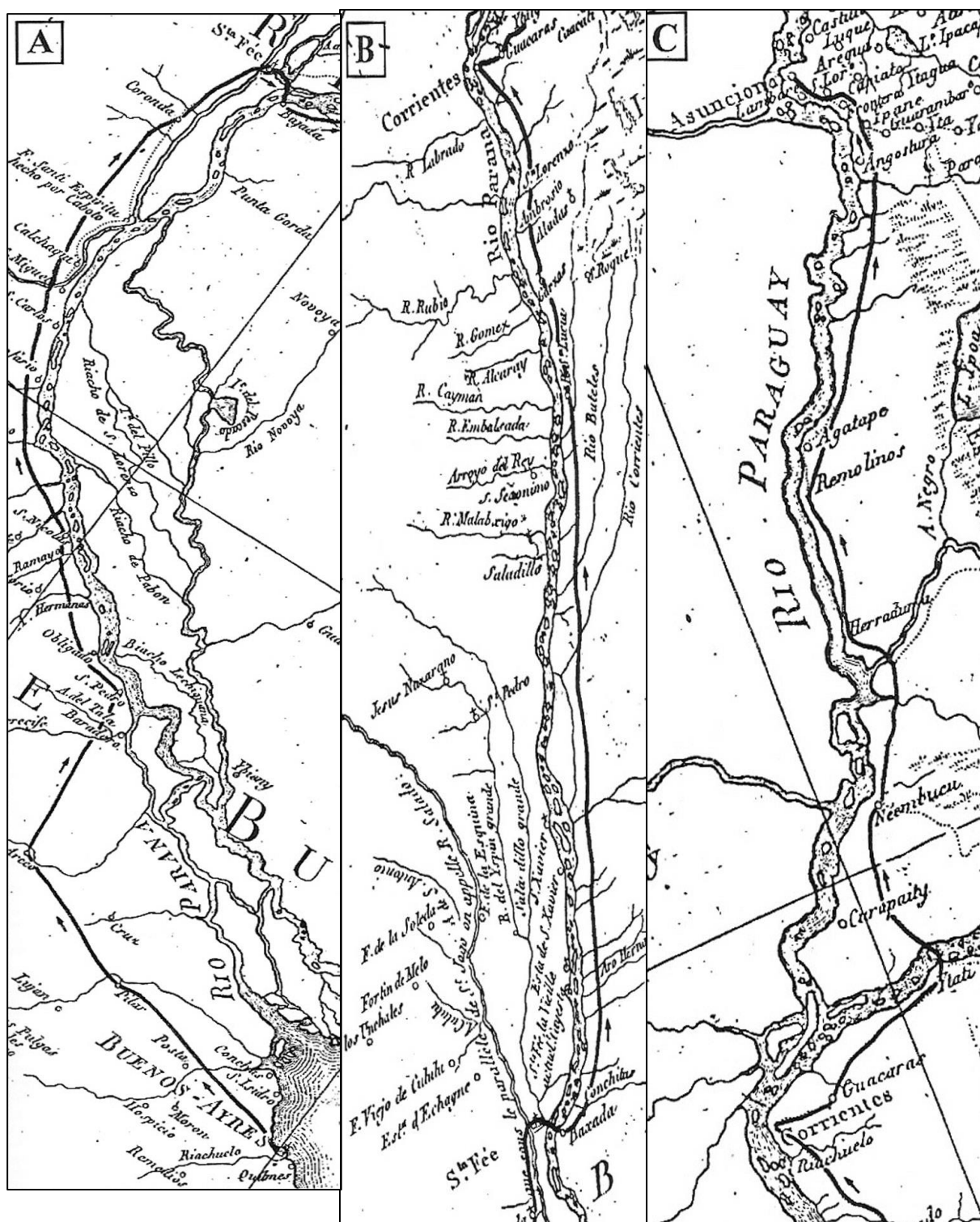


Figura 2 - Mapa realizado por Mones e Klappenbach (1997, p. 221) com o percurso realizado por Azara desde Buenos Aires até Assunção. Recorte do mapa realizado por Contreras Roqué (2011).

Assim que chegou a Assunção, Félix de Azara foi visitar o então governador local, Pedro Melo de Portugal. O político, que se encontrava indisposto na ocasião, comunicou ainda não ter notícia da chegada dos portugueses ao povoado de Yatimí (ou Ygatimí) para o início dos trabalhos de demarcação. Acreditamos que foi esse o exato momento em que Azara começou a preocupar-se com algo que o incomodaria para o resto de toda a sua estadia na América: o não interesse das coroas ibéricas em delimitar, efetivamente, suas possessões coloniais.

A princípio, pode parecer paradoxal essa tese, levantada por Fernando Camargo (2004), de que mesmo que os dois reinos tivessem enviado comissários até os confins do continente americano, não havia o menor desejo de que as demarcações fossem cumpridas (pelo menos naquele período).

Uma das razões que o estudioso nos demonstra em seu texto seria a paz entre as duas nações que duraria de 1777 até 1801. Havia, segundo o autor, um *status quo* confortável entre portugueses e espanhóis. Demarcar territórios *in loco* implicava em confusão diplomática, e confusão era tudo o que os dois lados não queriam no momento. A discordância entre comissários poderia gerar conflitos e, consequentemente, a guerra.

Além disso, as relações familiares entre as monarquias eram um dos motivos para o adiamento de decisões que desagradassem uma ou as duas partes:

A correspondência particular entre a corte de Maria I e de Carlos III e, depois, Carlos IV, tinha um tom permanente de afabilidade e carinho. Os laços familiares estabelecidos eram muito presentes e iam além de aproximações diplomáticas, a exemplo dos pactos de família entre a Espanha e a França no século XVIII. Isso somado ao fato de ter havido, efetivamente, mesmo com o fracasso das partidas demarcadoras, um período duradouro de paz, especialmente nas colônias, entre as duas nações, teria tornado muito difícil uma decisão mais drástica como a anulação do tratado ou a expedição de um *ultimatum* (CAMARGO, 2004, p. 8).

Outra razão apontada pelo historiador seria a dívida de gratidão da coroa espanhola para com Portugal após um evento militar, conhecido como campanha do Rossilhão, entre 1793 e 1795. O reino português auxiliou as tropas da Espanha que lutavam ao lado da Inglaterra contra a França revolucionária na ocasião, o que aumentou o laço entre os dois países.

Para dificultar ainda mais os trabalhos dos comissários, além do não interesse em efetivar as demarcações por parte das autoridades das cortes, havia outro problema: a burocracia. A burocracia colonial era, nas palavras de Contreras Roqué (2011), uma verdadeira “máquina de impedir”. A divisão de responsabilidades era enorme, assim como o tempo e as distâncias enfrentadas. Uma carta de qualquer caráter enviada por um funcionário que estivesse na América até a corte, por exemplo, custava meses para chegar ao destino e voltar com alguma resposta.

Mas quando tratamos da complicada burocracia colonial, não falamos apenas das dificuldades que tinha a logística da época. Estamos falando também da corrupção. Vice-reis, governadores, clérigos, enfim, várias dessas autoridades tiravam muitas vezes proveito de situações que poderiam beneficiar a sociedade em geral. Muitos deles queriam preservar seus interesses locais acima de tudo e, quando esses interesses eram confrontados com o perigo de colocar suas cômodas posições na corte em risco, a “máquina de impedir” mostrava a sua verdadeira face. Veremos melhor isso a seguir tendo como exemplo a situação de Félix de Azara em seu conhecido confronto com outro governador intendente do Paraguai, Joaquín Alós y Brú (1746 – 1827), que substituiu Pedro Melo de Portugal em 1787.

Todas essas questões travavam a efetivação das demarcações, fora a dificuldade de comunicação e entendimento entre os próprios demarcadores e os percalços para se chegar até o lugar em que elas deveriam ocorrer. Como vimos, mal havia chegado ao Paraguai e Azara já ficou sabendo que os portugueses não estavam no local combinado – e, para a aflição do militar aragonês, essa situação jamais mudaria: as demarcações não ocorreriam.

No meio dessa pendenga interminável, como denominou Camargo (2004) essa confusa situação das demarcações, se encontrava Azara. Através de missivas aos governadores, vice-reis e até mesmo ao rei Carlos III, às quais temos acesso à maioria hoje porque foram coletadas e reproduzidas por Contreras Roqué (2011), percebemos melhor a angústia do comissário espanhol em ver que as coisas simplesmente não saiam do lugar.

Em 1784, no dia 12 de abril, escrevendo para o vice-rei Nicolás del Campo, o Marquês de Loreto (1725 – 1803), Azara alertou sobre a presença portuguesa ao norte e apresentou os motivos pelos quais a fortificação de Nova Coimbra deveria

ser destruída o quanto antes, pois usurpava uma área que era espanhola segundo ele, baseado no Tratado de Santo Ildefonso. Os avisos do aragonês, feito em outras cartas, de nada serviram. Somente quando eclodiu a guerra de 1801, o então governador do Paraguai Lázaro de Ribera y Espinoza (1756 – 1824), fez uma tentativa infrutífera de ataque aos portugueses que ocupavam aquela zona da fortificação mencionada por Azara.

As cartas sobre tal questão da fortificação e dos povoados portugueses ao norte, escritas nesse mesmo ano de 1784, poucos meses após sua chegada ao Paraguai, contendo informações dadas por índios mbayás e payaguás, mostram a riqueza de contatos que, em tão pouco tempo, Félix de Azara conseguiu estabelecer (CONTRERAS ROQUÉ, 2011, p. 127). Havia uma rede de informantes do militar, isso antes mesmo de Aguirre chegar a Assunção.

O Marquês de Loreto pareceu não ter gostado muito de receber esses avisos seguidos de Azara pedindo medidas para que o problema fosse solucionado e ainda saber que o comissário iria empreender uma viagem até Villarica por conta própria. O vice-rei logo enviou uma epístola repreendendo Azara, e lembrando que este não deveria esquecer que era um subordinado do comissário-geral, José Varela y Ulloa. O aragonês respondeu Loreto em uma mensagem breve, dizendo que desde que, viera para a América, se considerava um subordinado do comissário-geral.

Ao longo de 1784, Azara também comunicava o vice-rei que não se dirigiria para o rio Iguatemi com seu grupo até que os portugueses lá se encontrassem para começar as demarcações, pois seria, segundo ele, perda de tempo e mantimentos. Nesse tempo da metade até o final do ano, ele realizou três viagens para reconhecimento da região: a primeira até o povoado de Villarica, ao sudeste; a segunda para a região oeste do Paraguai, na cordilheira; e a terceira até as missões. Abordaremos detalhes sobre tais viagens, assim como a de Buenos Aires – Assunção no segundo capítulo com o tema principal.

Em 13 de janeiro de 1785, quando se encontrava novamente em Assunção, Azara escreveu¹⁴ para José Varela y Ulloa uma carta a qual tomamos a liberdade de reproduzir diretamente aqui, devido à importância que acreditamos ter para mostrar o nível de conhecimento geográfico do aragonês e, conseqüentemente, exemplificar

¹⁴ Encontra-se a missiva reproduzida em Contreras Roqué (2011), nas páginas 132 e 134.

a enorme confusão de topônimos nos locais de demarcação (nesse caso, o rio Iguaré) que travavam o andamento dos trabalhos:

“Señor Don José Varela y Ulloa”

“Exmo Señor:”

“En el tiempo que he estado aquí, no he dejado de indagar noticias de los terrenos que debo demarcar. El resultado de ellas me pone en precisión de consultar á V. e. algunos puntos muy interesantes á la demarcación que he de hacer por los ríos Iguerey y Corrientes.”

“Toda la dificultad está en averiguar cuáles son dichos ríos que no existen con los referidos nombres, ni el último tratado da seña para hallarlos: bastaría conocer el uno para seguirlo hasta su origen, y unirlo con la cabecera principal más inmediata del otro, para bajar por él según lo manda el tratado.”

“Yo no debo dudar, sin embargo, de lo referido, ni investigar dichos ríos: porque en la instrucción que V. S. me entregó, se me manda demarcar el río Igatimí con la cabecera del río Aguary, y que hecho esto me retire, contentándome con hacer los que los últimos demarcadores: esto es, que tome al Igatimí por el Iguerey, á las cabeceras del Aguary por vertientes del río Ipané, y a esta por río Corrientes. Estoy pronto a hacer esto; pero no puedo ménos de participar a V. S.: lo primero, que dichas cabeceras del Aguary no vierten en el Ipané, sino en el río Xejuí que emboca en el Paraguay en 24° 7', según me informan muchos, y también un mapa original que tengo hecho por un Portugués de los que anduvieron en dicha demarcación, que lo entregó al brigadier D. Jaime San Just. De modo que admitiendo al Igatimí por Iguerey, y siguiendo las aguas del Aguary, como se me manda, caerá la línea en el río Xejuí, dejando fuera tres pueblos nuestros, y gran parte de los yerbales de la provincia: cosas que no pueden componerse con el tratado. Lo segundo que hago a V. S. presente que, aunque fuese cierto que las cabeceras del Aguary vertiesen en el Ipané, tampoco puedo demarcarlas y regresar, porque tenemos dos pueblos al norte de dicho Ipané, y quedarían fuera de la línea.”

“Esto supuesto, es imposible dar cumplimiento en esta parte a las referidas instrucciones, y es preciso que me atenga al tratado, que habla de Iguerey y Corrientes, y no de Aguary ni Igatimí, ni Ipané; o por lo menos, cuando se tome el segundo por el Iguerey, se hace indispensable que desde su origen se dirija la línea al norte, sin tocar las cabeceras del Aguary, ni las del Ipané, hasta encontrar con las del río Aquidabanigui, que es el primero que puede servir de límite, cubriendo nuestras posesiones, y desagua en el Paraguay.”

“Mucho tiempo he estado persuadido de que esto era lo que debía hacer: pero en el día pienso que lo más justo, conveniente y conforme al tratado es, que la línea vaya por los ríos que voy a explicar.”

“Consta de los diarios y mapas de los últimos demarcadores, que en la latitud 22° 4', emboca en el río Paraguay por el este un río caudaloso, cuyas circunstancias y latitud, examinadas y combinadas con el tratado penúltimo, determinaron a sus demarcadores a tenerlo por el río Corrientes, y a ponerle este nombre, cuando, antes de ver al Igatimí navegaron el Paraguay hasta el Jaurú.”

“Dicho río, creído Corrientes, es inequívoco por los cerros de Itapucú que tiene inmediatos, y sus cabeceras se hallan, según el mapa de los mismos demarcadores, junto a las del río Monici o Yaguarey, que es más caudaloso que el Igatimí, y emboca dividido en tres en el Paraná por el oeste. De Iguerey a Yaguarey hay tan poca diferencia que puede tenerse por yerro del copiante, de la imprenta o del que hizo el mapa que se tuvo presente para hacer dicho tratado: así es probable que el Iguerey es el Yaguarey, pues no hay otro río sobre el salto del Paraná que condiga en el nombre. En poder de José Custodio de Saa y Faría se hallan los diarios y mapas de los últimos demarcadores y el mismo puede certificar que todo lo expuesto es cierto;

como también que dicho río tiene los nombres de Monici y Yaguarey, y no el de Ivinheyma que le dan algunos mapas modernos.”

“De lo expuesto se concluye, que hay un río caudaloso, vertiente por el oeste del Paraná sobre el Salto Grande, y que condice con el Igurey en el nombre; teniendo sus cabeceras inmediatas a las de otro caudaloso que vierte por el este en el del Paraguay en la zona tórrida, que es la seña que daba el tratado penúltimo para conocerlo; cuyas circunstancias hicieron creer a sus demarcadores que era el llamado Corrientes, y como tal le pusieron este nombre: por cuyos motivos parece que estos dos ríos son los mencionados en el Tratado.”

“En este concepto, espero que V. S. como director de la demarcación, me diga si debo sostener que la línea vaya desde el Paraná por el referido Yaguarey, y uniendo sus cabeceras con las del más próximo, que es el que dichos demarcadores creyeron Corrientes, debo bajar por este al río Paraguay, que es lo que me parece más útil, acomodable y conforme a los dos últimos tratados, sin que puedan los portugueses exponer razones equivalentes, ni oponerse. Pues esto sería mover disputas sobre lo que no perjudica directamente a su actuales posesiones, ni a la navegación que hacen por los ríos Tacuarí y Paraguay, ni a sus cultivos, minas ni pastos; hallándose sus posesiones a enorme distancias ocupadas por bárbaros; y por el contrario, las que tenemos al norte del Ipané necesitan el ensanche que la referida demarcación les proporcionaría, no sólo para pastos y yerbales, sino también para comunicarse en lo sucesivo con los chiquitos, y para otros fines útiles, sin perjuicio de los lusitanos.”

“Tengo algún antecedente de que mis concurrentes, porque no hallan río llamado literalmente Igurey, quieren por lindero la sierra de Maracayú, y no el río Igatimí. En realidad, aunque es injusta esta pretensión infundada, me parece que sería conveniente admitirla con tal que conviniesen en que la raya siguiese por la de San José hasta el río Paraguay donde va abesar. Si admitiesen esto, quedarían por nosotros las tierras de los bárbaros mbayás, nuestros amigos, que son los mejores campos y yerbales de estos países.”

“Aún en este caso quedaríamos separadísimos de los portugueses, y en nada les perjudicaríamos: pero no creo que convengan en ello. Sin embargo, espero que V. S. me imponga de lo que debo hacer en este caso, como del partido que debo tomar en vista de lo que queda referido.”

“El mapita adjunto impondrá a V. S. de todo: en él están los ríos según creo que existen, como también el curso punteado AA, que los demarcadores pasados creyeron tenía el Ipané.”

“Nuestro Señor, etcétera.”

Félix de Azara

Salientamos que essa é apenas uma de outras tantas missivas do militar para o comissário-geral e também aos vice-reis a respeito dessa questão da confusão de topônimos, em que percebemos a ansiedade de Azara em cada uma delas. O Tratado Definitivo de 1778 (dito de Santo Ildefonso) não era claro quanto aos pontos a serem demarcados, e isso piorava ainda mais a situação com os dois lados se acusando de querer invadir o espaço do outro e não chegando a um acordo sobre qual rio ou região o tratado estava versando afinal.

O tempo acabou passando e Azara foi ficando cada vez mais apreensivo, principalmente com as duas questões mencionadas acima: a dos portugueses ao norte e a confusão toponímica em admitir ou não a existência do rio Igureí.

Em 1791 a situação pareceu chegar a um clímax e Félix de Azara escreveu para o vice-rei, dessa vez Nicolás de Arredondo (1726 – 1802), sucessor de Loreto, uma longa carta em 20 de junho, desde o povoado de Curuguaty, reclamando do fato de o governante concordar com os portugueses sobre como deveria ser feita a demarcação, ignorando a explicação dada por Azara de que o rio Igureí deveria ser levado em conta, se ela ocorresse.

Azara começou escrevendo (e sublinhando ele mesmo) que “siendo mi demarcación, en mi juicio, el negocio más grave que puede ocurrir en el virreinato”, o que já dava o tom geral de sua missiva. Lembrou ao vice-rei de que era o chefe da terceira partida, e no final dela disse que não arredaria pé de sua decisão de considerar o Igureí, alertando que se não fosse assim, haveria de “*morir en el desierto*”. Ainda pediu para que a carta fosse enviada ao Rei.

Ao lermos essas fontes, o que vemos é um funcionário tentando fazer o que achava ser o correto, insistindo em mostrar sua opinião frente a autoridades que davam pouquíssima importância para ela. A preocupação com a honra e uma postura ética eram características dele, tanto em correspondências com autoridades quanto em correspondências mais intimistas com seus poucos amigos mais próximos como Pedro Cerviño (1757 – 1816).

Essa conjuntura toda de inércia, que fez com que Azara pedisse a sua saída do Paraguai pela primeira vez em dezembro de 1791, de certa forma ajudou o comissário a tornar-se um historiador natural. Mas seríamos reducionistas em afirmar que foi somente essa circunstância que fez de Azara um naturalista.

Certamente a dedicação para com a ciência era uma válvula de escape de todo o tédio e preocupação gerados pelo impasse das demarcações. Contudo, Azara poderia muito bem ter cruzado os braços e cumprido apenas com o seu dever de funcionário da coroa. Por quais motivos ele desenvolveu tanta afeição pela natureza e pelas pessoas da região em que se encontrava, a ponto de escrever uma obra tão peculiar e significativa até hoje?

Acreditamos particularmente em dois motivos. O primeiro seria o que Todorov (2008) denominou como autonomia, reproduzindo a máxima de Kant: “*Tenha coragem de servir-te de teu próprio entendimento! Eis o lema das Luzes*”. “*A máxima de*

pensar por si mesmo é as Luzes”. Era essa a característica de um indivíduo das Luzes como Azara, ávido por conhecimento, um conhecimento que para ele era acessível e no qual ele poderia se aventurar, mesmo que muito possivelmente a história natural fosse um tema que ele tenha tido pouco contato quando chegou na América. Foi essa autonomia, filha das Luzes, que possibilitou Azara reunir dados sobre diversos temas e escrever sobre eles. *Sapere Aude! “A autonomia do indivíduo se perpetua no contexto de sua vida e de suas obras. Leva a descobertas do meio natural, feito de florestas e torrentes, de clareiras e colinas que não foram submetidas a exigências geográficas”* (TODOROV, 2008, p. 18). A diferença entre ele e outros exploradores do período, que escreveram uma obra de tamanho similar a sua, foi a de que Azara não participava de uma expedição propriamente dita. Partiu dele a decisão de ser um explorador científico.

O outro motivo, não abordado por seus biógrafos até hoje, é a questão da busca por reconhecimento. Imaginemos um homem, já com os cabelos brancos, com mais de 40 anos, ficando numa região isolada e distante de sua casa e por um longo período de tempo. Esse homem percebe que foi mandado para aquele lugar numa missão sem solução, uma missão que não chegará ao fim. Ele, como um ilustrado, precisa dar sentido a sua vida terrena. E, mais ainda: tal homem passou por uma experiência de quase morte antes disso e, provavelmente, essa perspectiva da própria extinção o fez pensar sobre o que seria realmente importante para ele. Esse homem foi Azara.

A angústia de estar perdendo os melhores anos de sua vida num local remoto, como ele mesmo escreveu, e a busca de ser reconhecido por um trabalho que zelava tanto, impulsionaram Azara a se dedicar ao seu desejo de conhecimento e compartilhar aquilo que tinha visto com seus próprios olhos.

Se foi ignorado como demarcador, como naturalista ele não seria. As duas atividades se davam paralelamente no seu cotidiano. Um cotidiano bem atarefado, aliás. Presumimos que Azara ficava horas a fio em seu gabinete em Assunção, checando mapas, estudando as espécies que coletava e fazendo suas anotações. Quando realizava suas viagens, ele mesmo explicava como fazia:

“Mi costumbre en esta provincia ha sido llevar siempre que he salido de la ciudad la escopeta y los instrumentos convenientes para poder calcular mi derrota y matar los animales que viere. Por lo tanto, nunca di un paso sin

llevar conmigo dos buenos instrumentos de reflexión de Halley y un horizonte artificial. En cualquier parte que me encontraba observaba la latitud, en medio del campo, y todas las noches, por medio del sol y de las estrellas tenía también una brújula con pínulas, y con frecuencia verificaba la variación comparando su acimut con el que me daban mis cálculos y la observación del sol.”

“Como el país es llano, podía con frecuencia fijarla con la brújula el rumbo directo de un punto a otro entre dos latitudes observadas, lo cual me permitía calcular cómodamente la diferencia de longitud. De esta manera es como he procurado determinar siempre la posición de todas las alturas o puntos notables, porque marcando a continuación, con la brújula, estos lugares cuya latitud me era conocida encontraba fácilmente, por el cálculo, su diferencia de longitud. A veces, cuando me hallaba en los bosques hacía encender grandes hogueras, cuyo humo me servía de señal, y encontraba por este medio la verdadera posición de los lugares cuya latitud había observado previamente. En otras ocasiones y cuando no había otro recurso enviaba por delante de mí dos hombres a caballo, de los que uno se detenía cuando me perdía de vista y el otro continuaba hasta perder, a su vez, de vista al primero que se había detenido y así sucesivamente. No sólo tenía el mayor cuidado en marchar lo más en línea recta posible sino que también tomaba nota del tiempo que tardaba en ir de un plantón a otro, marchando siempre al mismo paso. Después por la relación de los minutos y los rumbos y de la comparación de las dos observaciones, determinaba el rumbo directo entre dos latitudes observadas” (AZARA, 1969, p. 45)¹⁵.

Era um cotidiano de riscos e de desgaste físico e moral para o naturalista. Bourguet (1997) atentou para o fato de o dia a dia dos exploradores ser desgastante justamente por causa da rotina estabelecida pelos seus trabalhos (como a descrita por Azara acima), além das longas viagens que tinham que empreender para coletar e compilar posteriormente os dados de seus interesses:

Tendo abandonado a Europa há meses, ou anos, sem notícias a não ser de boca em boca, os exploradores veem-se mergulhados num tempo sem pontos de referência, em que os dias se sucedem uns aos outros; é um tempo ocupado pelos gestos cotidianos da descoberta: deitar o ponto, traçar o mapa, observar o país. Os seus diários de bordo ou de viagem são disso testemunho: a normalidade dos seus dias decorre, mais do que em aventuras heroicas e tumultuosas que contribuem para o enriquecimento da sua lenda, na realização destas tarefas executadas com uma minúscula repetitiva e habitual, fastidiosa, por vezes esgotante, interrompidas por momentos de perigo ou de medo. [...] Observações astronômicas, levantamentos topográficos, medidas de triangulação: a exploração prossegue em ritual tão inalterado e cotidianamente repetido que os índios de Tarqui não encontram melhor paródia durante uma festa a que La Condamine assiste do que imitar o gesto de um astrônomo que ergue o óculo em direção ao céu (BOURGUET, 1997, p. 230 e 232).

Com o tempo de 20 anos na América, a obra realizada por Azara foi extensa se a compararmos com as obras de outros demarcadores da sua época. Consagrado por seus livros, hoje em dia ele é tido como um dos percursos de diversas dis-

¹⁵ In Contreras Roqué (2011: p. 126 e 127).

ciplinas modernas, como a geografia física, a biogeografia e a geografia humana. Também é considerado um dos primeiros historiadores da região platina, pois sempre levantava dados históricos dos povoados por onde passava e também de cidades como a capital do vice-reino, Buenos Aires, através da consulta do arquivo de Assunção.

Possuía um bom conhecimento em hidrologia, até mesmo antes de estar no continente americano, e percebemos isso quando ele tratou do estero de Iberá e explicou o porquê de se considerar um estero o que muitos acreditavam ser uma lagoa. Devemos mencionar, também, o quanto tinha uma boa noção de cartografia.

Os seus primeiros livros a serem publicados, versavam sobre mamíferos e pássaros. Nessas duas categorias, Azara foi pioneiro, descrevendo 77 espécies de mamíferos, sendo 66 novas. O seu papel como ornitólogo foi o de maior fôlego: descreveu 448 espécies, sendo metade ainda desconhecida na época.

Com relação à obra sobre os mamíferos, *Apuntamientos para la Historia Natural de los cuadrúpedos del Paraguay y Rio de la Plata*, seu irmão, José Nicolás de Azara, a fez publicar em francês no ano de 1800 mesmo sem a anuência de Félix de Azara, que o tinha enviado apenas um manuscrito em forma de rascunho. A obra seria publicada em espanhol em 1802 em três tomos.

No caso das aves, o *Apuntamientos para la historia natural de las Paxaros del Paraguay y Rio de la Plata*, também publicado em 1802 em espanhol, já estava pronto no ano de 1789, quando o naturalista Antonio Pineda y Ramírez (1754 – 1792), que viajava na expedição Malaspina, viu e interessou-se pelo manuscrito. Teria conseguido uma cópia do mesmo por intermédio do vice-rei Nicolás del Campo, com o objetivo de organizar o trabalho para Azara. Porém, Pineda acabou falecendo pouco tempo depois, em pleno andamento da expedição.

Se o trabalho de Azara como demarcador foi alvo de impedimentos, com o trabalho de historiador natural não foi diferente. Azara enviou diversas caixas contendo exemplares de aves mergulhadas em recipientes com aguardente para o Real Gabinete de História Natural de Madrid. O problema é que Manuel de Godoy havia colocado como diretor do gabinete José Clavijo y Fajardo (1726 – 1806), que recebeu diversas coleções de expedições espanholas, mas, por motivos desconhecidos,

talvez por falta de preparo e inveja dos naturalistas, ele colocou fora todas essas coleções. Contreras Roqué (2011) levantou a hipótese de um mau relacionamento entre Clavijo e Azara ser o motivo da perda de seus envios.

Outro caso (ou descaso) com o trabalho de Azara se deu por causa de uma briga com o governador Alós. O militar aragonês tinha escrito no ano de 1794 para o vice-rei Nicolás de Arredondo denunciando a conduta de Alós, que recebia, segundo ele, vários presentes dos portugueses em troca de alguns benefícios e ajudava na questão da espionagem do outro lado. Azara, que tinha realizado vários mapas a pedido do cabildo de Assunção - inclusive um da cidade - e uma obra denominada *Descripcion e historia del Paraguay y del Rio de la Plata* (1847), teve seus trabalhos retirados por Alós da biblioteca, que mandou inclusive fechar o arquivo para que o militar não pudesse mais realizar suas pesquisas. Ainda segundo Walckenaer (1907), Alós teria tentado confiscar as obras sobre os mamíferos e pássaros de Azara para se apropriar delas e assim lançá-las como se as tivesse escrito. Para a sorte do aragonês, ele não conseguiu pôr as mãos nos manuscritos.

O cabildo, posteriormente, agradeceu ao próprio Azara (que foi agraciado com o título de cidadão), em 23 de setembro de 1793 por tão generoso empenho, sobretudo, devido ao elaborado mapa feito de toda a província. Vale lembrar que Azara recebeu ajuda do seu grupo para confeccionar os mapas.

Poderíamos falar mais sobre os escritos científicos de Azara em aspectos que não abordamos ainda, como a botânica, o estudo de artrópodes, a geomorfologia, etc. Mas sua obra, como já dissemos, é vasta, e temos de nos limitar a apenas citar certos aspectos dela de maneira tangencial.

Mesmo assim, há uma parte dela que gostaríamos de nos aprofundar antes de falarmos da etapa buenairense e oriental. É a parte que se aproxima do que atualmente chamamos de etnografia. A parte que nos chamou a atenção quando lemos seus livros pela primeira vez. Vamos ao que finalmente interessa: a visão de Azara sobre os “outros”.

3. O outro

“There are no foreign lands. It is the traveler only who is foreign”

Robert Louis Stevenson, “The Silverado Squatters” (1883)

Em sua jornada, Félix de Azara escreveu não somente sobre a geografia, as plantas, os insetos e os pássaros da região por onde passara. Para ele, havia uma parte mais importante para ser descrita sobre um lugar:

Aunque el hombre sea un ser incomprensible, y sobre todo el hombre salvaje, que no escribe, que habla poco, que se expresa en una lengua desconocida, a la falta una multitud de voces, y que no hace sino lo que le exigen las pocas necesidades que siente: sin embargo, (...) el hombre es el asunto principal, y la parte más interesante de la descripción de un país (...). (AZARA, 1850, p. 172).

Mesmo que tenha sido reconhecido posteriormente pelos seus estudos na área da zoologia, Azara realizou importantes observações etnográficas acerca das pessoas que habitavam a América Meridional. Fazer essas observações sobre determinados grupos humanos é uma atividade que implica no conceito denominado outridade. A outridade, ou alteridade, é aqui entendida como a descoberta que “nós” (o grupo social e cultural ao qual pertencemos) fazemos dos “outros” (aqueles que não formam parte dele). Essa complexa questão perpassa boa parte das anotações feitas pelo militar espanhol, de modo que temos um panorama da sua visão sobre as diferentes etnias que viviam naquele momento. Índios, negros, *criollos*, enfim, Azara nos mostra seu olhar sobre tais indivíduos e quem são, segundo ele, esses “outros” (como/onde vivem, seus costumes, aspectos físicos e morais, suas atividades de trabalho e lazer, etc.).

Para compreender melhor como se deu essa relação entre um demarcador ilustrado e os “outros”, utilizamos a proposta do escritor búlgaro Tzvetan Todorov. Todorov, em seu mais conhecido livro *A conquista da América: a questão do outro*, lançado em 1982, trabalhou com o conceito de alteridade num determinado período histórico (o século XVI), citando que a relação com o “outro” não se dá em uma única dimensão, mas sim em três planos diferentes.

Tal tipologia elaborada por Todorov, e que foi empregada no presente capítulo, é a que se segue. Primeiramente, há um julgamento de valor (no plano axiológico): o outro é bom ou mau, gosto dele ou não gosto dele, ou, como se dizia na época, me é igual ou me é inferior (pois, evidentemente, na maior parte do tempo, sou bom e tenho autoestima...). Há, em segundo lugar, a ação de aproximação ou de distanciamento em relação ao outro (no plano praxiológico): adoto os valores do outro, identifico-me a ele; ou então assimilo o outro, impondo-lhe minha própria imagem; entre a submissão ao outro e a submissão do outro há ainda um terceiro termo, que é a neutralidade, ou indiferença. Em terceiro lugar, conheço ou ignoro a identidade do outro (seria o plano epistemológico) (TODOROV, 2011, p. 269 e 270). Ainda resta dizer que dentro de cada um desses eixos há a possibilidade de se encontrar atitudes diferentes de uma pessoa para com o “outro”.

A preocupação com os “outros” é antiga na história da humanidade. Se formos refazer todo o caminho acerca desse conceito, teríamos que começar escrevendo sobre as obras do filósofo Herótodo, na Grécia Antiga. Teríamos ainda de falar da Idade Média e as representações grotescas europeias sobre os muçulmanos.

Mas o ponto chave cronológico que elegemos para falar da alteridade foi a partir do fenômeno que denominados “descoberta da América”. Essa escolha se deu por acreditarmos, assim como o autor Edgar Ferreira Neto (2011), que o encontro entre as civilizações europeias e americanas foi um dos acontecimentos mais surpreendentes da história, sobretudo quando falamos de alteridade.

Os debates gerados com relação ao continente americano e, mais especificamente, quanto aos seus habitantes, foram os mais variados. Já no século XVI, o debate mais conhecido se deu entre Las Casas e Juan Sepúlveda sobre os índios. Mas é a partir da metade do século XVIII que a contenda acerca dos “outros” americanos e a natureza se acentuou entre pensadores europeus. Foi o momento que o

italiano Antonello Gerbi tratou em seu clássico livro "O Novo Mundo - História de uma Polêmica (1750-1900)", cuja edição original é de 1955.

Os intelectuais ilustrados posicionaram-se entre elogiar ou desmerecer o outro continente, sempre tendo como referencial a Europa em que viviam. Félix de Azara escreveu no período em que essa polêmica sobre o Novo Mundo ganhou força e, como veremos, sua obra baseou-se em um dos maiores difamadores da natureza americana.

Por toda essa questão de a América estar intrinsecamente associada à descoberta dos “outros” de uma maneira sem precedentes na História, foi que Todorov (2011) se tornou, nesse estudo, o referencial teórico condutor, ainda mais por tratar do tema e realizar uma tipologia da alteridade. Contudo, simplesmente aplicar essa tipologia de Todorov num caso como o de Félix de Azara não seria o suficiente para compreender o tema abordado, que seria a relação de um militar ilustrado com os “outros”. O contexto histórico, como não era para deixar de ser, determinou boa parte do que o militar espanhol escreveu e deve ser considerado, principalmente se levarmos em conta as ideias que comumente circulavam e eram debatidas pelos mais importantes pensadores do chamado período das luzes. Mas antes vamos ao caso das fontes utilizadas, um assunto não menos importante.

3.1. As fontes: o enigma Azara

Quando os pesquisadores lidam com viajantes em trabalhos acadêmicos, como é o nosso caso, procuram denominar geralmente as fontes utilizadas como literatura de viagens ou então memórias de viagens. A questão é que esse tipo de fonte demanda uma série de cuidados que o historiador deve sempre ter em mente.

O primeiro cuidado que elegemos foi conhecer quem teria escrito os documentos utilizados no presente trabalho. Isso nós já fizemos com o capítulo 1, quando mostramos, dentro de nossas possibilidades, quem teria sido Félix de Azara e qual seria a sua cosmovisão.

Outro cuidado, o segundo, seria compreender o momento em que ele escreveu essa documentação. De certa forma, vimos o panorama intelectual e político em que Azara estava inserido, e ainda veremos, ao longo deste capítulo, como era o período em que a escrita sobre os “outros” se deu. O momento histórico de elaboração de seu trabalho definiu outra questão: o estilo de Azara.

O militar escrevia de forma direta, metódica e com as informações compiladas uma atrás da outra. Na maioria das vezes, tais informações são breves, sem muitos detalhes. Contreras Roqué (2011) citou diversos estudos que já foram realizados para qualificar qual teria sido o estilo de escrita de Azara, contudo, nenhum deles chegou a uma maior conclusão do que a de apontar o fato de o aragonês escrever no estilo de ensaio. As narrativas de viagens têm esse caráter “polimorfo”, o que dificulta definir a que gênero elas realmente pertencem (MARTINS; MOREIRA, 2013, p. 17).

Esse estilo cru e direto de Azara, sem muitos floreios, pode ser explicado se o considerarmos como um homem pertencente a uma geração anterior à propagação do movimento moderno denominado como Romantismo. Tal movimento era uma oposição ao racionalismo oriundo da ilustração e, de certa forma, mudou drasticamente a cosmovisão ocidental europeia, afetando todos os campos do saber como as artes, literatura e política.

Uma nova forma de sentir o mundo e pensar sobre ele foi sendo elaborada e disseminada entre intelectuais. Um dos precursores desse movimento teria sido um próprio filósofo do iluminismo, o suíço Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1788), em seu livro *Emílio* (1762), com a ênfase na figura pura, livre e inocente que era representada pela criança.

Com isso, é perceptível como o estilo prático de escrita de Azara se diferencia do estilo romântico de exploradores como Alexander von Humboldt (1769 – 1859) que possuía uma sensibilidade distinta para escrever sobre aspectos que para Azara não seriam passíveis de importância.

O terceiro cuidado – e esse seria um cuidado particular que devemos ter com a literatura de viagem, por ser muito comum nesse tipo de fonte –, se refere ao fator da intertextualidade. Queremos dizer com isso que muitas vezes os textos publica-

dos por viajantes contêm informações de outros estudos feitos anteriormente, como por exemplo, Azara e os escritos de jesuítas sobre os locais que percorreu.

Além disso, há um quarto cuidado que devemos levar em conta por ser um dos que mais dificultam o entendimento da obra azariana: tirando o seu epistolário e dois manuscritos, não sabemos o que **realmente** foi escrito pelo naturalista.

Não estamos falando apenas do fato de os originais das obras sobre os pássaros e os mamíferos publicadas em 1801 terem sido perdidos, mas também sobre a questão das modificações realizadas pelos editores antes da publicação.

O texto de *Voyages dans l'Amérique Méridionale* (1809), a obra mais difundida de Azara, e que teve como editor Charles Walckenaer, teria sido composto a partir de um manuscrito em espanhol que foi posteriormente traduzido para o francês e assim entregue ao editor para a composição. Não se sabe até hoje o paradeiro desse manuscrito, mas Contreras Roqué (2011) levantou a suspeita de que tal manuscrito poderia nem existir e que Walckenaer teria composto a obra a partir de fragmentos que Azara ia passando para ele.

A adulteração não parou por aí. O sobrinho de Félix de Azara, Agustin de Azara y Mata (1801 – 1859), através do biógrafo da família Azara, Basilio Sebastián Castellanos de Losada (1808 – 1891), lançou em dois tomos, no ano de 1847, o *Descripción e historia del Paraguay y del Río de la Plata*. O original dessa obra que o irmão do naturalista, José Nicolás, queria publicar ainda em vida, também se perdeu.

Porém, não é difícil de imaginar que tal obra teve partes suprimidas ou modificadas, pois se compararmos o manuscrito do *Memória Sobre o Estado Rural del Río de la Plata*, escrito por Azara em 1801 no então povoado de Batoví, e a edição de Castellanos de Losada da mesma obra no ano de 1847, veremos o deslocamento e retirada de trechos em algumas partes. Além disso, o biógrafo familiar escreveu em uma epístola que só tinha acesso às cópias e não aos originais da documentação, pois seu patrão não dava acesso a eles.

Para piorar a situação das fontes para quem tem como objeto de estudo Félix de Azara, Agustin não se limitou a determinar o que poderia ser ou não escrito sobre sua família, como também destruiu uma grande quantia de papéis.

Nada menos que 57 quilos¹⁶ de documentos que eram pertencentes a José Nicolás, Félix de Azara e Francisco Antonio, foram queimados a pedido de Agustín, no ano de 1859. A ordem foi feita para que Castellanos de Losada fizesse pessoalmente o serviço, pois Agustín já se encontraria no leito de morte:

... los papeles consabidos podrá Ud. mandármelos cuando se proporcione el que alguna persona de su confianza venga aquí, conforme Ud. me propone, y deberán venir en un cajoncito clavado; y me parece que no se le deberá decir al sujeto la clase de papeles que son: y en fin Ud. lo dispondrá en el modo y forma que le parezca, toda vez que no se determine Ud. a quemarlos como le dije que podía hacerlo. El tardar mucho tiempo a mandarlos ofrece el inconveniente de que podríamos Ud. y yo morir y en este caso Dios sabe a dónde irían a parar, y el uso que se haría de ellos, y por eso repito que sería mejor el que usted los quemase¹⁷

A causa desse ato lamentável de Agustín e Castellanos de Losada poderia ser referente a uma tentativa deliberada de ocultar o que escreveram os irmãos Azara a respeito de assuntos delicados como política e religião. Contreras Roqué (2011) atentou para o contexto das chamadas Guerras Carlistas, pendenga relacionada à sucessão do trono espanhol, vago com a morte de Fernando VII, entre partidários do irmão do falecido rei, Carlos María Isidro de Bourbon (1788 – 1855), e os partidários de sua sobrinha, María Isabel Luisa de Bourbon, chamada de Isabel II (1830 – 1904). Como Agustín seria conservador, adepto da igreja católica e contra o liberalismo do grupo de Isabel II, que acabou governando o país até 1868, possivelmente ele quisesse esconder a postura liberal e jansenista de parentes como José Nicolás de Azara.

Fora os casos explícitos de adulteração da obra de Azara, o próprio militar eventualmente fazia correções em seus próprios manuscritos, o que deve ter ocorrido após sua volta para a Espanha, quando possuiu tempo e melhor acomodação para avaliar o que tinha escrito.

Voltando aos cuidados que devemos ter ao tratar de literatura de viagem e qualquer outra fonte, citamos a necessidade de demonstrar (ou tentar demonstrar) para qual público essas narrativas são escritas. Se tomarmos como fontes a obra naturalista de Azara, sem nos referirmos ao seu epistolário, veremos que houve um público alvo que o militar gostaria que sua obra atingisse. Esse público seria os ou-

¹⁶ Número aproximado a que chegou Contreras Roqué (2011) através de cálculos.

¹⁷ A carta dataria de 28 de dezembro de 1859, e se encontra na Biblioteca Nacional de Madrid e foi reproduzida por Contreras Roqué (2011: p. 235).

tros estudiosos interessados pela história natural na Europa. Contudo, não podemos esquecer que não apenas naturalistas, mas pessoas letradas e com interesse pela literatura de viagem, também se interessariam, pois era um gênero que de certa forma tinha grande popularidade nessa época.

Boa parte dos livros desse gênero buscava vangloriar o viajante que escrevia e ressaltar os seus feitos, aumentando também detalhes de dados sobre as explorações. Azara escreveu logo no início de seu *Viajes* (1850), com a tentativa de desassociar a sua narrativa desses outros relatos forjados, que não escreveria sobre os perigos, obstáculos e perseguições que sofreu, por isso não interessar ao leitor segundo ele, além do fato de sempre buscar as palavras e pesos mais corretos da realidade sem aumentar ou diminuir o que viu. Essa afirmação nos remete à atitude semelhante de outro viajante, Charles Marie La Condamine (1701 – 1774), quando escreveu que *“Para no defraudar la esperanza de quienes sólo buscan en una relación de viaje sucesos extraordinarios y pinturas agradables de conductas extrañas y costumbres desconocidas, debo advertirles que no encontrarán en ésta mucho que les satisfaga¹⁸”*.

Já sobre a questão da utilização dos discursos gerados por Azara, podemos perceber que estudiosos do Paraguai, Uruguai e Argentina tentaram dar continuidade ao seu inventário naturalista, além da ampla aceitação e utilização das obras na comunidade europeia por figuras como Charles Darwin, que referenciou o militar. Tanto a menção quanto a utilização dessas narrativas para algum fim nos mostra o alcance que tem a obra naquela ocasião e, até mesmo, hoje. Mencionaremos mais sobre essa utilização das narrativas de Azara nas considerações finais desse texto.

O que temos de salientar, por último com respeito às fontes, é quais delas foram utilizadas para esse estudo. A primeira e principal delas é o *“Viajes por la América del Sur”* (1850), a versão em espanhol do *Voyages*. Foi a obra que mais circulou, segundo Mones e Klappenbach (1997) e Contreras Roqué (2011).

As outras obras são: a cópia do manuscrito do *“Memorias sobre el estado rural del Río de la Plata”*, de 1801 como já foi referenciado e o *“Geografía física y esférica de las provincias del Paraguay y misiones guaraníes”*, da edição de 1904. Vale

¹⁸ La Condamine (1986) apud Contreras Roqué (2011: p. 189).

notar que essas duas obras citadas possuem boa parte dos dados similares ao do *Viajes* (1850) em determinados pontos.

Além disso, utilizamos o *Viajes Inéditos desde Santa-Fe a la Asunción, al interior del Paraguay y a los pueblos de misiones* (1873) e algumas cartas do epistolário que Félix de Azara trocou com outros comissários, amigos ou funcionários da coroa durante sua estadia na América meridional, para acrescentar um melhor entendimento de sua percepção sobre os “outros”.

3.2. Ilustração e alteridade

Enquanto Azara ainda estava na América do Sul, morria, em 1788, uma das maiores autoridades científicas da época: o francês Georges Louis-Leclerc, que ficou conhecido como Conde de Buffon. As edições da grande obra enciclopédia de Buffon, *Histoire Naturelle*, que possui 44 tomos ao total, tornaram o autor um verdadeiro *best-seller* na época (MARTÍNEZ RICA, 2008, p. 124). Geralmente se atribuiu essa popularidade ao fato de seu status como cientista e por sua escrita ser, ao mesmo tempo, acessível e polêmica, muitas vezes rebatendo as ideias de outros pensadores – a maioria viajantes - em seus livros.

As edições da História Natural de Buffon disseminaram-se pela Europa em diversos formatos, tanto como exemplares completos como em formatos de bolso, com maiores ou menores mudanças do texto original. Sabemos que Pedro Cerviño, um dos comissários da missão demarcatória, emprestou para Félix de Azara uma edição traduzida para o espanhol de um compendio da *Histoire Naturelle* (MARTÍNEZ RICA, 2008, p. 154). Foi o primeiro contato de Azara com o escritor e sua obra sobre o assunto, em que certamente o militar tomou conhecimento do tema e interessou-se de forma decisiva por ele.

A partir disso, diversos autores passaram a associar os escritos de Buffon com a obra de Félix de Azara levando em conta, geralmente, a história natural em disciplinas como botânica e zoologia. Artigos fazendo essa relação e mostrando

quais seriam as ideias do militar espanhol no que tange à classificação de espécies de plantas e animais foram publicados, nos quais se destacaram os recentes estudos de Juan Pablo Martínez Rica (2008) e Julio Rafael Contreras Roqué (2010). Ou seja, a relação do Buffon naturalista com Azara tomou lugar nas publicações científicas sobre o tema de modo que foram deixadas de lado as concepções de uma figura tão relevante quanto: a de Buffon como antropólogo.

Através de seus textos sobre o homem, presentes na *Histoire Naturelle*, Buffon estabeleceu as bases da teoria racialista no século XVIII e, com isso, exerceu uma influência decisiva em autores posteriores que escreveram sobre o assunto (TODOROV, 2013, p. 121). Buffon acreditava que o gênero humano era composto por hierarquias internas – as chamadas raças. Mesmo que admitisse que a humanidade fosse formada por uma única espécie, o autor classificou e deu importância para as hierarquias dentro dessa unidade.

Segundo a leitura que Todorov (2013) fez de seus livros, Buffon é considerado um autor racialista por excelência, ainda mais se observarmos cinco aspectos presentes nos textos: ele admitiu a existência de raças; acreditava que havia uma relação entre o condicionamento físico e a moral; deixou por entendido que o indivíduo não tem voz, ou seja, é subordinado por um grupo; citou seu programa de hierarquias de valores entre as raças; e, por fim, extraiu de seu pensamento uma doutrina com consequências práticas e até políticas (no momento em que deixou subentendido que a escravidão era algo legítimo).

Em um dos capítulos de sua obra, denominado “Variedades na espécie humana”, Buffon articulou como seria a hierarquização da espécie tendo em conta a geografia do globo: no topo estariam os cidadãos da Europa setentrional; logo abaixo, os demais europeus; em seguida os povos habitantes da Ásia e da África; e, por último, os selvagens americanos. “*Se descende por grados bastante insensibles desde las naciones más esclarecidas, las más refinadas, a los pueblos menos industriosos, de éstos a otros más groseros, pero aún sometidos a reyes a leyes; y de estos hombres burdos, a los salvajes*” (Buffon apud Todorov, 2013, p. 124).

As ideias de Conde de Buffon estiveram de algum modo no interior da obra de Azara, quando este falou de animais ou plantas, mas são mais perceptíveis quando os “outros” passaram a ser a questão central. Como será visto ainda, tais ideias não

foram simplesmente reproduzidas pelo aragonês de forma automática, mas debatidas e questionadas se eram, afinal, válidas para o senso de crítica estabelecido em seu trabalho.

No segundo tomo do seu livro *Viajes por La América Del Sur*, da edição traduzida do francês para o espanhol três anos após sua morte, por Bernardino Rivadavia (1780-1845), Azara escreveu sobre três grandes grupos, ou categorias, que ele considerava como as principais: as *naciones* de índios, “*la gente de color*” e os espanhóis. Há subdivisões dentro desses grupos descritos pelo naturalista, como veremos adiante.

Tanto a descrição de animais e plantas quanto a de grupos humanos são breves nas obras de Buffon e de Azara. Há nações indígenas, por exemplo, em que o militar dedica de sete a oito páginas, como os guaranis e minuanos, e também grupos descritos em poucas linhas, como é o caso dos Bohanes. Vale ressaltar que o indivíduo praticamente não foi levado em conta nos escritos de Azara: assim como o pensamento do racista Buffon, o grupo determinava simplesmente a maioria das ações dos indivíduos a que pertenciam.

3.2.1. Naciones de Indios

O primeiro dos grandes grupos sobre o qual Azara descreveu foi o dos “*indios salvajes*”. Em uma introdução sobre o tema, ele citou que as *naciones* de índios não estiveram e nunca estarão sujeitas ao império espanhol e muito menos a algum outro. Chamou a atenção também para o fato de que denominou por *nación* toda a reunião (grupo) de índios que se consideravam “eles mesmos” como formando uma só nação e tivessem uma mesma língua, formas e costumes. O número de pessoas de cada *nación* não foi levado em conta, pois a quantidade de membros para ele não influenciava no caráter nacional. Ao contrário de Buffon, que caracterizava um povoado com poucos membros como “socialmente insuficientes”, o espanhol não inferiu isso. Ou seja, nessa breve explicação de como abordou esse grande grupo

Azara demonstrou que, em parte, reconheceu sua identidade e não a ignorou em sua obra. Ao todo, são 31 as *naciones* referenciadas em seu livro¹⁹.

O aragonês explicou em sua reflexão geral que os primeiros espanhóis que chegaram à América e trataram de se relacionar com os povos ameríndios não os consideravam como homens, pois não teriam a mesma origem dos europeus: eles seriam mais bem definidos como uma espécie intermediária entre a dos animais e a dos homens. A partir disso, Azara tentou responder a questão, levantando o histórico que ela gerou ao longo dos tempos, citando inicialmente a polêmica discussão entre o bispo de Santa Marta, Francisco Tomas Ortiz e Bartolomé de Las Casas. O primeiro defendia a incapacidade dos índios como seres humanos e o segundo, como árduo protetor deles, não cessou de fazer valer sua opinião, com sucesso.

Es oportuno observar que en esta disputa cada partido tenía a su cabeza un obispo; que el papa a pesar del poder que entonces tenía, no pudo vencer la repugnancia de unos curas experimentados en la materia (...) Todo esto parece indicar que de una y otra parte había razones plausibles, y que la cuestión era mui importante (AZARA, 1850, p. 238).

Em seguida o militar entrou em outra questão concernente a esse assunto: a da origem dos ameríndios. Aqui ele demonstrou sua concordância com o bispo Francisco Ortiz sobre a impossibilidade da emigração desses povos do velho continente para o novo continente. Há um paradoxo quando Azara afirmou que essas *naciones* pareciam se adaptar a qualquer clima e solo e, por isso, a emigração deles não teria sentido. A situação indicava, segundo o espanhol, que não havia resquícios das antigas moradias dessa possível migração, afinal, todos os povos dos quais ele escreveu estavam na parte austral do globo ao contrário dos europeus que se achavam ao norte. Recorrendo ao dilúvio bíblico, Azara apontou a possibilidade de que os índios não teriam sido afetados por ele, pois, pertenciam a uma região separada ao antigo mundo. Ao mesmo tempo, deixou também explícito que sim, os índios foram afetados, mesmo não compreendendo como a migração poderia ter ocorrido.

¹⁹ São elas: Charruas; Yaros; Bohanes; Chanás; Minuanos; Pampas; Guaranis; Tupis; Guayanas; Nuara; Nalicuégas; Guasarapo; Guatos; Aquitequedichagas; Ninaquilas; Guanás, Mbayás; Payaguás; Guaiaicurús; Lenguas; Machicuys; Enimagas; Guentusé; Tobas; Pitiligas; Aguilot; Mocobys; Abipones; Vilelas; Chumipys; e, Jarayes.

Se há uma passagem em seus textos em que a proposta de Buffon salta aos olhos foi quando Félix de Azara fez analogias entre os índios selvagens e os animais. Mesmo que os homens pertençam a uma mesma espécie, em seu grau mais baixo de civilização eles se aproximam ao nível dos animais. Foi logo na *Historie Naturelle*, que era um elogio ao homem por ser um ser racional e, justamente por isso, diferente dos animais, que Buffon terminou por atenuar essa ruptura homem-animal e deixar praticamente de lado a unidade do gênero humano. Para o naturalista francês “o índio americano não é mais que um animal de primeira ordem” (Buffon apud Todorov, 2013, p. 125).

Quando Azara escreveu que os índios são como os pássaros quando se leva em conta a perspicácia de sua visão e a força, mesmo que essa seja tomada como uma analogia positiva, não deixa de ser tão similar como quando Buffon citou que os asiáticos têm os olhos semelhantes aos de um porco. A discussão sobre a singular língua dos selvagens também foi composta por analogias como essa: “*Naciones (...) que hablan mil idiomas diferentes que no tienen analogía alguna; idiomas que parecen dictados por la misma naturaleza, cuando ella enseñó a los perros y demás cuadrúpedos*” (AZARA, 1850, p. 239). As analogias, então, seguem:

En efecto, los indios se asemejan a os animales en la delicadeza del oído, en la blancura, limpieza y regularidad de los dientes; en no hacer uso de la voz sino raras veces; en que jamás rien a carcajadas; en que los sexos se unen sin preámbulo ni ceremonias; en que las mujeres paren fácilmente e sin un mal resultado. (...) Todas estas cualidades parecen acercarlos a los cuadrúpedos. (AZARA, 1850, p. 240).

Ao contrário do que citou o historiador americano David J. Weber (2005) - “*The studious Felix de Azara, who knew Indians of the Rio de La Plata firsthand, could not decide if Indians had developed separately from Europeans or if they, too, had descended from Adam*” -, Azara conseguiu chegar à uma conclusão e demonstrou que, segundo ele, os índios selvagens seriam também filhos de Adão. O militar espanhol acabou se rendendo a teoria de Buffon e concluindo que, se da união de europeus com americanos resultaram filhos capazes de se reproduzir, seria por que os ameríndios assim como os europeus pertenciam a uma mesma espécie. Mesmo assim, isso não implicou que todas as aproximações feitas entre os índios selvagens e os animais sumissem de seu texto ou do de Buffon.

Tendo como referência o que ouviu e leu até então, o demarcador aproveitou para desfazer diversos equívocos que haviam se popularizado entre os intelectuais da época sobre os índios americanos. O primeiro deles seria o de que existiam nações antropófagas (alusão à Montaigne) na região: “*ninguna de tales naciones come carne humana*” (AZARA, 1850, p. 172). Os viajantes, geógrafos e historiadores também aumentavam o número de *naciones* que havia na região em que ele se encontrava e, para que não houvesse mais erros, seria necessário descrevê-las, uma por uma. Outro equívoco, segundo ele, era o de que os índios tivessem religião.

Para Azara, por exemplo, os símbolos que viu gravado nos arcos, bastões e vasos indígenas não passavam de figuras desenhadas por simples diversão. O viajante ainda criticou os eclesiásticos por queimarem objetos com tais símbolos por acreditarem serem indícios de religião. Azara concluiu, então, que os povos indígenas não possuíam religião alguma e reafirmou tal convicção ao longo de seu texto. A falta de domínio dos signos do “outro” fez com que ele tirasse tal conclusão. A alteridade, disse Todorov, é semiótica: a leitura dos signos (de modo equivocado ou não) está atrelada a partir do momento em que “nós” falamos dos “outros” (TODOROV, 2011, p. 229).

Costumes como a perfuração de alguma parte do corpo, ritos para sarar doenças, cerimônias de casamentos, enfim, práticas que nunca tinha visto anteriormente, instigaram fortemente Azara. Para ele, por não se tratar de algum indício de religião, era difícil determinar o motivo que os indígenas tinham para fazê-las. Porque tais povos se submetiam a elas? “*Por lo común estos indios no dan razón de lo que hacen, y es bien difícil o imposible adivinarla. Efectivamente no habríamos podido figurarnos que tales ideas pudiesen entrar en la cabeza humana.*” (AZARA, 1850, p. 234). O ato de alguns índios enterrarem junto com o cadáver de determinado membro da nação todos os pertences que este possuía em vida, para Azara teria como motivação o horror aos mortos que essas *naciones* tinham, a ponto de não conservarem nada que lhes recordassem o indivíduo falecido.

Os índios selvagens, além disso, nunca aumentavam o tom de voz e tinham uma diversidade e diferença grande de línguas entre as *naciones*, a ponto de Azara ter citado que tal diferença seria como a que o inglês ou alemão tem com a língua espanhola. A linguagem do “outro” era algo estranho para o militar, a ponto de ele

rebaixar e classificar as línguas dos povos nativos como línguas pobres, rústicas. Notamos, principalmente nessa parte, o quão imprescindível é o referencial do “eu” para se falar sobre os “outros”: aqui Azara utilizou-se comumente das palavras *nosotros* e *nuestro*. Por exemplo: “*Hablan mucho más bajo que nosotros; nos es imposible expresar y figurar con nuestras letras, las palabras o sonidos de dichos pueblos; nuestro alfabeto no puede expresar el sonido de sus silabas.*” (AZARA, 1850, p. 173 e 174).

A primeira nação de índios descrita por Azara foi a dos charruas. Para ele, essa era uma nação peculiar, especialmente pela resistência com que esse grupo enfrentou no passado os espanhóis e continuava enfrentando, mesmo em número menor a leste do rio Uruguai, quando ele ainda se encontrava na região. “*Cuando yo viajaba por dicho país para conocerlo, estos indios atacaron con frecuencia a mis descubridores, que eran de 50 hasta 100, y mataron varios de ellos.*” (AZARA, 1850, p. 174).



Figura 3 - Arrivée en France de quatre sauvages Charruas. François de Curel, 1833. Fonte: <http://quartodejade.files.wordpress.com/2010/06/charruas.jpg> Acessado em: 10/01/2014

Deu ênfase aos combates sangrentos, sobretudo, na margem norte do Rio da Prata entre espanhóis e charruas, muitas vezes aliados com os minuanos, combates que melhor podiam ser denominados com a palavra “faxina”, utilizada pelo historia-

dor Tau Golin (2011) ao se referir ao aniquilamento dos povos indígenas no noroeste do Rio Grande do Sul. Importante ressaltar que o iluminista aragonês foi um dos últimos a ter contato com os charruas, visto que os mesmos logo foram exterminados cerca de 40 anos após sua volta para a Europa (CAMARGO, 2001, p. 98). A faxina estava sendo feita, e Azara pareceu ter notado isso:

Cuando se piensa que los charrúas han causado más trabajo a los españoles, y les han hecho derramar más sangre que los ejércitos de los Incas y de Moctezuma, se creará sin duda que estos salvajes forman una nación mui numerosa; pues bien, sépase que los que existen hoy, y que nos hacen una guerra tan cruel, no llegan ciertamente a formar un cuerpo de 400 guerreros. (AZARA, 1850, p. 179).

Por mais difícil que seja para Azara a compreensão deste “outro” indígena, ele tentou algumas aproximações, como certa vez, por exemplo, em que perguntou para membros dos charruas porque eles não se casavam entre si (os índios não souberam lhe dar uma resposta sobre tal questão). Ao observá-los, ele percebeu que geralmente se reuniam em conselhos, onde debatiam principalmente táticas de guerra. Contudo, essa aproximação física não implica na aproximação praxiológica que Todorov (2011) citou em sua tipologia. O militar não adotou os valores dos “outros” indígenas, mas submeteu esses “outros” aos seus valores na sua escrita.

Não somente da *nación* charrua que Azara se aproximou para presenciar algumas cerimônias que ele classificou como bárbaras. No caso dos chanás e também dos mbayás, ele observou uma dessas cerimônias que o marcou a ponto de tentar intervir: quando as mulheres davam a luz e enterravam seus filhos para matá-los. Escreveu o militar:

Yo me encontraba en medio de estas mujeres, acompañadas de sus maridos: les reprochaba severamente el que sacrificasen sus propios hijos, exterminando de tal modo su nación: pues no podían ignorar que una familia, compuesta de marido y mujer, no producía con tal costumbre más que un solo hijo. Ellas me respondieron sonriendo-se, que los hombres no debían mezclarse en asuntos de las mujeres. Yo me dirigí a las mujeres hablándoles lo más enérgicamente que me fue posible, y después de una arenga, que ellas oyeron con bastante distracción, una me dijo [o motivo por que faziam aquilo]. (AZARA, 1850, p. 214).

O índio, para o ilustrado, é um *salvaje*, que não adora divindade alguma, sendo um ser atrasado, sem leis, desprovido de emoções, de educação, que não realiza jogos e bailes e, além disso, são pouco numerosos. Aqui há a correlação com as ideias de Buffon, quando este julgou os povos por meio de sua capacidade de formar uma sociedade concreta, ou seja, quanto menos indivíduos possui essa socie-

dade, mais longe de ser civilizada ela estará. A falta de leis e o livre arbítrio, assim como a ausência de maior sociabilidade também mostram, para o naturalista francês, o quão bárbaros são os selvagens.

Porém, esteticamente (ou fisicamente) o índio selvagem é um ser superior ao europeu: sua visão, audição e estatura eram melhores. Azara ficou encantado com a beleza dos corpos dos índios dessas *naciones* que viu em sua passagem pela América, referenciando qualidades como os cabelos lustrosos e as mãos e pés pequenos. Até mesmo quando citou o bárbaro costume das mulheres com quem conversou de matarem suas filhas, o militar não se esqueceu de exaltar o físico desses povos: “*¡Qué perdida y que lastima, el ver exterminarse de tal manera por sí mismas, las naciones de la más alta estatura, las más fuertes, las más bien proporcionadas y las más bellas que haya en el mundo!*” (AZARA, 1850, p. 225).

Temos aqui um dualismo: os ameríndios são fisicamente superiores, mas moralmente inferiores. Ao contrário do que diziam os primeiros intérpretes dos textos de Rousseau, o bom selvagem realmente não existia. “*Para o europeu, a viagem proporciona a ocasião de um regresso às origens da história humana (...). O mundo que se revelou aos olhos do explorador perdeu o seu encanto: o homem não é bom por natureza, nem aqui, nem lá.*” (BOURGUET, 1997, p. 236).

Buffon, como racista, acreditava que o físico e a moral estavam diretamente vinculados: quanto mais negra a cor da pele dos povos, mais brutais e selvagens eram. Geralmente em seu texto aparecem conjunções entre a cor de determinados grupos e o julgamento de valor. Por exemplo, “mulheres muito belas e muito brancas; mais morenos e mais feios; negros e mal formados, etc.”. Inclusive, segundo Todorov (2013), a palavra “feio” é uma das mais frequentes dentro da obra do naturalista francês (o demarcador utilizou-a somente uma única vez, quando citou a aparência dos guaranis). Entretanto, a superioridade em relação ao fenótipo de um europeu não foi admitida em sua obra, como foi na de Azara. Como foi já verificado, o viajante espanhol não reproduziu esse determinismo entre o físico e a moral: afinal, a maioria dos povos americanos era bela em sua aparência corporal, mas isso não implicava que seria bela também moralmente.

A abordagem determinista de Azara é notada quando ele sugeriu a relação do modo de vida de alguns ameríndios com seu temperamento. Os charruas e minua-

nos seriam povos errantes, preguiçosos e guerreiros fortes e ferozes por justamente viverem da caça. Já os Payaguás, Guasarapos e os Gatos seriam mais ativos ao mesmo tempo em que eram mais estáveis, por viverem da pesca. Nações agrícolas, como os Guanás, Machucuys e Guentusés, seriam todas pacíficas e suaves, mesmo que em estatura e força fossem superiores as outras.

Quanto aos guaranis, cabe situar que eram a exceção para Azara quanto ao físico dos ameríndios. Segundo ele, a fisionomia dessa nação era sombria, triste e abatida. Andavam sempre sujos, sem expressão alguma de paixão na face e nunca olhavam nos olhos das pessoas com quem falavam. A etnia guarani também frustrou o militar que citou não compreender como ela, sendo uma nação agrícola e, portanto, não nômade, tinha conseguido se espalhar geograficamente e chegar a um número tão significativo de membros. Era igualmente incompreensível que a língua guarani tenha se estendido por territórios imensos ocupados por portugueses, franceses e espanhóis.

Vale lembrar o importante trabalho de Felipe (2013), que se utilizou dos relatos de Félix de Azara e outros cronistas para compreender como os indígenas do Chaco lidaram com a intensificação dos contatos surgidos do aumento da abordagem colonizadora nos séculos XVII e XVIII, e quais as consequências dessas relações com os “outros” de fora desses grupos.

3.2.2. Jesuítas

Após a descrição dos índios selvagens, o militar espanhol dedicou algumas páginas para escrever sobre um grupo ligado a determinadas *naciones*, sobretudo aos guaranis: os jesuítas. Sua opinião sobre o papel desses padres na América tentava demonstrar que o passado das reduções não era nada nostálgico e muito menos tranquilizador, como alguns filósofos europeus acreditavam. O militar criticou o método de redução dos povos indígenas, pois estes viviam em estado de liberdade antes e não precisavam trabalhar forçosamente a mando de outras pessoas (GÓ-

MEZ, 2009, p. 116). A experiência jesuítica com os guaranis foi larga, custosa e sem sucesso:

Parece pues evidente, que ellos (indios) no eran tan niños, y que no eran tan incapaces como quiere suponerse. Más aun cuando tal incapacidad fuera cierta no habiendo bastado el espacio de más de siglo y medio para corregir tales defectos, parece que debe concluirse con una de las consecuencias siguientes: o la administración de los jesuitas era contraria a la civilización de los indios, o tales pueblos son incapaces de salir del primitivo estado de infancia. (AZARA, 1850, p. 256 e 257).

Segundo Azara, que era defensor do sistema de *encomienda* empregado à população nativa pelos espanhóis, os jesuítas obtiveram a abolição dessa forma de trabalho para seus povos de maneira suspeita, pois não se incomodavam que ela fosse mantida para as demais nações. Para os padres, citou Azara, a *encomienda* era tida como algo indigno, tendo eles exagerado em chamar de imorais os *encomenderos*, pintando-os como se fossem piores que o demônio por sua crueldade e avareza ao impor aos índios trabalhos tão sofríveis.

Ao realizar todo um histórico de como os jesuítas conseguiram se estabelecer na América do Sul, Azara tentou desmenti-los por se gabarem em serem os fundadores de povos como São Inácio-Mirí, Santa Maria da Fé e Santiago (que já se encontravam estabelecidos antes de sua chegada). Os arquivos que o militar espanhol consultou em Assunção validavam essa versão e, por isso, não considerava tais povos como jesuíticos por sua origem.

O método de persuasão que esses padres utilizavam para o convencimento dos índios selvagens e estabelecimento de povos não era feito somente pela pregação apostólica como queriam que os outros pensassem, escreveu Azara. Os jesuítas seriam dignos de elogio, zombou o espanhol, por terem conseguido ocultar ao longo do tempo as verdadeiras vias que empregaram para a redução dos indígenas.

Alguns indígenas teriam segredado para Azara em que consistia a redução, tendo como exemplo o caso da fundação do *pueblo* de São Joaquin: os jesuítas, sabendo onde encontravam uma população de guaranis em Tarumá, de imediato enviaram presentes através de índios já reduzidos e que falavam sua língua: estes presentes eram acompanhados de algumas palavras que o padre pedia para que fossem ditas e promessas de mais presentes, como algumas vacas, para poderem comer. Os indígenas aceitaram e ajudaram a construir a casa do padre. Todo o am-

biente tinha festejos e muita música para evitar a aparência de sujeição. Com o tempo, o jesuíta fazia saber que não era justo que alguns só trabalhassem, e que as tarefas deveriam ser divididas por todos. A maioria decidiu ficar, mas os que não quiseram, foram castigados e vigiados por determinado período. *“Ellos obligaban a los indios de toda edad y sexo a trabajar para la comunidad, sin permitir a persona alguna el ocuparse para si en particular.”* (AZARA, 1850, p. 256). Ainda, para o naturalista espanhol, o temor que os portugueses inspiravam nos índios da região foi o fator mais decisivo que a persuasão dos jesuítas para a formação dos ditos povos.

Azara tentou evidenciar em seu texto a possibilidade de os jesuítas quererem formar um império autônomo. Citou a dificuldade de muitos espanhóis terem acesso a esses povoados, que geralmente eram cercados com muros e fossos vigiados por guardas – e a entrada e saída só eram permitidas perante ordem do padre. Canhões e armamentos foram procurados pelos jesuítas e as danças e bailes que haviam, e que o espanhol diz ter presenciado, nada mais seriam que aulas de esgrima com espada. Levantou, ainda, a suspeita de que procuravam minas na região, que em seguida é desfeita:

A la verdad, ellos no tenían minas, y la debilidad de sus indios era tal, que no podían sostener su independencia, ni aun contra el pequeño número de españoles que existía en el Paraguay. Pero no sé se los jesuitas, sobre todo los de Europa, conocían esta debilidad tan bien como yo, porque el corazón y el amor propio nos engañan con frecuencia. (AZARA, 1850, p. 260).

Toda essa ironia que Azara utilizou em seu texto quando escreveu sobre os jesuítas, mesmo que já fizesse mais de 20 anos que eles foram expulsos da América, teria um motivo. Segundo Martínez Rica (2008), esse desprezo pelos jesuítas se deveu à influência do irmão de Azara, José Nicolás, que foi embaixador espanhol em Roma e futuro agente do Conde de Floridablanca. Nicolás Azara ajudou a arquitetar o afastamento da Companhia de Jesus que foi feita pelo Papa Clemente XVI em 1773. Para Contreras Roqué (2010), provavelmente Félix de Azara se inteirou do assunto na época através de cartas do irmão e de outras personalidades ilustradas.

Gómez (2009) fez a associação de Azara com o personagem Cândido, do filósofo Voltaire (admirador do Buffon racialista), do livro *Cândido ou o otimismo* (1759). Na época em que viajava pelo Paraguai e conhecia os jesuítas Cândido seria, segundo a autora, tão questionador dos princípios e conselhos dados pelo seu

mentor Pangloss quanto Azara seria um crítico das convenções que teria aprendido até então acerca do Novo Mundo.

Em outubro de 1784, Azara pôde conhecer as antigas missões do Paraguai em uma de suas expedições ao interior da província²⁰. O militar ficou admirado com a recepção que teve em povoados como Santa María de Fee, com músicas e escolta feitas por parte da população. Os bailes e as vestimentas utilizadas neles foram descritos pelo corógrafo, que participou dos festejos.

O aragonês, que fazia o inventário de todos os povos por quais passava, não depreciou por total as obras de arte e a arquitetura missioneiras como se pode supor. De certo, criticou o estilo das construções e monumentos, mas ao mesmo tempo escreveu que os templos eram os mais bem adornados de toda a região, o que mostrava a opulência que tiveram esses *pueblos*.

Há a acusação de outros autores, segundo Contreras Roqué (2010), de que Azara utilizava-se de fontes de jesuítas sem referenciá-las. Porém, como notou o biógrafo, quando o militar escreveu sobre botânica, ele referenciou, por exemplo, o médico Segismundo Asperger (1687 – 1772), ao citar um manuscrito sobre espécies medicinais que ele tinha realizado e o aragonês consultado.

Foi no capítulo que dedicou aos jesuítas que Azara realizou pesadas críticas contra escritores e filósofos que condenaram a ação dos primeiros espanhóis em relação aos índios. Em seu texto, a Espanha do passado é mostrada de maneira tal, que a síntese feita por David J. Weber (2005) soube exemplificar bem:

The Spanish polymath Felix de Azara, who candidly described the age of Cortes and Pizarro as a “backward time”, wondered why other countries continued to vilify Spain for its treatment of Indians. Among European powers, Azara observed, only Spain had embraced “millions of civilized and savage Indians” within its colonial society, transformed an “infinity” of Indians into Spaniards through racial mixture, and adopted “a voluminous code of laws in which every sentence and every word breathe an admirable humanity and grant Indians full protection”. (WEBER, 2005, posição 157 de 8911²¹).

Outra questão levanta pelo naturalista foi a de que, ao contrário das outras nações, os espanhóis não tinham feito o repugnante tráfico de negros. Enfim, como

²⁰ Mones e Klappenbach (1997) realizaram um mapa com o roteiro de Azara nessa viagem aos povos missioneiros.

²¹ Referência ao formato “.mobi”, do e-reader Kindle (as páginas são equivalentes a posições).

visto, Azara tentou justificar e minimizar o mal que seu império natal teria feito ao novo mundo comparando-o com as atuações de outras nações, num exercício desesperado e sem efeito algum além do de deixar registrada sua opinião sobre o assunto. As sociedades europeias, sobretudo a espanhola, foram (e algumas ainda seguem sendo) intolerantes com o “outro” ao longo do tempo.

3.2.3. La gente de color

Outro dos grandes grupos sobre o qual o naturalista escreveu, embora muito pouco, foi o da “gente de *color*” ou “pardos”. A América foi, para ele, o lugar onde efetivamente ocorreu a mestiçagem das três raças: os americanos (índios), brancos (europeus) e negros (africanos).

Assim como em Buffon, as “raças” aqui passaram para o patamar de “espécies” – e o interessante é que o espanhol chegou a utilizar uma palavra após a outra como sinônimas. Como para Azara a mestiçagem era um assunto complexo, e dizia não dominar muito, visto as diversas possibilidades e classificações que ela gerava entre as pessoas, ele resolveu falar principalmente dos mestiços (frutos da união entre europeus e indígenas) e mulatos (entre negros e europeus).

Os mestiços seriam, segundo ele, uma raça superior a todas as outras, tanto física quanto moralmente – sua estatura e sagacidade superavam os espanhóis e os *criollos*. Principalmente no Paraguai, Azara descreveu seus habitantes mestiços como tendo boa estatura, seus corpos possuíam também elegantes formas, seriam mais inteligentes e inclusive mais ativos que os outros: *“Estos hechos me hacen sospechar, no solamente que las mezclas de las razas las mejora, sino que la especie americana à la larga escala dominará a la europea.”* (AZARA, 1850, p. 268).

Quanto aos mulatos, podemos notar na descrição do espanhol a predominância da possibilidade de variações conforme a união para determinar a raça do indivíduo. Por exemplo, segundo Azara, se da união de um europeu com uma negra resultar um mulato, e este mulato se unir com uma negra, seu filho será considerado

como sendo um “*salto-atrás*”, pois, para a mentalidade da época, ao invés de essa criança ter “ganhado” em brancura se sua mãe fosse branca, ela regrediu porque teria então três quartos de negro. Além do “*salto-atrás*”, outras diversas denominações existiriam na região.

Mesmo inicialmente escrevendo que não falaria dos negros, Azara deixou escapar algumas opiniões referentes a eles, sobretudo no que concerne à escravidão. Citou a “generosidade” quando alguns paraguaios decidiram libertar os escravos, classificando como atroz as leis e castigos a que eles eram subordinados. Na visão do ilustrado, os escravos dessa região seriam mais bem tratados que em outras colônias americanas. Os escravos do Brasil só teriam a ganhar se fugissem para o território paraguaio. Inclusive, ele escreveu que viu muitos escravos recusar a liberdade, só admitindo-a em caso de morte de seus senhores.

O ilustrado narrou, nessa parte, um caso que o deixara indignado: uma escrava tinha escapado com suas filhas do Paraguai para se refugiar nas Antilhas. Seu dono a reclamou de volta através de uma carta para o governo, mesmo que a escrava tivesse o dinheiro e se oferecido a pagar sua liberdade. O caso foi parar no Conselho de Índias, que decidiu, a princípio, não devolver escravo algum, pois a liberdade seria um direito natural (Azara se vangloriou dessa “honrosa” decisão da Espanha):

Esta decisión que hace honor a la España, llegó al Paraguay cuando yo me hallaba en él. Pero como el gobernador de este país acababa de recibir presentes considerables de los portugueses, por complacerles despreció la orden del rey y les devolvió un miserable esclavo fugitivo; y aun hizo representaciones a la corte por medio del virrey de Buenos Aires que apoyó sus ideas, y a fuerza de repetir sus solicitudes, consiguieron hacer revocar unas medida tan justa y útil por un ministro que quería agradar a la corte de Lisboa. (AZARA, 1850, p. 271).

O governador, citado nesse trecho pelo demarcador, muito possivelmente seria o mesmo com quem teve desavenças quando chegou ao Paraguai. Essa pendenga foi mencionada e explicada por Charles Walckenaer, primeiro biógrafo de Azara.

Contudo, se nos atentarmos principalmente para o epistolário do militar, podemos ver um indício do motivo de ele não querer falar tanto dos negros: Azara teve a seu serviço um escravo negro, ao qual mencionava como “*mi negro*”, desde a sua saída de Buenos Aires até Assunção. Na capital paraguaia, ainda se utilizou por

muito tempo das atividades desse negro como mensageiro ou em outros tipos de afazeres.

Um ilustrado que condenava a escravidão, ao mesmo tempo em que se serviu dela: pode parecer contraditório, e de certa forma era, mas se visualizarmos o cenário da capital do vice-reinado do rio da Prata naquele momento, notaremos uma grande quantidade da população negra e da utilização da mão de obra escrava. Episódios como a suposta conspiração de moradores franceses para a libertação de escravos, estudada por Maria Secreto (2013), ocorrida um ano antes da volta de Azara para Buenos Aires, em 1795, expõem o quão esse grupo estava presente na América espanhola colonial.

Uma percepção que temos ao ler o *Viajes por la America del Sur* é a de vislumbrar o preconceito referente a certos grupos étnicos naquele período histórico. Os índios eram mais depreciados em relação aos negros e mulatos, ainda mais se tivermos em consideração fatores como o trabalho. Perante as leis, os mulatos livres e negros levavam desvantagem. Alguns mulatos livres de cor clara possivelmente podiam se passar por espanhóis em regiões que não os conheciam. Muitas vezes, negros e mulatos livres estariam em melhores condições que os brancos pobres, escreveu o ilustrado, pois eram chefes de estâncias ou capatazes.

Azara escreveu ainda sobre abusos do Estado espanhol feitos às “gentes de color”. Um desses abusos era um tributo de nome “Amparo” instituído por D. Francisco Alfaro. *Hombres de color* dos 18 aos 50 anos deveriam pagar três pesos anuais de tributo. Como havia pouca moeda de comércio no período, os “eclesiásticos e espanhóis acomodados” não tardaram em abusar e fazer desses homens escravos. Em seguida, o tributo foi estendido a todas as idades e sexos pelo governo. Depois, os governadores seguintes instituíram o serviço militar para todos os homens de cor ou não. Enfim, como podemos notar, mestiços e mulatos livres seriam pessoas boas às quais o ilustrado teve aproximação (nesse caso, física) e, de certa forma, reconheceu a identidade, embora seu capítulo sobre esses grupos seja curto e limitado.

3.2.4. Os espanhóis

O terceiro e último grande grupo ao qual Azara se referiu foi o dos espanhóis. Por “espanhóis”, Azara deixou claro que escreveu tanto sobre os espanhóis nascidos na Espanha, e também dos descendentes destes espanhóis nascidos na América, que comumente são chamados de *criollos*. Muitas vezes ele se referiu aos habitantes da região de Buenos Aires e da banda oriental, mas também estão incluídos camponeses moradores do interior paraguaio. Contreras Roqué (2011) salientou o fato de que Azara considerava nessa categoria também os mestiços e índios que foram incorporados e viviam como esses espanhóis.

Ele notou que os espanhóis destas bandas acreditavam ser uma classe muito superior aos índios, negros e gente de *color*. Porém, achava o naturalista, entre os espanhóis reinava certa igualdade, no sentido em que títulos de nobreza e riqueza muito dificilmente os distinguiam entre nobres e plebeus. Além disso, praticamente todos se serviam da mão de obra de negros, índios ou mestiços para trabalhos, mas raramente de um espanhol.

Mal nasciam, citou o ilustrado, eram entregues aos cuidados de mulatas ou negras até a idade de seis anos ou mais. A partir disso, não faziam nada que merecia ser “imitado”. O ócio desses espanhóis e americanos, em geral, foi alvo de diversas críticas de Azara. A falta total de fábricas na região, por exemplo, estimulava tal situação. Quando arrumavam um trabalho qualquer, faziam-no de má vontade. Nas cidades, principalmente, os vícios seriam alimentados, tais como jogatinas e o consumo de bebidas. Citando tais vícios, como se concordasse com o raciocínio do personagem Pangloss de *Cândido* de que o homem não foi feito para o repouso, escreveu o ilustrado espanhol: “*Deberían los eclesiásticos gritar sin intermisión contra los pestíferos vicios, persuadiendo además que el trabajo arreglado es una virtud que hace felices à los hombres.*” (AZARA, 1847, p. 6).

Foi nas cidades também, como Buenos Aires e Montevideu, que o ilustrado percebeu melhor o agravamento de um fator que será determinante quando ocorrerem, posteriormente, os movimentos de independência na região da América espa-

nhola: a aversão entre *criollos* e espanhóis europeus. “*Tal es esta aversión, que la he observado reinar entre padres e hijos, y entre el marido y la mujer, cuando unos eran europeos e los otros americanos.*” (AZARA, 1850, p. 273). Entre os espanhóis habitantes do campo, Azara escreveu não ter observado esta aversão entre eles.

Os componentes deste terceiro grupo eram imbuídos, segundo Azara, de um espírito de igualdade e ociosidade, preferiam ser clérigos, advogados ou comerciantes (mesmo que boa parte considerasse o comércio como um trabalho penoso). A América os deixava gozar de plena liberdade – afinal, leis não têm vigor nenhum no lugar em que vivem - e possuíam a facilidade para se alimentar. Eles deveriam agradecer, citou o militar, pelo governo que permitia o estado em que se encontravam.

Mesmo com tantos vícios expostos em seus textos sobre os espanhóis que aqui viviam, Azara julgou estas pessoas como sendo boas, pois teriam bom juízo e sagacidade. O demarcador apontou que se esses espanhóis que viviam no sul do continente americano tivessem as mesmas oportunidades para estudar que tinham as pessoas na Europa, sem dúvidas, eles iriam se sobressair aos europeus. A partir disso, Azara tentou evidenciar a precariedade do ensino educacional na América, demonstrando que em Buenos Aires e no Paraguai, não se ensinava mais que a gramática latina, a filosofia peripatética e a teologia dos tomistas (no máximo alguma coisa sobre direito canônico).

Quando escreveu sobre os espanhóis que habitavam o campo, Azara citou dois tipos de camponeses: os agricultores e os pastores. Acreditava que os agricultores, por saberem cultivar a terra e não se nutrirem exclusivamente de carne, condimentando melhor sua alimentação (o que era incomum para a época), seriam superiores e mais civilizados que os pastores com respeito à vestimenta e moralmente. Cabe notar aqui, que julgamento de valor sobre o “outro” quanto à alimentação é um caso recorrente na obra de Buffon (por exemplo, o homem do Japão que se alimenta de pescado é mais selvagem do que o europeu que come carne de faisão ou perdiz, etc) (TODOROV, 2013, p. 125).

Há também, o fato de que os pastores seriam mais sujeitos a fazer arreadas de gado e serem traficantes. “*Los pastores de estos países son los menos civilizados de todos sus habitantes, y que este género de vida ha reducido a los españoles*

casi al estado de salvajes, es verosímil que la vida pastoral no sea compatible con la civilización.” (AZARA, 1850, p. 278). São pessoas que na maioria do tempo estariam ociosas, já que a lida com o gado não demandaria muito esforço. Ao contrário dos espanhóis da cidade, os que habitavam os campos, trabalhavam juntos com negros, mulatos e índios, geralmente como peões.

Desses campestres, os paraguaios e correntinos seriam melhores pessoas, na concepção de Azara, se comparadas aos habitantes das proximidades do Rio da Prata. Aqueles seriam mais unidos (ser sociável é sinônimo de civilizado), não cometiam tantos assassinatos e roubos, seriam mais limpos em seus ranchos e teriam mais mobília neles, não bebiam tanto, não se metiam em jogatinas, enfim, seriam mais instruídos e aplicados. A razão disso, citou o demarcador, era pela quantidade de paróquias e professores de escola ser mais abundante no Paraguai e Corrientes, tendo como consequência habitantes com um maior grau de alfabetização em relação aos de outras regiões.

Voltando à tipologia elaborada por Todorov, já vimos que Azara, em primeiro plano, classificava esses espanhóis como boa gente, apesar de seus mais variados vícios. Demonstrar mais de uma atitude com relação ao “outro” pode acontecer, como ocorreu com Las Casas ao longo de sua vida com relação aos índios (TODOROV, 2011, p. 270).

Vemos que o aragonês na questão do segundo plano, o de aproximação de valores, não adotou princípios dos que denominava como espanhóis, embora sejam os valores desses “outros” que são subjugados em comparação aos dele.

Já fisicamente ficou óbvio que Azara manteve-se próximo a estas pessoas, não somente com a elite espanhola das cidades de Buenos Aires e Montevideu, como também, principalmente, com os espanhóis campestres, se levarmos em conta a quantidade de informações que o demarcador dispõe deles, além das diversas interações com esse grupo registradas em suas obras.

Se notarmos o plano do conhecimento ou ignorância da identidade dos espanhóis, o ilustrado, ao ter classificado como este sendo um grupo à parte, demonstrou que reconheceu sua identidade e, inclusive, citou que existem diferenças dentro

desse grande grupo: alguns eram espanhóis nascidos na Europa, outros *criollos*; alguns desses indivíduos moravam nas cidades, outros nos campos, etc.

Outro grupo que esteve em interação com todos os outros citados por Azara foi o dos portugueses. Embora não houve um capítulo à parte dedicado a eles (serão sempre referenciados à margem de algum assunto), podemos obter algumas considerações do militar sobre. Temos nos livros de Azara uma imagem dos lusitanos e seus descendentes como pessoas que não respeitaram, durante mais de três séculos, os tratados de limites fronteiriços entre Espanha e Portugal.

Em sua *Memoria Rural del Rio de la Plata* (1801), Azara apresentou atitudes distintas para com o “outro” português. Enquanto tratou da demarcação de limites, escreveu sobre as possíveis artimanhas que os comissários portugueses realizavam para atrasar a efetivação do trabalho a ser feito, além das questões divergentes quanto à interpretação do Tratado de Santo Ildefonso. Azara, ainda frustrado com esse grupo, citou que chefes portugueses protegiam ladrões e contrabandistas quando se fazia necessário, dando asilo a eles, pois os espanhóis não teriam permissão para adentrar os terrenos da zona neutral entre as possessões das coroas ibéricas na América para capturá-los.

Porém, quando o foco passou a ser outros assuntos, como, por exemplo, o comércio, Azara citou que os portugueses solicitavam alguns artigos espanhóis e seriam bons pagadores, concluindo que as relações comerciais com a venda para eles de determinados produtos e animais, como ponchos, mulas e cavalos, deveria ser permitida e beneficiaria a ambos, visto que os portugueses necessitavam desses produtos e de animais para o trabalho na mineração.

Ainda, os portugueses eram tidos pelo militar como exemplos quanto ao combate ao roubo indiscriminado de gado bovino, equino e muar, e suas atitudes deveriam ser copiadas pelos espanhóis, verificando-se anualmente o número de cabeças de gado em cada estância.

Azara condenou os portugueses por violarem o direito natural de liberdade por possuírem escravos, ao mesmo tempo em que sugeriu, no mesmo texto, que em meio aos camponeses espanhóis, quando houvesse uma constituição de algum *pueblo* novo, fossem admitidos muitos portugueses, para que assim se introduzisse a

decência e a sociabilidade entre aquelas pessoas: “*Porque siendo notoriamente más aseados y económicos, su ejemplo serviría de mucho.*” (AZARA, 1847, p. 7). Viola-dores dos mais nobres direitos e também modelos a serem seguidos, o demarcador espanhol decidiu, afinal, qual seria o caráter de seus vizinhos americanos, ora condenando-os, ora tendo-os como exemplo quando lhe convinha.

3.3. As práticas cotidianas dos “outros”

Na medida em que Félix de Azara teve como preocupação o “outro” em suas anotações, temos uma extensa e valiosa descrição das práticas cotidianas desses indivíduos naquele momento histórico. Crenças, costumes, ritos, modos de habitar e maneiras de se alimentar: práticas ordinárias do dia a dia de pessoas comuns narradas e ao mesmo tempo tentando ser compreendidas pelo ilustrado espanhol. Ou seja: temos um homem pertencente à elite metropolitana espanhola, de reconhecido sobrenome, escrevendo sobre os “de baixo”.

Essas práticas de caráter etnológico e histórico são relatadas por um observador-narrador exterior ao meio de criação e repetição delas. Por mais que tenha ficado por considerável tempo pela América, não podemos esquecer que Azara era um estrangeiro que descrevia e julgava os *modos de fazer* – como denominou Cer-teau (1998) – dos “outros”.

Quando as práticas dos ameríndios foram objeto de interesse do demarcador, temos ricas exposições, sobretudo acerca de rituais de passagens. Assim que uma menina tinha sua primeira menstruação, por exemplo, os charruas pintavam-na com três traços azuis verticais na face. O sexo masculino se distinguia pelo uso da barbo-ta: quando nasciam, os meninos tinham o lábio inferior cortado para a colocação desse palito feito de madeira.

Quanto à moradia, Azara descreveu o simples processo de construção das habitações dos charruas, realizada com alguns galhos arqueados e com um couro de vaca estendido por cima. O ilustrado notou que os moradores tinham de entrar

nessas tendas como os “coelhos” entram em sua toca. Não havia móveis, e para dormir, os charruas, com suas famílias, deitavam de costas em cima de um pedaço de couro.

As “ausências” geralmente foram objetos de interesse para descrever o “outro” charrua: eles não faziam jogos, não tinham bailes, não cantavam e nem possuíam instrumentos de música, além de não conversarem entre si como passatempo. Outra ausência notada pelo demarcador foi quanto às vestimentas desse grupo étnico: a maioria dos homens e mulheres pouco se cobria e, quando o faziam, era com algum poncho, camiseta de algodão ou pele de jaguaretê que conseguiam ou “roubavam”.

A mulher charrua era o oposto do ideal de mulher (europeia) para Azara, sobretudo, quando a questão abordada foi a higiene e tarefas domésticas, como varrer ou costurar. Sobre o modo de cozinhar delas, o ilustrado anotou: *“Las mujeres cocinan, más todos sus guisados se reducen al asado sin sal; ellas meten o clavan la carne en un asador de palo, que lo fijan en tierra cerca de un fuego; una sola vez lo dan vuelta para que se ase igualmente”* (AZARA, 1850, p. 176).

Foi com as mulheres mbayás que Azara teve a discussão sobre o costume de elas não aceitarem ter mais de um filho. Voltando a ocasião – após uma delas tentar justificar tal atitude para o demarcador, citando o quão penoso era parir e criar mais filhos –, Azara, por curiosidade, perguntou como era feito o aborto. A que havia falado disse para o militar que ele já iria ver como a prática era realizada: no mesmo momento, citou o espanhol, uma das mulheres deitou-se ao chão de costas inteiramente nua e duas velhas começaram a golpear a barriga dessa mulher de forma violenta até a ocasião em que começasse o sangramento.

Através de maneiras de se comportar e vestir, Azara pareceu ter percebido que o papel das mulheres em algumas nações de índios era determinante. No caso dos guanás, por exemplo, as mulheres estimulariam a rivalidade entre os homens ao se importarem com a limpeza e amabilidade, sendo mais orgulhosas que a de outras nações e, por isso, seriam mais fáceis em praticar o adultério, de modo que isso ocasionava certas brigas: *“Aunque la adultera no incurre en pena alguna, es bastante común ver al marido engañado reunir algunos amigos y parientes, que le ayudan a dar al galán una fuerte paliza, que à veces le cuesta la vida”* (AZARA, 1850, p.

206). Obviamente, a maioria das atitudes das *naciones* que o militar observou tem a figura masculina como predominante e isso ficou evidente em alguns costumes notados, como os dos homens charruas que viajavam montados em seus cavalos e suas mulheres acompanhando a pé ao lado com os filhos.

Outra questão que esteve ligada, sobretudo às mulheres dos grupos indígenas, foi a do luto. Azara descreveu separadamente como as principais nações se portavam diante da perda de algum de seus membros. Um dos casos que parecem ter chamado a atenção do ilustrado teria sido o das mulheres charruas: se o morto foi algum pai, marido ou irmão adulto, as viúvas e órfãs, assim como irmãs do falecido, cortavam a articulação de um dos seus dedos. *“No he visto una sola mujer adulta que tuviese los dedos completos y que no tuviese cicatrices”* (AZARA, 1850, p. 180). Depois, se cortavam com algum objeto que pertenceu ao morto, além de ficarem durante dias retiradas em suas cabanas chorando pela perda. As mulheres da nação dos minuanos também realizavam práticas semelhantes.

Uma maneira singular de encarar a morte foi notada pelo demarcador no caso dos *lenguas*, que, no modo de ver de Azara, teriam certo horror à morte a tal ponto que jamais deixavam uma pessoa moribunda dentro de suas habitações. Eles levavam o enfermo para uma distância considerável, cavavam um buraco para que ele fizesse as suas necessidades, deixavam uma vasilha de água e faziam uma fogueira, sem jamais dar algo de comer para ele, e somente o visitam para ver se já estava morto ou não. Assim que morria, os *lenguas* o enterravam o mais rápido possível e os parentes do falecido choravam e passavam pelo processo do luto, porém sem dizer o nome do falecido:

Lo que hay de más extraordinario es, que luego que alguno de ellos muere, todos mudan de nombre: de modo que en toda nación no queda ni un solo nombre de los que había antes. Ellos dicen que cuando alguno ha fallecido, es porque la muerte se había introducido entre ellos, y que al irse con el difunto ha llevado consigo la lista de todos los vivos, para volver después a matarlos: que cambiando el nombre, la muerte no puede hallar al que busca, y se ve forzada a irse a buscar por otra parte. (AZARA, 1850, p. 227).

Como Azara não acreditava na religiosidade dos indígenas, atitudes, como dos charruas e *mbayás*, de enterrar os mortos com seus pertences, eram vistas como medo da morte, afinal, para ele, essas pessoas estariam se livrando de tudo que lembrasse ela. O demarcador encontra uma exceção à parte com o modo de lidar

com o morto dos guanás: estes enterravam na porta de suas cabanas o corpo da pessoa falecida, para tê-la presente em sua memória.

O militar não foi muito além para descrever como eram feitas as práticas de cura das nações de índios, se limitando a repetir que todas tinham seus curandeiros ou médicos e que o tratamento para quaisquer que fossem as enfermidades se dava com a prática de chupar com força a barriga do paciente. Tendo certamente uma atitude semelhante à dos primitivistas, Azara se perguntou se tal maneira de curar não seria uma reprodução do jeito que a medicina era exercida em seus primórdios, quando se acreditava que as causas dos males seriam gases ou espíritos que se introduziam nos corpos dos indivíduos.

Táticas de resistência das nações, como não eram para deixar de ser, foram também registradas e explanadas pelo demarcador. Os charruas, assim como os demais, teriam cavalos com velocidade superior à dos espanhóis e mais bem treinados. Quando se preparavam para atacar, mandavam espias para conhecer o terreno inimigo: se um desses espias fosse avistado, ele corria em uma direção totalmente oposta à de seu grupo. Assim que se sentiam prontos para o ataque, o faziam de maneira rápida, golpeando a boca ao mesmo tempo em que gritavam, matando todos que encontrassem, deixando vivas somente mulheres e crianças.

O medo em Azara quanto aos ataques de *naciones* de índios é perceptível em seus textos, não somente quando escreveu que os charruas mataram muitos de seus subordinados. Por exemplo, quando tratou de citar os índios pampas, ele notou que mesmo se a paz dessa nação fosse selada com os espanhóis não seria garantia que não atacassem. O ilustrado recorreu seu território com uma grande escolta, pois ele percebera a desconfiança que caíra sobre seu grupo.

Os pampas faziam uso de uma arma particular – a boleadeira - utilizada tanto na caça quanto em combate e que Azara teve a atenção de descrever:

Estas bolas son de dos clases: la primera se compone de tres piedras redondas del grueso del puño, aforradas en un cuero de vaca o de caballo, y atadas a un centro común con cuerdas de cuero de una pulgada de grueso, y de largo de tres pies. Ellos toman en la mano la más pequeña de las tres bolas, y haciendo dar vueltas a las otras con velocidad por encima de la cabeza, lanzan las tres que alcanzan hasta cien pasos; estas bolas se enredan y cruzan de tal modo las piernas, pescuezo o cuerpo de un animal o de un hombre, que es imposible escapar. La otra clase de bola se reduce a una sola piedra, que ellos llaman bola perdida. (...) Los pampas sobresalen en

el uso de esas dos especies de bolas. (...) Al tiempo de la conquista, con esta arma ellos mataron en una batalla a D. Diego de Mendoza, hermano del fundador de Buenos Aires (...). (AZARA, 1850, p. 188).

O modo dos mbayás guerrear com o inimigo era considerado por Azara como corajoso e excêntrico. Partindo com seus cavalos e grandes lanças para a peleia, ao visualizarem seus oponentes, paravam com certa distância deles. Nesse momento algo chamou a atenção do ilustrado: três ou quatro homens mbayás desmontavam dos seus cavalos e, chegando muito próximos da tropa inimiga, começavam a mostrar e agitar peles de jaguaretê para espantar os cavalos dos opositores. Se a técnica desse certo, eles atacavam de maneira rápida.

Boa parte das armas das nações indígenas servia, como foi exemplificado no caso da boleadeira, também para a caça, outra prática sobre a qual Azara discorreu. Usos de arcos e flechas de tamanhos diferentes, lanças utilizadas tanto em terra quanto na água, enfim, os exemplos são dos mais variados. Os meninos índios usavam, por diversão para a caça de pássaros, um arco diferente e de menor proporção que o demarcador não soube nomear, mas certamente seria o que conhecemos como estilingue ou bodoque: “*Si los muchachos de Europa aprendiesen este ejercicio, no habría tantos gorriones*” (AZARA, 1850, p. 196).

Uma das nações com que, possivelmente, Félix de Azara teve mais contato foi a dos payaguás. No tempo em que passou em Assunção e nos seus arredores, a interação com esse grupo e o ilustrado se deu de modo considerável, afinal, seriam os payaguás que levavam para ele diversas espécies de animais para estudo. Tendo em mente a ideia de que os ameríndios viviam mais que os europeus, Azara anotou o fato de ter conversado com um dos caciques desse grupo étnico certa vez, e que este teria lhe dito que tinha 120 anos.

As celebrações e ritos dos payaguás foram objeto central na descrição dessa nação no livro do espanhol. O militar citou ter presenciado, por alguns anos, a celebração sangrenta que ocorria no mês de junho em Assunção, e que também seria realizada por outras nações como os guanás e mbayás. Tal celebração consistia em embriaguez por parte dos homens e em seguida começaria a flagelação dos corpos, com introdução de objetos pontiagudos em diversas partes do corpo. Essa manifestação causava espanto nos que assistiam, entre eles o próprio Azara, que anotou se assegurar nunca ter visto algum dos participantes queixar-se dos ferimentos e, logo,

da dor, que tal prática ocasionava: *“En una palabra, podría decirse que los actores eran unas máquinas”* (AZARA, 1850, p. 221).

Quando uma tempestade ameaçava se aproximar de suas cabanas, os payaguás agarravam algumas tochas de madeira acesas com fogo e corriam contra o vento ameaçando-o. Já outros davam bofetões no ar para a mesma finalidade.

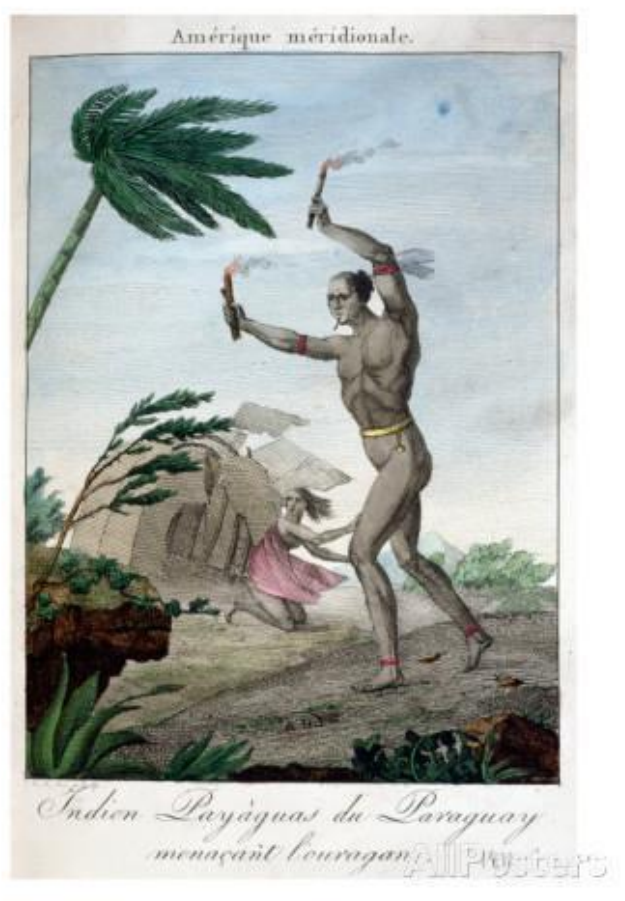


Figura 4 -- A Payaguas Indian Shaman Attempting to Turn Away a Hurricane, Paraguay, 1811. Fonte: http://evelyn_saenz.squidoo.com/Big-Annie. Acessado em: 11/01/2014.

Se mudarmos o foco das celebrações (que são tão numerosas e variadas que seria impossível descrevê-las todas) para a prática da alimentação, teremos também

descrições importantes. Azara se viu curioso por observar que a maioria dos indígenas não ingeria líquido enquanto comia, só depois das refeições. Foi uma maneira estranha para ele essa atitude, de forma que se percebe ele afirmando esse dado ao longo de seus textos como se aquilo o inquietasse. Anotou que os payaguás quando bebiam o dia inteiro sem comer coisa alguma, riam-se dos espanhóis, afirmando que beber e comer ao mesmo tempo faria com que não sobrasse muito espaço para a aguardente.

Dependendo da maneira como vivia uma nação, o tipo de alimentação variava. Alguns tinham uma dieta rica em proteína da carne de boi ou peixe, outros se alimentavam de vegetais, claramente por serem agricultores. O militar percebeu que em boa parte dos grupos étnicos quando uma mulher estava em período menstrual, ela teria de evitar comer determinados alimentos. Com um cardápio diferente com o do qual estava o demarcador acostumado, ele descreveu alguns preparos e receitas como a dos guanás, que queimavam algumas ervas e com as cinzas que restavam faziam pequenas bolas que misturavam com seus alimentos, como se faz com o sal: ao se alimentar delas, algum desavisado poderia ter a impressão de que eles estavam condimentando sua comida com areia.

Toda a preparação da erva mate para o consumo se encontra no *Viajes* (1850) de Azara. O uso não se limitava aos indígenas, mas a maioria da população sul-americana utilizava. Era um consumo ordinário, realizado a qualquer momento do dia, como notou o demarcador.

Interessante são as anotações do militar sobre a gente campestre da época. Observou, viajando pelos campos, que as casas dos agricultores não estavam tão distantes umas das outras, como era o caso das estâncias pecuaristas. Essas casas (e as dos pastores) eram feitas, em geral, com paredes de barro e cobertas na parte superior com palha, tendo um tamanho médio. Não havia portas nem janelas, muito menos móveis, e um pedaço de couro era colocado na entrada à noite para a proteção contra insetos ou frio. Toda a família dormia em uma mesma peça da casa. São habitações com certa similaridade com as que podem ser vistas ainda hoje, embora raras, em algumas partes da zona rural da América do Sul.

Esses pastores no máximo tinham, dentro de suas moradias, um barril de água, uma guampa para bebê-la e um local para assar a carne que poderia ser o

mesmo para esquentar a água para tomar um mate. Geralmente se deitavam por cima de couro e se sentavam para comer em cima de crânios de vaca. Burlavam-se, citou Azara, dos europeus que comiam vegetais como faziam os cavalos. A paisagem ao redor dessas casas não deveria ser nada agradável segundo o espanhol: ossos e cadáveres de bois por toda a parte apodrecendo e atraindo pássaros e outros animais.

Azara descreveu toda a operação do que ele denominou como *rodeo*, em que alguns campesinos montados em seus cavalos acompanhados de cães ovelheiros recolhem todo o gado em um local marcado e aberto e, após um determinado período, deixam que o gado volte para pastar nos campos livremente. O objetivo seria impedir que os animais se afastassem ou se perdessem das propriedades as quais pertenciam. No resto de seu tempo, escreveu o militar, eles se ocupavam de capar ou domar e ficavam com boa parte do dia dedicada ao ócio.

Cada cría de ganado tiene un capataz y un peón por cada mil cabezas. El primero es ordinariamente casado, más los otros solteros, a no ser negros, gente de color o indios cristianos desertados de las Misiones; porque todos estos son comúnmente casados, cuyas mujeres o hijas sirven a la vez para consolar a los solteros. Se pone tan poca atención sobre este punto que no creo que alguna de estas mujeres conserve su virginidad hasta la edad de ocho años. (AZARA, 1850, 278).

Como notou Mariluz Urquijo (1987), Azara apresentou a figura do homem rioplatense como apaixonado por cavalos e carreiras. O demarcador citou que os campesinos faziam praticamente todas as tarefas cotidianas montados em cavalos: desde pescar, tirar água de poços, preparar barro para a construção de suas casas e até mesmo conversavam em reuniões e tomavam bebidas com seus companheiros muitas vezes sem desmontar do animal.

Quando um recém-nascido tem oito dias, observou o militar, o pai ou irmão da criança o pega e passeia a cavalo pelo campo, até que o pequeno chore. Tais passeios se repetiriam até o momento em que a criança estivesse em condições de montar sozinha cavalos pequenos e mansos: *“Algunas veces me he visto solicitado a bautizar algunos muchachos, que se me mostraban a caballo galopando por el campo”* (AZARA, 1850, p. 279).

O esporte popular na época, e que Azara se referiu, era o jogo do pato (*correr el pato*). Embora houvesse variações do que seria esse jogo, ele consistia basicamente

mente em colocar um pato vivo dentro de uma bola de couro com alças e duas equipes de homens a cavalo faziam a disputa. Vencia a equipe que conseguia chegar com o pato a um determinado ponto. O jogo chegou a ser proibido várias vezes devido à violência, mas mesmo assim era praticado.

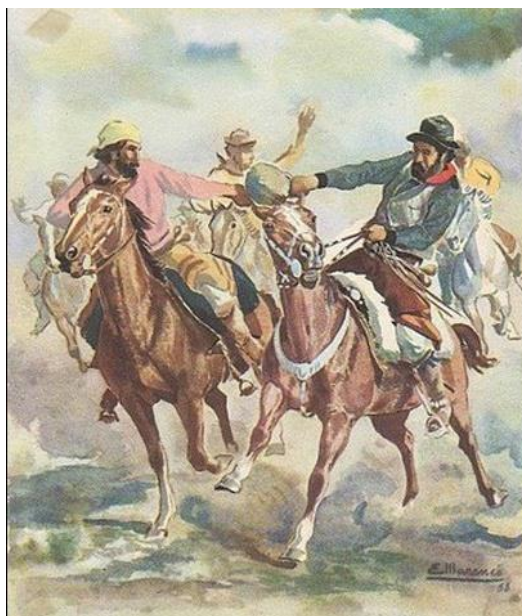


Figura 5 - Eleodoro Marengo "Jugando al pato". Fonte: <http://www.identidad-cultural.com.ar/leernota.php?cn=420>. Acessado em: 11/01/2014.

Outros jogos, como o de cartas e as reuniões em pulperias para beber e conversar, consistiam em diversões para o homem do campo. Para passar o tempo, cada pulperia dispunha muitas vezes de um violão, sendo que quem soubesse tocar o instrumento era sempre bem-vindo nessas casas. Os músicos, citou o militar, jamais tocavam canções alegres como as do Peru, mas sim as *“canciones más monótonas y tristes del mundo; por lo que se les ha dado el nombre de tristes. El tono es lamentable, el asunto amores desgraciados o amantes que lloran sus penas en el desierto”* (AZARA, 1850, p. 283).

Um costume que havia no campo era o de pedir, para pessoas que passassem por perto de suas casas, algum remédio para um parente ou amigo que estivesse enfermo. Muito possivelmente, pelas incursões que fez na região, isso tenha marcado Azara, pois ele era geralmente uma dessas pessoas que passavam. O militar lembrou um episódio em que um senhor se queixou para ele por que um de seus homens subordinados não queria fazer-lhe o processo da sangria que iria aca-

bar com sua dor de cabeça. O espanhol apenas aconselhou o velho para ficar em repouso e que se lavasse e cortasse suas unhas. O senhor seguiu os conselhos e se curou. Tal episódio teria inspirado tanta confiança em Azara que o homem, depois de seis meses, o procurou para consultar acerca da enfermidade que assolava seu filho.

Na província do Paraguai, observando a maioria da gente que conheceu conforme realizava suas viagens, Azara (1904) escreveu ter notado o quão semelhantes eram para ele todos os habitantes daquela região, sobretudo, em seu modo de vestir e morar. Por isso, ele acabou classificando aquele território como *“la tierra de los iguales”*.

Ainda quando estava em viagem em 1784 para Assunção, Félix de Azara observou um homem velho e seus hábitos:

(...) Así anduvimos 3 ½ leguas hasta un rancho en que mudamos caballos, y el Teniente que nos acompañaba recibió un recado de un viejo de 93 años, que vive en un rancho un cuarto de legua distante. Sólo dijo que había querido tener el gusto de ver a su General. Vive este viejo solo, él se guisa y trae la leña y agua, etc. Se entretiene con tres libritos espirituales, en engordar a sus gallinas que, con el arco y bodoque mata cuando quiere y en matar moscas y contarlas. El año pasado mató con su correita 9749. Los del rancho próximo son nietos suyos (AZARA, 1847, p. 47).

A maioria dessas pessoas tinha o desejo de ser sepultada no terreno ao lado das capelas. Porém, escreveu o demarcador, como boa parte dos camponeses estava longe da igreja, eles acabavam deixando que o cadáver do morto, coberto com algumas ramas e pedras, entrasse em decomposição no meio do campo. Outros tinham o costume de “desossar” o cadáver e levar os ossos para o cura. Contudo, se a distância até a capela fosse pequena, os parentes vestiam o morto, colocavam-no em cima de um cavalo amarrando os pés nos estribos e com pedaços de madeira atavam para que o corpo não caísse. Quem visse de longe o defunto, de sorte poderia crer que ele estivesse vivo.

Os casamentos, quando eram realizados, ocorriam também na igreja mais próxima de suas habitações. Como a maioria das gentes do campo não possuía mais que uma peça de roupa, eles pegavam emprestado com alguém mais abastado a vestimenta para casar e, após a cerimônia, devolviam-na para seu dono.

Obviamente não poderíamos deixar de fora a figura símbolo da região cam-pesina: o gaúcho. Azara (1904) utilizou os termos *gaucho* e *changadores* para se referir a essa gente, e anotou o fato de viverem comercializando o couro. Essa cate-goria seria a dos campesinos ociosos e errantes que já citamos.

Sobre os habitantes de cidades como Buenos Aires e Assunção, temos pou-cos dados escritos por Azara. Sabemos, como já foi mencionado, que o ambiente, segundo o militar, fazia com que os homens tivessem maior tendência a serem ocio-sos.

3.4. Etapa final americana

Azara ficou no Paraguai até final de 1795. No ano seguinte já se encontrava em Buenos Aires, a pedido do vice-rei Pedro Melo de Portugal, que o encarregou de chefiar uma expedição pelas guardas e fortes no entorno sul da cidade, com o intuito de coletar informações que melhorassem a defesa da capital.

Após essa expedição, Azara estava de volta a Buenos Aires. No final de 1797 e início de 1798, já como Comandante de Fronteiras, passou parte do tempo em Montevideu e em Melo estudando um projeto de futura fundação de um povoado na banda oriental. O início de tal projeto se deu após reunião do Ministro da Real Haci-enda de Maldonado, Rafael Pérez del Puerto, o vice-rei Marquês de Avilés (1735 – 1810) e o próprio Azara.

O vice-reino queria se livrar de despesas que tinha com diversas famílias de povoadores que se encontravam paradas, já que projetos, como a colonização da Patagônia, não deram certo. Aliado a isso, Azara como militar e funcionário de fron-teira tinha como objetivo frear a expansão portuguesa em território que considerava como sendo espanhol.

Assim nasceu o empreendimento da vila de Batoví, na antiga guarda de Bato-ví, no local onde hoje é a cidade de São Gabriel no Rio Grande do Sul. Nascia, tam-bém, outro período de desgosto e frustração para Félix de Azara.

Desde 27 de outubro de 1800 naquela área, Azara não teve suporte algum além de 20 soldados para que se completasse a fundação da vila e também de outros povoados ao redor dela. Até junho de 1801, o militar escreveu as cartas mais angustiadas de toda a sua vida. São diversas queixas para Miguel Lastarria e Pedro Cerviño sobre o desleixo do governo com o empreendimento e pelo atraso em enviar a tropa de 50 homens que havia pedido para a realização das tarefas.

Essa época em que Azara esteve em Batoví foi tema de diversas pesquisas, sobretudo, estudos uruguaios como o de Carlos Dutrenit (1967) e Mones e Klappenbach (1997), acerca da relação que o militar teria tido com José Gervasio Artigas (1764 – 1850), que era então um dos soldados do Corpo de Blandengues que serviram ao aragonês.

A principal tese sustentada pela bibliografia de caráter nacionalista uruguia seria a influência que teria exercido Félix de Azara no pensamento de Artigas (sobretudo nos *Reglamentos* que ele fez depois) e a convivência e amizade que teriam tido enquanto trabalhavam juntos.

De certa forma, em algumas observações pontuais, podemos deduzir alguma influência no pensamento azariano nos *Reglamentos* de Artigas. Provavelmente o período em que serviu a Félix de Azara deixou diversos aprendizados com a lida da distribuição de terras para povoadores.

Contudo, a questão de que os dois eram próximos não se sustenta quando vemos a opinião de Azara quanto aos blandengues como um todo. Para ele, eram “*una canalla qual no se la puede figurar*” e escreveu a Lastarria em final de 1800, falando ainda mais:

Aunque me enviasen dicha tropa, no sé si podría servir, porque no tienen caballos, ni aquí los hay, y cuando los hubiere son una gente tan mala que destrozaría todos los caballos del mundo si los hubiere a mano. (...) En suma, cada día veo nuevas dificultades, no tanto en las cosas como en los sujetos de que es menester valerse, porque es imposible dar una idea de lo malo e inicuos que son estos blandengues y las gentes del campo, sin que haya uno con quien se pueda contar²².

Para vermos como essa tese de aproximação entre Azara e Artigas é falsa, em outra carta do mesmo mês de dezembro de 1800 também para Lastarria, o militar aragonês diz o seguinte: “*El pasado hablé a vm. de Pacheco y Artigas para Capi-*

²² Carta de 19 de dezembro de 1800, em Contreras Roqué (2011: p. 321, 322 e 323).

*tanés de Preboste, dando la preferencia al primero porque tiene más facilidad de explicarse y más expediente*²³. Ou seja, Azara preferia Pacheco a Artigas para Capitão de Preboste, a função militar de comando, por achar o primeiro mais adequado para a função por sua experiência.

Poderíamos pensar na possibilidade de que o preboste não ficava perto do Comandante de Fronteiras, e o que Azara estava fazendo era, na realidade, manter Artigas por perto. Contudo, não era o caso nessa situação, pois o distanciamento por muito tempo do preboste não era uma realidade.

Com isso, a impressão que temos de Azara é a de um homem reservado e de poucos amigos. Essa imagem é ressaltada pela consulta das fontes, onde percebemos que os únicos amigos com quem realmente contava e trocava cartas de caráter mais íntimo eram o seu irmão, José Nicolás, o companheiro de demarcação, Pedro Cerviño, e o secretário do vice-reino, Miguel Lastarria (1759 – 1817).

Tal impressão estaria correta para Contreras Roqué (2010), que trabalhou com o conceito de *talante* (que seria o estado de ânimo de uma pessoa ante uma situação qualquer ou ante a vida como um todo), para falar de Azara.

Enquanto ainda estava no Paraguai, segundo o biógrafo, Azara raramente participava de reuniões ou da vida cultural em Assunção, embora tenha conseguido realizar diversos contatos para estudar a situação local. Também tinha difícil trato com outros comissários, como Diego de Alvear (1749 – 1830), membro da segunda partida demarcatória de limites.

Voltando para Batoví, o que vemos em meados de 1801 é um Azara já desacreditado da possibilidade de conclusão de sua empreitada. Já havia pedido novamente para a corte o seu retorno para a metrópole. Mesmo assim, ele escreveu sobre planos que tinha se ela desse certo. Um deles seria a fundação de outra vila, que iria dar o nome de *Esperanza*, próxima de Batoví.

A esperança acabou quando um conflito que ficou conhecido como Guerra das Laranjas²⁴, entre Portugal e Espanha, teve início. Azara foi chamado de volta

²³ Carta de 05 de dezembro de 1800, em Contreras Roqué (2011: p. 308).

²⁴ Sobre este conflito, ver Camargo (2001).

para a Europa através de uma ordem real em maio, e em meados de julho se encontrava em Montevideú, pronto para realizar o embarque. Nesse roteiro de Batoví até Montevideú, instrumentos e vários escritos de Azara foram aprisionados por soldados do Corpo de Dragões, mas, para a sorte do militar e a pedido dele, esses objetos foram devolvidos posteriormente (CONTRERAS ROQUÉ, 2011, 350 e 351). As tropas luso-brasileiras atearam fogo à vila de Batoví, já abandonada pelos povoadores por ordem do vice-rei. A obra de Azara transformou-se em cinzas (GOLIN, 2011, p. 213).

No final de 1801, numa data na qual não sabemos, Félix de Azara embarcou para a Espanha. Tinha chegado à América 20 anos atrás como demarcador de limites e saiu dela como um naturalista que começava a ser lido e respeitado pela comunidade científica da época.

4. Considerações finais

Entre a narração das práticas cotidianas dessas pessoas, o ilustrado citou, em diversas passagens de seu texto, ter percebido o quanto essa gente vivia em um estado de dificuldades, miséria e violência sem precedentes naquelas regiões por onde andara.

Pastores errantes que muitas vezes não teriam outras opções de vida a não ser roubar ou contrabandear gado pela fronteira e que muitas vezes não gostavam de servir a patrão algum, foram figuras que Azara escreveu ter encontrado ao longo de sua estadia na América (seria muito possivelmente o estereótipo do gaúcho). Ele revelou ter contratado alguns para determinados serviços, muitas vezes quase desnudos. Inclusive, Azara contou que chegou a discutir com um desses homens que não queria servi-lo.

Alguns desses contrabandistas foram presos pelo demarcador ao tentarem conduzir e vender algum gado no Brasil. Nesses momentos de prisões, Azara citou ter encontrado muitas mulheres que tais indivíduos haviam raptado das suas famílias. Um episódio, em que falou com uma dessas mulheres, pareceu ter comovido o espanhol:

Una de estas mujeres, española, joven, bonita, y no vivía por espacio de diez años con esta especie de gente, no quería volver a casa de sus padres, y veía con dolor el que yo la restituyese a su casa paterna. Ella me contó que había sido robada por un nombrado Cuenca, que había sido muerto por otro, que después también lo fue por un tercero, al que halo asesinado un cuarto, que era su último marido. Jamás pronunciaba ella el nombre de Cuenca sin llorar, y sin decirme que él era el primer hombre del mundo, y que su nacimiento debió haberle costado la vida a su madre, porque fue el único en el mundo. (AZARA, 1850, p. 285).

A banalização da vida era algo que saltava aos olhos de Azara, que acabou escrevendo sobre o fato de essas pessoas não fazerem muito caso sobre a morte. Em jogos de naipes, por exemplo, os homens sempre levavam algum punhal prepa-

rado para utilizar quando houvesse um desentendimento ou soubessem que algum dos jogadores estava trapaceando. Observou que, em brigas entre esses homens, raramente o indivíduo que recebia um golpe fatal demonstrava alguma expressão de medo. Azara presenciou e relatou algumas dessas peleias mano a mano e se espantou por notar que os espectadores, que muitas vezes eram amigos ou parentes dos homens que brigavam não se intrometiam na discussão.

Pessoas isoladas em desertos sem comunicação alguma, sem conhecer o relógio ou medidas para nada, geralmente com um semblante sem demonstrar felicidade ou paixão e que não faziam questão de amizade. Essa foi a imagem que o demarcador deixou impressa em seus escritos. Criavam-se sem instrução e tão *“bárbaros que se matan entre si algunas veces con la frialdad que si degollasen una vaca”* (AZARA, 1847, p. 8). Ocorriam nos campos vários ataques de ladrões ou contrabandistas que roubavam, matavam e levavam as mulheres ou filhas queimando por final as casas das vítimas.

Quando Camargo (2001) escreveu acerca das pessoas comuns que estavam diretamente envolvidas na Guerra das Laranjas em 1801 no atual território do Rio Grande do Sul, como o suposto líder de contrabandistas José Borges do Canto, ele constatou que, realmente, o sistema político, econômico e social permitiu uma *“brutalização do cotidiano e a banalização da vida”* no período: *“Uma série interminável de célebres caudilhos brutais, matadores, degoladores e genocidas infestaram o Prata ao longo do século XIX, tornando-o pleno de revoluções, contrarrevoluções e guerras, é a prova cabal disso”* (CAMARGO, 2001, p. 146). É possível que o caráter de fronteira da região tenha permitido que essa constatação fosse realidade no passado – (e talvez atualmente?), mas para o tema tratado isso seria outra discussão a ser pesquisada no futuro.

Para finalizar, se faz imprescindível ter em foco novamente a questão da alteridade com algumas ênfases. Segundo Contreras Roqué (2010), entender a cosmovisão ocidental da época da relação do *“yo”* com o *“otro”* é fundamental ainda mais quando temos como objeto um ilustrado como Azara e sua época. Notamos com os relatos do viajante o quanto é necessário ter em conta o *“eu”* para as atribuições de diferenças e julgamentos em relação ao *“outro”*. O *“outro”* só é belo ou feio, bom ou

mal, civilizado ou bárbaro em comparação a “mim” e “meu” ideal de sociedade a qual pertença.

Após o século XVIII, até os dias, atuais a questão da alteridade sofreu diversas mudanças. Gerou amplos debates entre estudiosos que tentaram sustentar o conceito de raça. Em meados dos anos 1930 o conceito começou a cair em desuso no meio acadêmico, e a capacidade de percepção de outras culturas se ampliou, sobretudo, após os trabalhos de Lévi-Strauss (1908 – 2009), como ponderou Ferreira Neto (2011):

Livre dos freios religiosos, do biologismo do século XVIII e do evolucionismo cultural, o olhar sobre o outro adquiriu, por fim, uma mesma dimensão humana e temporal. “Estamos, primeiro, em presença de sociedades justapostas no espaço, umas ao lado das outras... mas, afinal, contemporâneas”, afirmou Claude Lévi-Strauss. Superou-se, portanto, a barreira do etnocentrismo, e o outro apareceu pleno, em sua integridade e riqueza cultural, como um igual, na sua diferença (FERREIRA NETO, 2011, posição 6138 de 10431).

Todorov, em seu livro *Nosotros y los Otros*, realizou uma classificação que ele denominou como “retratos” sobre os diversos tipos de viajantes do século XIX e seus modos de se relacionar e enxergar os “outros”. São 10 retratos em que podemos delimitar e encaixar conforme a tipologia o viajante que observamos.

Certamente, Azara encaixa-se no retrato do “*viajero asimilado*”. Todorov descreveu esse retrato como um viajante que não seria mais apenas um visitador pelas terras pelas quais andara: ele adquire quase uma condição de imigrante, o que foi o caso de Azara se levarmos em consideração o tempo em que este ficou na América. Foi um expert, como um corógrafo que faz referência aos outros pelas suas concepções etnocêntricas. A assimilação que ocorreria sobre a qual o autor escreveu diz unicamente ao seu status de profissional entre os estrangeiros, embora não saibamos quais as reações que os “outros” tinham a respeito dele.

Obviamente, tal retrato deixa lacunas (o demarcador não quis ser como os outros), e também podemos nos utilizar de parte de outro retrato para abordar Azara, que seria o do viajante aproveitador. Como citou Todorov, devemos separar o ideal que se geralmente temos do imigrante (o trabalhador que vai para o estrangeiro e fica por lá, muitas vezes sendo incorporado e incorporando a cultura local), do *viajero aprovechado*. Este, como Azara, passou apenas um tempo que sabia que

seria limitado no exterior e não teve nenhuma intenção de renunciar a sua cultura, muito pelo contrário.

Boa parte dos estudos sobre literatura de viagem tem como ênfase o *olhar* desses viajantes. O que tentamos demonstrar nessa pesquisa é que atentar apenas para a *visão* do estrangeiro não é o suficiente. Podemos aprender muito se tivermos também como foco as possíveis interações que o viajante tem com a população das regiões sobre as quais escreveu e que foram relatadas por ele.

Voltando à citação inicial do capítulo anterior, mesmo que o espanhol tivesse escrito que o homem era um ser *incompreensible*, após vermos todas as observações que ele fez acerca desses “outros”, podemos concluir que Félix de Azara quis conhecer esses “outros” e tentou compreendê-los dentro de uma lógica enciclopedista e ilustrada de seu tempo. Certamente, levando em conta a abordagem todoroviana, temos que ter em mente que compreender o “outro” muitas vezes não significa amar o “outro”.

Temos toda uma sociedade de um determinado espaço geográfico e de um período histórico relatada pelas anotações de um ilustrado espanhol pertencente ao antigo regime. São descrições viciadas pelos seus conceitos de mundo, certamente, mas que nem por isso podem ser desmerecidas. Afinal, com essas descrições, podemos conhecer não só a história daquelas pessoas naquele tempo, mas também conhecer o próprio observador. Conhecer o outro e conhecer-se são uma única e mesma coisa, citou Todorov. Quem sabe o próprio Félix de Azara, após sua extensa jornada, não tenha tido uma melhor ideia do mundo ao seu redor e de si mesmo ao retornar para sua terra natal.

4.1. Sobre os anos finais e o legado de Azara

Félix de Azara desembarcou na Espanha em janeiro de 1802. Foi a Paris, onde se encontrou com seu irmão, José Nicolás, o responsável pelos preparativos e divulgação das obras naturalistas do militar. Por azar do destino, José Nicolás faleceu dois anos depois, em 1804, o que acabou gerando uma disputa pela herança

entre Félix de Azara e seu irmão mais novo, Francisco Antonio, contra sua irmã Mariana de Azara y Perera.

Novamente na Espanha, Félix de Azara e Francisco Antonio retornaram ao casarão familiar em Huesca, já que o último herdara o *mayorazgo* e por isso tinha de cuidar das propriedades da família. Teve nesse período um quadro pintado, em 1805, pelo famoso pintor Francisco de Goya (1746 – 1828), em que aparece de corpo inteiro, vestindo roupa militar, com espécies de animais ao fundo e um livro na sua mão direita.

O aragonês preparava as obras que iriam ser lançadas e correspondia-se seguidamente com Walckenaer. Como seus primeiros títulos sobre mamíferos e pássaros saíram em 1801, a essa altura Azara já era um naturalista reconhecido. Em 1809, o *Voyages dans l'Amérique Méridionale* seria lançado em 5 tomos, e lido por boa parte da comunidade científica da Europa.

Os seus últimos anos viveu no casarão, já velho, muito possivelmente isolado, pois não teria uma boa relação com Francisco Antonio segundo inferiu Contreras Roqué (2011). Em 17 de outubro de 1821, contraiu uma pneumonia que acabou deixando-o de cama. Três dias depois, faleceu.

A morte de Azara está envolta de interrogações apontadas pelo seu biógrafo contemporâneo. Uma delas é com relação ao seu testamento, que foi realizado algumas horas antes de sua morte, o que seria impossível de ser feito com o militar em idade avançada e num estado de quase morte. Ainda mais, esse testamento, que deixava como herdeiro o seu sobrinho Agustin de Azara, tinha como um dos itens a anulação de outro testamento feito por Félix de Azara em 1806 e que não se sabe até hoje onde se encontra.

Outra interrogação que Contreras Roqué (2011) plantou é com respeito aos restos mortais de Azara, que estão na catedral de Huesca. Eles estariam misturados com os ossos de outras pessoas, e os testes de DNA, que deveriam ser feitos em 2007, até o momento não foram realizados.

As fronteiras que deveriam ser demarcadas por Azara quando foi enviado à América em 1782, só o foram após o advento do Estado Nação (GOLIN, 2011, p.

10), mais de um século depois. Só que dessa vez, a disputa era entre países vizinhos independentes, e não mais entre as coroas ibéricas.

A obra de Azara teve influência direta em Mariano Moreno (1778 – 1811), que era jornalista em Buenos Aires e possivelmente o conheceu. Moreno utilizou os textos do naturalista e publicou parte deles na *Gazeta*, além de ter se inspirado na política de defesa das fronteiras, que pregava o militar, para compor o seu texto denominado como *Plan de operaciones* (CONTRERAS ROQUÉ, 2011, p. 380).

Ainda sobre a influência direta que os escritos de Azara tiveram na região que percorreu, podemos lembrar que o ditador paraguaio José Gaspar Rodríguez de Francia (1766 – 1840) fez uso da obra de Félix sobre o Paraguai, uma cópia do *Descripción e historia del paraguay y del rio de la Plata*, e do mapa que o aragonês realizou, já que era o mais completo mapa da província até então.

Diversas homenagens ao naturalista e empreendimentos com o seu nome surgiram ao longo do tempo. O escultor espanhol Eduard Alentorn (1855 – 1920), realizou uma grande estátua do militar para o Museu de História Natural de Barcelona em 1884. Ruas, povoados e escolas levaram o seu nome. Em 1976, uma parte da lua, denominada dorsal, com 105 quilômetros de comprimento, foi batizada de *Dorsum Azara* em tributo ao naturalista.

Em 2000, o maior estudioso da atualidade sobre a figura, Júlio Rafael Contreras Roqué, inaugurou a Fundação de História Natural Félix de Azara, na Argentina – hoje uma das mais importantes instituições científicas da América do sul, incentivadora da preservação ambiental e de estudos antropológicos e paleontológicos na região. Revistas, palestras e projetos educacionais são feitos pela Fundação, que teve sua filial aberta no Paraguai recentemente.

No ano de 2005, o biógrafo participou das Primeiras Jornadas Azarianas, uma reunião de estudiosos em torno na figura de Azara, em Huesca e Madrid, o que rendeu no ano seguinte o livro chamado *Tras las huellas de Félix de Azara (1742-1821)*, com artigos desses estudiosos.

Além disso, com o incentivo da organização governamental *Diputación de Huesca*, se realizam todos os anos, desde 2004, os Prêmios Félix de Azara, na qual a instituição premia diversos estudos relacionados ao meio ambiente. Foi com a co-

laboração e financiamento da *Diputación* que os três tomos da última biografia de Azara foram lançados em 2010 e 2011.

Em comemoração aos 230 anos da chegada do aragonês ao Paraguai, em novembro de 2014 uma representação escultórica de Azara foi inaugurada no Jardim Botânico de Assunção, nos arredores do lugar no qual supostamente o militar teria morado entre 1784 e 1795.

Estava prevista para o início de 2015 a abertura de um arquivo com documentações e livros relativos a Azara do grande acervo pertencente à Contreras Roqué. Assim, se criaria um *Fondo Azariano* para a compilação de toda e qualquer obra que seja acerca do naturalista.

Enfim, no momento em que esta dissertação foi finalizada, notamos todo um movimento de novas pesquisas sobre Félix de Azara sendo realizadas, tendo como estudo não somente sua visão de mundo, mas também sua biografia. Com isso, poderemos ter alguns esclarecimentos sobre o tema e aprenderemos ainda mais sobre o homem que dedicou boa parte de sua vida a entender a natureza americana e os seus “outros”.

Fontes utilizadas

AZARA, Félix de. Viajes por la América del Sur de Don Félix de Azara, Comandante de la Comisión de Límites Española en la Sección del Paraguay. Desde 1789 hasta 1801, en los cuales se dá una descripción geográfica, política y civil del Paraguay y Río de la Plata: la historia del descubrimiento y conquista de dichos países, con numerosos detalles sobre la historia natural y sobre los Pueblos Salvajes, que habitan en la expresada región, a la que se acompaña una exposición de los métodos empleados para sujetar y civilizar a los naturales de la citada sección de la América. Bernardino Rivadavia, prólogo de Florencio Varela. Biblioteca del Comercio del Plata, 2 tomos, Montevideo, 1850.

AZARA, Félix. de. **Viajes Inéditos desde Santa-Fe a la Asunción, al interior del Paraguay y a los pueblos de misiones.** (Da coleção de documentos de Estanislao S. ZEBALLOS. Buenos Aires,1873

AZARA, Félix de. **Memorias sobre el estado rural del rio de la Plata**. Batoví, 1801.
Manuscrito disponível no site:
[http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/angelis/CMC_MS508_09_0135/](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/angelis/CMC_MS508_09_0135/CMC_MS508_09_0135.pdf)
[CMC_MS508_09_0135.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/angelis/CMC_MS508_09_0135/CMC_MS508_09_0135.pdf). Último acesso feito no dia 05/02/2015.

AZARA, Félix de. **Descripción e Historia del Paraguay y del Río de la Plata** (Obra Póstuma, Brigadier de la Real Armada y autor de las obras tituladas “Apuntes para la Historia de los cuadrúpedos y Pájaros del Paraguay” y de otras. La publica su sobrino y heredero, el señor Don Agustín de Azara bajo la dirección de Don Basilio Sebastián Castellanos, Caballero de las órdenes de Isabel la Cató-

lica y de San Genaro. Anticuario de la Biblioteca Nacional, etc. etc. autor de varias obras literarias, de la biografía de dicho autor que concluye la obra y de las notas que la ilustran. Con retrato. Imprenta de Sánchiz, Madrid, en 4°, Tomo I, pp. i-iv + 1-347 + [1]; Tomo II, pp. 1-286 + [2]. 1847.

Referências bibliográficas

BALLARÍN IRIBARREN; Julio Rafael CONTRERAS ROQUÉ y Manuel ESPAÑOL GONZÁLEZ (Coordenadores): **Tras la huellas de Félix de Azara (1742-1821). Ilustrado altoaragonés en la última frontera sudamericana**. Fundación Biodiversidad – Diputación de Huesca, Huesca, 2006.

BEDDALL, Barbara G. Essay review: Spanish science and the New World. **The Journal of the History of Biology**, 1983. 16.3 , p 433-440.

BEDDALL, Barbara G. The isolated Spanish genius: Myth or Reality? Félix de Azara and the birds of Paraguay. **The Journal of the History of Biology**, 1983. 14.2, p. 225-258.

BEDDALL, Barbara G. Un naturalista original: Don Félix de Azara, 1746-1821. **The Journal of the History of Biology**, 1975. 8.1, p. 15-66.

BOURGUET, Marie-Noëlle. O Explorador. In: VOVELLE, Michel (dir.). **O homem do Iluminismo**. Portugal: Presença, 1997. p. 209-249.

CAMARGO, Fernando da Silva. **A pendenga interminável: as demarcações do tratado de Santo Ildefonso**. Anais da XXIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica Curitiba, 2004.

CAMARGO, Fernando da Silva. **O Malón de 1801: A guerra das laranjas e suas implicações na América Meridional**. Passo Fundo: Editora Clio, 2001.

CAMARGO, Fernando da Silva. O reformismo Bourbônico no Prata: 1776/1801. **Ca-**

dermo de Resumos da XXIV Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Curitiba, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Editora Vozes. Petrópolis, 1998.

CERVO, Amado Luiz; RAPOPORT, Mario (orgs.). **História do Cone Sul.** Revan; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

COASE, R. H. Adam Smith's View of Man. **Journal of Law and Economics**, Vol. 19, No. 3, 1776: The Revolution in Social Thought (Oct., 1976), pp. 529-546 Published by: The University of Chicago Press Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/725080> Accessed: 11/05/2014 11:02

CONTRERAS ROQUÉ, Julio Rafael. **Félix de Azara: Su vida y su época. Tomo Primero: La forja de un ilustrado altoaragonés (1742-1781).** Zaragoza: Calidad Gráfica, 2010.

CONTRERAS ROQUÉ, Julio Rafael. **Félix de Azara: Su vida y su época. Tomo Segundo: El despertar de un naturalista. La etapa paraguaya y rioplatense (1782-1801).** Zaragoza: Calidad Gráfica, 2011.

CONTRERAS ROQUÉ, Julio Rafael. **Félix de Azara: Su vida y su época. Tomo Tercero: El retorno a Europa. La tormenta y la etapa final (1802-1821).** Zaragoza: Calidad Gráfica, 2011.

DA ROSA, Juan Justino. Historiografía lingüística del Río de la Plata: las lenguas indígenas de la Banda Oriental. **Boletín de Filología**, Santiago, v. 48, n. 2, jul. 2013. Disponible en <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-93032013000200007&lng=es&nrm=iso>. accedido en 10 abr. 2014. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-93032013000200007>.

FELIPPE, Guilherme Galhegos **A cosmologia construída de fora: a relação com o outro como forma de produção social entre os grupos chaquenhos no século**

18. Tese (Doutorado) -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, RS, 2013.

FERREIRA NETO, Edgard. História e Etnia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 2011.

FIGUEROA, Marcelo. En los márgenes del Imperio Español y de la Historia natural: Félix de Azara colector (1787-1789). Tucúman: **Prohistoria**, jan./fev. de 2011. Vol. 15. SciELO Argentina. Link: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-5042011000100001, acessado em: 10/04/2013.

GALERA, Andrés; FRÍAS, Marcelo. Félix de Azara y George Lucien Leclerc: dos formas de iluminar la naturaleza americana. Madrid: **Asclepio** \. XLVIII-1-1996. p. 27-36.

GALERA GÓMES, Andrés. **Descripción general del Paraguay**. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

GERBI, Antonello. **O Novo Mundo: História de uma Polêmica 1750 - 1900**. Companhia das Letras: Rio de Janeiro, 1996.

GLICK, Thomas F.; QUINLAN, David M. Félix de Azara: The myth of an isolated genius in Spanish science. **The Journal of the History of Biology**, 1975. 8-1, p. 63-83.

GOLIN, Luiz Carlos Tau. **A Fronteira: Governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

GÓMEZ, Leila. **Iluminados y tráfugas. Relatos de viajeros y ficciones nacionales en Argentina, Paraguay y Perú**. Madrid: Iberoamericana, 2009.

HERRERA, Luiz Alberto de. **La Revolución Francesa y Sud América**. Montevideo,

1910.

MARILUZ URQUIJO, José M. **El Virreinato del Río de la Plata en la época del Márques de Avilés (1799-1801)**. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1987.

MARTÍNEZ MARTIN, Carmen. Aportaciones cartográficas de Don Félix de Azara sobre el Virreinato del Río de la Plata. **Revista Complutense de Historia de América**, 23. Servicio de Publicaciones, UCM. Madrid, 1997. p. 167-192.

MARTÍNEZ SHAW, Carlos. **El siglo de las Luces: las bases intelectuales del reformismo**. História de España. Madri, 1996. N° 19.

MARTÍNEZ RICA, J. P. **Las raíces de las ideas biológicas de Félix de Azara**. Revista de la Real Academia de Ciencias, Zaragoza, 2008, v. 63, p. 101-164.

MARTINS, M. Cristina Bohn (Org.); MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (Org.). **Herbet Smith: um naturalista em viagem pela América Meridional**. 1. ed. São Leopoldo: Oikus, Ed. da Unisinos, 2013.

MONES, A; KLAPPENBACH, M. A. **Un ilustrado aragonês en el Virreinato del Río de la Plata: Félix de Azara (1742-1821)**. Estudios sobre su vida, su obra y su pensamiento. Anales del Museo Nacional de Historia Natural de Montevideo. 1997.

NAVASCUÉS, Javier de. Félix de Azara y la prosa ilustrada en el virreinato del Río de la Plata. **Pamplona**: Universidad de Navarra, 2004. p. 211-221.

PORTO, Maria E. M. Reformismo Ibérico e experiências americanas: a constituição de um saber local no século XVIII. **Vivência**. N° 38. 2011. pp. 115 - 128.

RAMÍREZ, Natalia; GUTIÉRREZ, Germán. Félix de Azara: Observaciones conductuales en su viaje por el Virreinato del Río de la Plata. Valência: **Revista de Historia de la Psicología**, 2010. Vol. 31. n° 4. p. 51-74.

REMOND, René. **Por uma História Política**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora

FGV, 2003.

RIBEIRO, Pedro Freire. **Raízes do pensamento político da América Espanhola: 1780-1826**. Eduff. Niterói, RJ. 1995.

RUDÉ, George. **A Europa do século XVIII: a aristocracia e o desafio burguês**. Lisboa: Gradiva, 1988.

SECRETO, Maria Verônica. **Negros em Buenos Aires**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013

SIRTORI, Bruna. **Nos limites do relato: indígenas e demarcadores na fronteira sul da América ibérica no século XVIII**. Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 2009.

SOLER PASCUAL, Emilio. Oposición política en la España de Carlos IV: la conspiración Malaspina (1795-1796). **Revista de historia moderna**. N. 8-9 (1988-1990). ISSN 0212-5862, pp. 197-217

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. 4º edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **Goya: à sombra das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **O espírito das Luzes**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **Nosotros y los otros**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2013.

TORRENS, Fernando. La aportación de Félix de Azara al conocimiento geográfico de América meridional en el siglo XVIII. Barcelona: **Revista de Geografía da Universidad de Barcelona**. 1978. Vol. 12-13. p. 49-62.

VICENTE ALGUERÓ, Felipe-José de. **El catolicismo liberal de España**. Encuentro:

Madrid, 2012.

VENTURI, Franco. **Utopia e Reforma no Iluminismo**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

VOLTAIRE, François Marie. **Cândido ou o Otimismo**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

WEBER, David J. **Bárbaros: Spaniards and Their Savages in the Age of Enlightenment**. Yale University Press: Yale, 2005. Kindle Edition.

Anexos

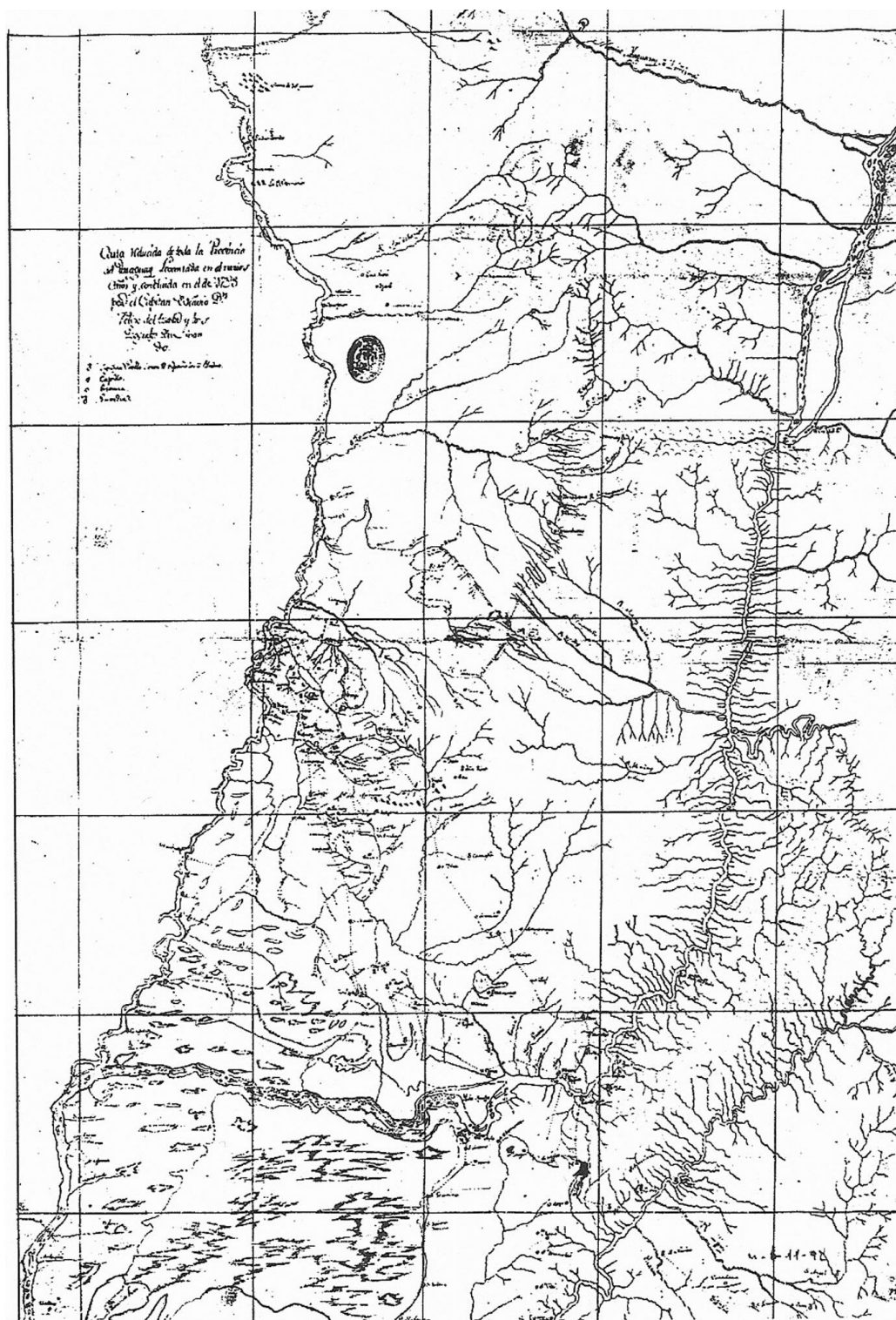


Figura 6 - Carta reducida de toda la Provincia del Paraguay levantada en varios años y concluida en 1793 por el Capitán de Fragata D. Félix de Azara y los geógrafos en mando. Em CONTRERAS ROQUÉ (2011: p. 133).

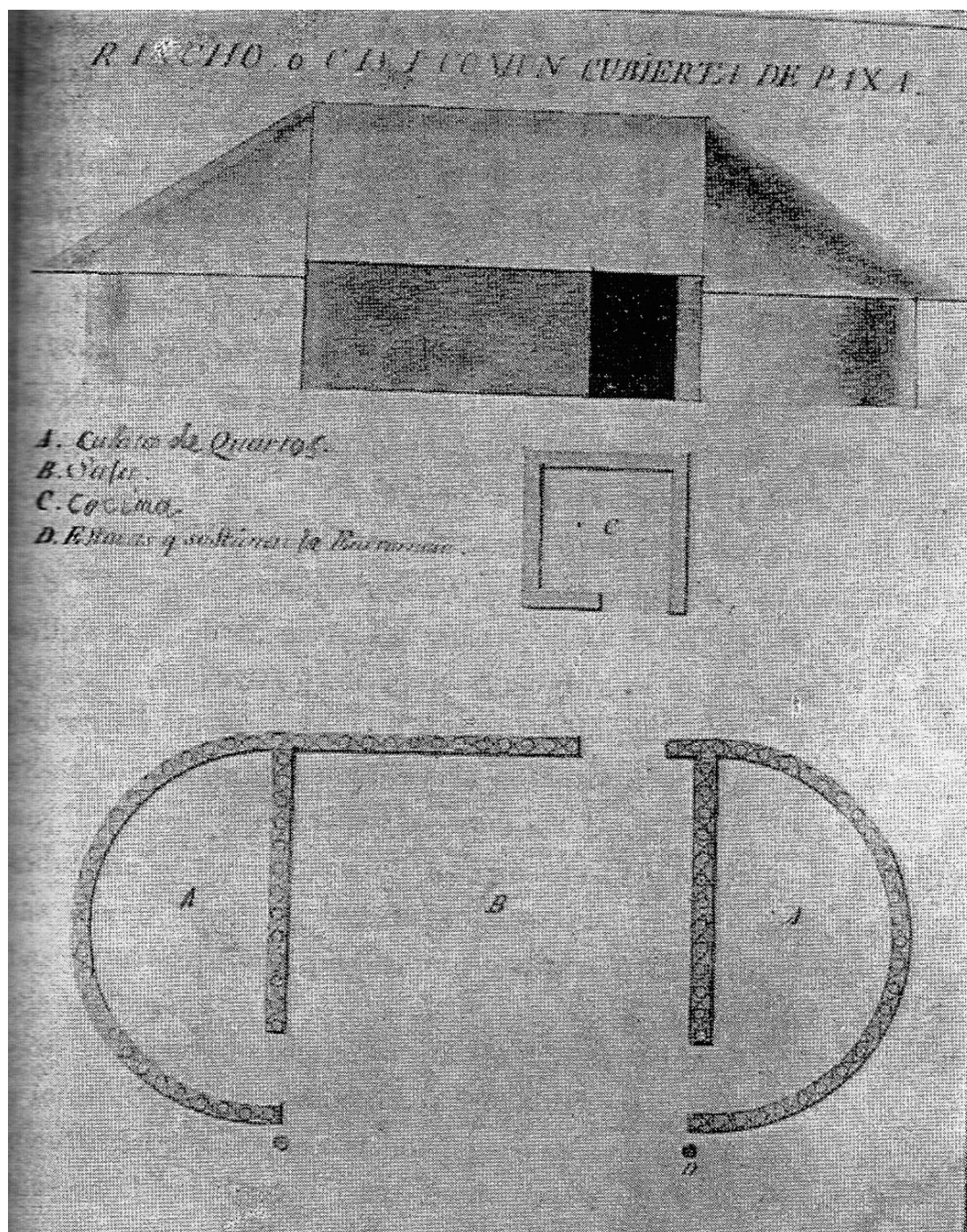


Figura 7 - Típica casa paraguaia. Desenho de Félix de Azara. Em Azara (1904: p. 15).

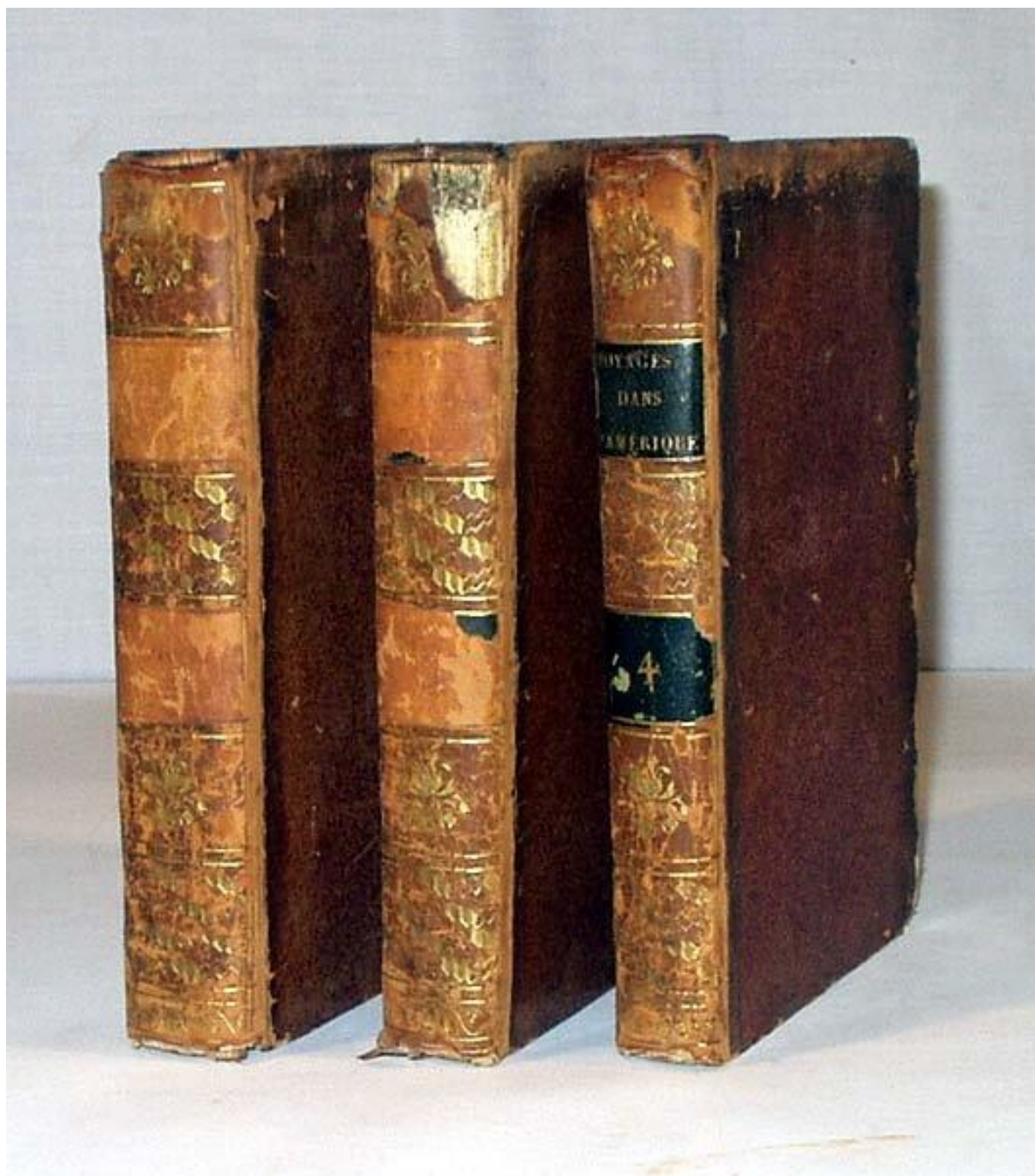


Figura 8 – Três tomos da primeira edição do *Voyage* (1809).
Link: <https://www.liveauctioneers.com/item/5845768> Acessado em: 02/05/2014.

VIAJES POR LA AMERICA DEL SUR

De Don

FELIX DE AZARA,

COMANDANTE DE LA COMISION DE LIMITES ESPAÑOLA EN LA
SECCION DEL PARAGUAY.

DESDE 1789 HASTA 1801.

En los cuales se da una descripción geográfica, política y civil del Paraguay y del Río de la Plata : la historia del descubrimiento y conquista de dichos países, con numerosos detalles sobre la historia natural y sobre los pueblos salvajes, que habitan en la expresada región, á lo que se acompaña una exposicion de los medios empleados por los jesuitas para sujetar y civilizar los naturales de la citada seccion de la América. Todo ello arreglado á los manuscritos de su autor, con una noticia sobre su vida y sus escritos, publicada por C. A. Walckenaer. Con notas de Mr. G. Cuvier, secretario de la clase de ciencias físicas del Instituto.

Segunda Edicion



MONTEVIDEO
1850.

Figura 9 – Livro *Viajes por la America del Sur*, segunda edição, traduzido por Bernardino Rivadavia.

135

 Memoria rural del
Rio de la Plata,
Escrita por D.^o Felix de Azara

El haber viajado por todos los Campos, Parroquias y Fronteras del ^{Suro del} Estado Rio, y por gran parte de las campiñas del Norte, por la frontera del Brasil, y por las Provincias del Paraguay, Misiones y Corrientes: el haber hecho de todo un Mapa; y el haber leído todas las historias impresas y manuscritas del pays, como igualmente multitud de Papeles antiguos y modernos; me pusieron en disposición de escribir una Historia y Descripción crítica del Paraguay y Rio de la Plata. Y aunq.^{ue} la estoy finalizando, con animo de publicarla impresa; como esto no puede esperarse tan en breve por mis circunstancias y las de la Guerra, me ha parecido separar de otra obra las siguientes noticias, juzgando convenir q.^{ue} se sepan cuanto antes. Se reducen à hechos, y reflexiones; los primeros tan evidentes, que no pueden dudarse; y las segundas creo sea ~~las~~ justas y convenientes; pero como cabe en ellas haberme equivocado, se podrán rectificar y mejorar por otros, y tambien extender algunas; por que quizás he incurrido tal qual vez en el lo mismo, figurandome convenia así al plan de mi obra. En el libro 2.^o Cap.^o 2.^o, N.^o 26 y siguientes se lee lo que literalmente corrio

Tratado de la Segunda clase, ó de la gente

Figura 10 - Primeira página do manuscrito de Memoria Rural del Rio de la Plata (1801). Biblioteca Nacional (RJ).



Figura 11 - Estátua de Félix de Azara no Museu de História Natural de Barcelona, feita por Eduard Alentorn em 1884. Site da imagem: https://c2.staticflickr.com/6/5453/8800590515_2d6b675e73_b.jpg Acessado em 02/03/2014.